

BBE

CIBEC/INEP



B0011194

VALORES HUMANOS, CORPO E PREVENÇÃO

A PROCURA DE NOVOS PARADIGMAS
PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Física e Desportos



9v

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Presidente da República Federativa do Brasil

José Sarney

Ministro da Educação

Carlos Sant'Anna

Secretário-Geral do MEC

Ubirajara Brito

VALORES HUMANOS, CORPO E PREVENÇÃO

**A PROCURA DE NOVOS PARADIGMAS
PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Física e Desportos**

VALORES HUMANOS, CORPO E PREVENÇÃO

A PROCURA DE NOVOS PARADIGMAS
PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Autores:

Cláudio Cortes Paiva
Denise Doneda
Denise Vourakis Dias
Eduardo Henrique de Rose
José Mário Simil Cordeiro
Lamartine Pereira da Costa
Richard Bucher
Silvino Santin

Organizador:

Geraldo Quintas

Apoio:

Centro de Orientação Sobre Drogas e Atendimento a Toxicómanos - CORDATO/Universidade de Brasília
Fundação Educacional do Distrito Federal

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Física e Desportos

Brasília-DF, outubro de 1989

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Manoel Gomes Tubino

SUBSECRETARIA DE ESPORTE PARA TODOS

Geraldo Gonçalves Soares Quintas

Revisão

Ivone T. Cogo

B823v

Brasil. Ministério da Educação.

Secretaria de Educação Física e Desportos

Valores humanos, corpo e prevenção: a procura de novos paradigmas para a educação física / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física. - Brasília: A Secretaria.

1989.

120p.

1. Educação física - Paradigmas

2. Prevenção

I. Título.

CDU 796.4

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO Lamartine Pereira da Costa Richard Bucher	9
1 - CAMINHOS DE RESTAURAÇÃO DO HUMANO Silvino Santin	13
2 - A EDUCAÇÃO FÍSICA E VALORES HUMANOS Lamartine Pereira da Costa	27
3 - ADOLESCÊNCIA E CORPO Denise Doneda	41
4 - MOTIVAÇÕES AO USO DE DROGAS Cláudio Cortes Paiva	49
5 - CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA COMPREENSÃO DAS TOXICOMANIAS José Mário Simil Cordeiro	55
6 - DROGAS E SEUS EFEITOS Denise Doneda Denise Vourakis Dias	61
7 - O USO DE ANABÓLICOS ESTERÓIDES E SUAS REPERCUSSÕES NA SAÚDE Eduardo Henrique de Rose	81
8 - O CORPO, AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (DST) E A SIDA/AIDS Richard Bucher	91
9 - AÇÕES PREVENTIVAS: SENTIDO E ALTERNATIVAS Richard Bucher	101
CONCLUSÃO Lamartine Pereira da Costa Richard Bucher	111
SOBRE OS AUTORES	113

DA CRISE ATUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS

Há algum tempo, o Ministério da Educação, através de sua Secretaria de Educação Física e Desportos, associou-se ao Ministério da Saúde, buscando as interseções possíveis do exercício físico com aspectos relacionados com a prevenção da saúde dos brasileiros.

Por sua vez, a Educação Física, como campo de atuação humana, prossegue na busca de novos paradigmas, que possam enriquecer o seu conteúdo, quanto ao alcance social de seus caminhos, e ao mesmo tempo consiga redimensionar a sua própria relevância diante dos seus usuários. Tudo isto acontece justamente no momento em que a Educação Física atravessa sua maior crise de identidade. Para a percepção desta crise da Educação Física, basta recordá-la nas suas delimitações anteriores e através de seus conteúdos e objetos, ora relacionados com a escola, ora com a saúde, ora com a recreação, ora com o esporte.

Quando verifica-se o esgotamento dessas abrangências como conteúdos únicos da Educação Física, observa-se com nitidez que não se pode mais entendê-la por objetos isolados e sim através de sua multidiversidade de propósitos e relações, as quais formam a sua própria rede de penetração social.

Para encontrar-se uma possível saída nesta crise de identidade, recorre-se a Santin, o qual ao reconhecer que a realidade da Educação Física é a realidade humana, nega o conceito de corpo material, e reconhece no homem uma corporeidade, compreendendo movimento, gesto, expressividade e presença. Nesta mesma direção, o corpo para Cagigal, entendido como a primeira experiência cosmológica do homem, e o fenômeno corporal, explicado por Merleau Ponty pela expressividade, palavra e linguagem, podem ser sintetizados e explicitados como todo o contato com o mundo.

Desse modo, ao reconhecer-se que na questão do corpo estarão as possibilidades de novos paradigmas da Educação Física, é essencial que também se entenda que os valores humanos e a prevenção, ganharão ênfase nesta nova perspectiva de discussão.

Assim sendo, ao relacionar-se a Educação Física com a prevenção, atinge-se toda a problemática das possíveis agressões ao corpo vivido, enquanto que na referência aos valores humanos, estará inserida a sua própria ética.

MANOEL JOSÉ GOMES TUBEMO
Presidente do Conselho Nacional de Desportos
e
Secretário de Educação Física e Desportos do MEC

INTRODUÇÃO

Lamartine Pereira da Costa
Richard Bucher

A prevenção para a saúde em geral, ao uso e abuso de drogas em particular, se deixa conceber de várias maneiras. O sanitarista pensa em termos epidemiológicos, o agente da ordem em termos de repressão, o intelectual pensa na liberalização dos costumes acompanhada da responsabilização de cada um, o religioso na renúncia em prol de valores "superiores", o moralista na pregação da abstinência em benefício do "bem" coletivo. No entanto, para que a ideia da prevenção seja bem sucedida, encontre receptividade na "população alvo" - representada, no fundo, pela sociedade como um todo - e surta efeitos tangíveis, é fundamental que as suas ações ou "campanhas" sejam norteadas por ideais construtivos, por valores humanos claramente pensados e expostos, por objetivos baseados em uma concepção humana do humano do homem - em suma, por balizas bem definidas que levem em conta as características psicológicas e sociais do ser humano sobre o qual se quer intervir. Para tanto, e para que os tipos de intervenção preventiva possíveis não fiquem abstratamente pendurados no ar, cabe perguntar-se o que se quer prevenir, para quem e ao pedido de quem, uma vez que uma "prevenção geral e irrestrita" não é passível de realização.

A hesitação de intelectuais diante do problema de consumo de drogas legais (tabagismo, álcool, medicamentos etc) ou ilegais (cocaína, maconha, heroína e outras) é, em princípio, justificável: como definir posições contra ou a favor, se de um lado interfere-se na liberdade e de outro se compartilha da degradação de

peçoas? Como difundir ideias libertárias e simultaneamente agir de forma repressiva? Como assumir atitudes contra a indução ao consumo sem imiscuir-se com interesses policialescos?

Embora estes dilemas e outros afins incentivem a reflexão, a elite pensante não conseguiu superar seu estado de perplexidade diante das substâncias que oferecem momentos de liberação e prazer, às vezes à custo do próprio corpo, senão da mente. Incluem-se neste grupo, com mais razão, reformistas ainda surpreendidos com uma forma de dominação social não prevista por qualquer das ideologias políticas correntes, aquela do narco-tráfico. Enquanto tal, este domínio começa a suplantar governos e deteriorar a ordem social de vários países, o que tem levado à repressão, por vezes violenta, por parte de alguns deles, sem distinção de regime político, de religiões praticadas ou de convicções liberais afixadas.

Excluem-se forçosamente dos hesitantes aqueles dedicados às áreas de saúde - intrinsecamente física, psíquica e social — que por razões de dever profissional envolvem-se diretamente com consumidores terminais de drogas necessitados de auxílio. Mesmo assim, o conhecimento temático e as intervenções ocorrem no plano da prática científica, mantendo-se o estado de passividade quanto às demais implicações de uma problemática nitidamente mais ampla. Algo semelhante pode ser verificado quanto às áreas de direito, serviço social, sociologia política etc, que compartilham de

aspectos setoriais seja do uso ou seja do domínio das drogas.

Exceções à parte, a intelectualidade não poderá se manter distante do problema de drogas enquanto este se ampliar continuamente nas suas múltiplas proporções. Ela terá seu papel social comprometido se não produzir manifestações ao se atingir um limiar a partir do qual será necessária uma interpretação das relações e repercussões de algo que poderá se tornar um flagelo. Quem mais poderá fazê-lo? Quem desenvolveu habilidades e artes para compreender a sociedade e lhe indicar caminhos? Quem pode desenvolver soluções que dispensem violência e autoritarismo?

As recentes "soluções" de confinamento e controle monitorado de adictivos, discutidos ou adotados por vários países ditos avançados, constituem uma experiência concreta que confirma o apelo à força quando inexistem referenciais teóricos dos cientistas e éticos dos humanistas. A não ser que se aceite como definitivo que os intelectuais da atualidade deixaram-se dominar pela razão cética - uma versão cínica do pragmatismo - a alternativa válida é a crítica social. Somente esta, como no passado, pode ser o ponto de partida para fugir à superficialidade e aos instrumentos totalitaristas.

Não se quer, com este postulado, que se assumam uma postura ingênua, mobilizadora de adeptos de uma causa ainda difusa. O particular exemplo da educação, enquanto função primordial da sociedade, é sintomático: além de dificuldades internas, o setor educacional tem recebido incumbências de solucionar problemas complexos da civilização em que está inserido, o que tem provocado congestionamento e dissolução dos meios de formação. Certamente aqui não se deseja atribuir aos intelectuais idêntico papel universalista sem consequências práticas, nem isentá-los de responsabilidades. Apenas se propõe uma predisposição crítica que possibilite uma problematização mais profunda.

Com este propósito planejou-se a presente publicação que visa a oferecer meios para se discutir ou simplesmente se informar sobre o problema das drogas, dentro das atuais perspectivas brasileiras. Pretende-se, também, que os textos tivessem como destinatários professores e alunos do ensino superior, em particular de educação física, parcela importante da intelectualidade e potencialmente interessada no futuro do país e no desenvolvimento de sua sociedade. Longe de intencional a produção de um simples roteiro de precauções quanto à saúde, os autores foram escolhidos não só pelo saber, técnica e experiência mas sobretudo pela crença no diálogo como meio privilegiado de conscientização e sedimentação de conhecimentos. Não poderia ser produzida de outro modo esta publicação, reconhecendo-se a fundamental autonomia in-

telectual a ser mantida nos professores e inculcadas nos universitários brasileiros.

Portanto, não houve preocupações em compatibilizar ou uniformizar os textos ora em introdução, uma vez que os autores foram preservados em sua independência, após consenso quanto ao propósito central da publicação. Acrescenta-se, contudo, que houve ênfase sobre a discussão da problemática de drogas sob o enfoque humanístico, especialmente referido ao corpo, sempre corpo vivido, em enlace íntimo com a cabeça e o coração. Nestes termos, a problematização inicia-se por um delineamento crítico da sociedade atual, passando para um estágio de maior especificidade quanto à intervenção educacional, e termina com contribuições diversas de ordem técnica-empírica, mas sem cair na cilada de uma instrumentalização irrefletida.

A inovação, no caso, acontece com o papel intermediário da educação entre as abordagens filosóficas e científicas ao retirá-la da função habitual de repositório último de soluções complexas. Por oportuno, optou-se pela área de educação física como representativa da discussão de fundo educacional, não só pela afinidade ao tema do corpo mas também pela tradição de "ponte" entre a visão humanista e a visão bio-físico-psicológica.

Importa realçar que a escolha da educação física como intermediária das diferentes contribuições aqui apresentadas, não tem o significado de atribuir aos professores e estudantes da área uma "especialização" na temática das drogas. Isto seria uma contradição com o pressuposto da responsabilidade global e um risco objetivo de repetir o equívoco praticado contra a educação como um todo.

Entretanto, para contextualizar a educação física em futuras discussões, atribui-se de modo preliminar um sentido de busca paradigmática à sequência aqui estabelecida: valores humanos, corpo, prevenção. Além desta base as decisões estão afetadas ao livre arbítrio de professores e alunos em face às diversas formas de problematizar as questões dos textos adiante.

A sequência em pauta de fato não é arbitrária. Os três termos são intimamente concatenados e devem ser entendidos juntos, se se quiser planejar e executar ações preventivas integradas em uma educação holística, e não aplicadas a corpos robotizados, dentro do contexto da sociedade moderna, a ser (re-) humanizada. Não seria este o risco de uma certa "modernidade": aquele de considerar o ser humano, o indivíduo, não como um fim, mas como um meio, usado e manipulado em função de desígnios definidos por aparelhos que ultrapassam (e de fato esmagam) aqueles que os compõem.

Hoje em dia, a insistência sobre a responsabilidade pela preservação do mundo ambiental, o crescimento da consciência ecológica e as advertências contra o abuso de drogas formam uma unidade temática que exige com certeza abordagens diferenciadas, mas que devem respeitar o seu elo de interseção: o homem. Assim, há semelhanças entre a poluição ambiental da atmosfera, das florestas, dos rios e mares, e a poluição mental provocada pelas drogas; cabe a uma ecologia verdadeiramente holística, isto é, humana, destrinchar estes elementos e combiná-los em intervenções conscientes, baseadas na reflexão ética sobre os valores humanos que a eles dão sentido.

Quanto a intervenções específicas em prevenção ao abuso de drogas, cabe não esquecer que os fenômenos de drogadição resultam, eles também, de um encontro que comporta uma sequência semelhante àquela que forma o título desta publicação: o encontro entre a pessoa (a sua personalidade e os seus valores), o produto (e os seus efeitos no corpo) e o contexto sócio-cultural (que, em perfeita ambiguidade, incentiva consumos viciantes de tudo o que der lucro, e preconiza ações preventivas contra os danos que aqueles provocam). Tomara que as ideias discutidas a seguir, contri-

buam para conscientizar mais a respeito destas questões e contradições, tanto os professores e alunos de educação física quanto outros interessados, desmascarando as ambiguidades apontadas e levando, paulatinamente, à elaboração de ações preventivas tecnicamente viáveis e eticamente aceitáveis.

Esta confiança num futuro melhor inclui necessariamente aqueles que estudam e debatem o problema da credibilidade, competência e legitimação das autoridades que intervêm nos fatos sociais por força da função. Sendo um problema mais amplo do que o tematizado por esta publicação, não se julgou conveniente abordá-lo nas superficialidades, o que não significa que deva ser minimizado. Note-se que um desafio tão importante quanto ao abuso de drogas é o aperfeiçoamento das instituições nacionais. Neste evoluir depararemos com as tradições culturais da nação e sua conseqüente moral social, que solicitam estudos mais profundos do que o presente, ora em apresentação. Alguramos, então, que os textos que se seguirem sirvam também para meditação e exemplo para as autoridades hoje questionadas, tanto quanto para os destinatários desta publicação na sociedade civil.

1

CAMINHOS DE RESTAURAÇÃO DO HUMANO

Silvino Santin

- O Enigma da Vida
- Sonhos de liberdade e de autonomia
- A procura do humano
- Um mundo sem sentido
- Um laboratório de ilusões
- O reencontro das harmonias
- As ideias como arte

*"O Herói, o Homem. O culto dos heróis é de sempre. Mas enquanto que uma civilização crê, para além deste mundo presente, em um outro mundo eterno onde o bem supera o mal, o grande homem não está só, ele é o ministro de uma Providência."
(Merleau-Ponty, *Sens e Non-Sens*)*

O ENIGMA DA VIDA

"Encontrar um homem é ser mantido em alerta por um enigma". (1) Esta frase de Levinas é suficientemente significativa e eloquente para mostrar como o homem de hoje continua ainda longe de uma compreensão plena de si mesmo, e sente, ao mesmo tempo, toda a grandeza do mistério que o homem é, na expressão de Gabriel Mareei. Dizer que o homem é um enigma ou um mistério, significa afirmar que o homem jamais será totalmente objetivável, apesar de todos os esforços da ciência. O ser humano precisará permanecer sempre de alguma forma inacessível em sua intimidade mais profunda, e isto será indispensável para poder continuar humano. Mas não é esta misteriosidade do homem que preocupa o humanista de hoje, pois esta é a condição humana, a mais humana. Trata-se de um desconhecimento muito mais grave, que é a ignorância das instâncias mais elementares da vida do homem a do não reconhecimento dos perigos que isto representa. Paradoxalmente as ciências esquadrinham, retaliam, dominam e exploram o homem, mas parecem cada vez mais se distanciarem do próprio homem. A técnica tornou o homem mais poderoso, quase todo poderoso, cada vez mais senhor de si mesmo. Mas as pessoas sentem-se cada vez mais divididas e perdidas.

A famosa esfinge do velho Mito de Édipo Rei, postada diante dos pórticos de Tebas e devoradora de todo o transeunte que não a decifrasse, continua de sentinela diante da cidadela científica e técnica do ho-

mem contemporâneo ameaçando devorar impiedosamente os homens da ciência e da técnica, das naves espaciais e dos robots, caso não sejam capazes de reconstruir o humano do homem.

O velho, mas sábio, conselho grego "conhece-te a ti mesmo", parece completamente esquecido pelos homens das descobertas científicas e dos avanços tecnológicos, pelos homens da energia nuclear e das bombas de neutrons.

As ciências em sua preocupação de produzir conhecimentos objetivos acabaram deixando escorrer através dos poderosos tentáculos de sua mão mecânica o especificamente humano do homem. E toda vez que o homem, como indivíduo ou como coletividade, percebe, num determinado momento de sua história, que a ignorância de si mesmo é tanta, ele se sente um desconhecido e perdido dentro de sua própria casa. O reencontro consigo mesmo coloca-se como o único caminho de solução. A tradição de nossa cultura faz resurgir a velha e esperançosa figura bíblica do filho pródigo que, esgotado e aviltado pelo esbanjamento de sua herança paterna, decide voltar a bater a porta do pai, onde tem a esperança de, não só encontrar a compreensão do pai, mas de reencontrar-se consigo mesmo. O filho pródigo contemporâneo, reduzido a um material de laboratório e transformado em um autômato da tecnologia, percebendo ter esgotado sua herança nos prazeres da racionalidade, sente-se impelido a voltar ao aconchego e ao silêncio de sua intimidade.

Sente que é preciso recuperar sua identidade de pessoa. Por isso mais uma vez indaga com toda a força e com muita esperança, que é o homem? A pergunta é a mesma, não é nova, mas ela precisa ser entendida de outra forma. A resposta que reduz o homem a um objeto científico fracassou. Como retomá-la?

Talvez, neste momento, seja bom lembrar Kant e suas quatro perguntas. 1. Que posso saber? 2. Que devo fazer? 3. Que me cabe esperar? 4. Que é o homem? A quarta pergunta, segundo Martin Buber, sintetiza as três primeiras. Isto porque, no momento em que se define quem é o homem, será ele, como homem, aquele que pode conhecer, aquele que deve fazer e aquele que lhe cabe esperar. Portanto as respostas de Kant deveriam começar pela definição do homem. Sabendo-se que é o homem teríamos a chave para as outras três respostas. Mas lamenta Buber que Kant não respondeu, nem sequer tentou responder a pergunta sobre o homem. E Buber se consola, talvez seja o nosso consolo também, que, pelo menos, a pergunta "que é o homem?" continua na base da formulação da missão da antropologia filosófica e se constitui no legado que em nenhum momento podemos renunciar, sem correr o risco de perdermos nossa própria identidade. A pergunta, "que é o homem?", será sempre o despertar da consciência do homem na errância de seu próprio destino?; será sempre a voz que convoca para o retorno de sua própria morada. (2)

Sem dúvida, a pergunta, "que é o homem?", torna-se o grande convite e o grande desafio para recolocar o tema do humano, para reformular velhas e novas questões que ressurgem toda vez que homem se sente ameaçado e perdido. Hoje, realmente, o drama que mais aflige o homem não é a iminência da destruição por uma tragédia nuclear, nem a preocupação com as possibilidades da conquista dos planetas, mas o que o aflige sobremaneira é o reencontro dos caminhos existenciais e a construção da moradia que abrigue e ponha a salvo o humano do homem. Não se trata de construir ou dominar o universo, mas de construir o mundo das existências humanas.

SONHOS DE LIBERDADE E DE AUTONOMIA

Em que princípios a existência humana deveria sustentar-se ou inspirar-se? As filosofias modernas, fundamentalmente, colocaram nas mãos do homem toda responsabilidade de auto-definir-se e auto-construir-se. O homem seria a imagem do homem. Uma vez colocada a razão como o centro de todas as decisões e a racionalidade como o critério último de validade e de verdade, o homem moderno pensou que tudo seria apenas uma questão de tempo. Ele sentia-se seguro e responsável para realizar enfim esta tarefa que devia

ter sido sua desde sempre, mas que não a assumira devido a velhas crenças.

Jacques Monod, em sua obra "O Acaso e a Necessidade", anuncia que a biologia molecular colocara o cientista a caminho do sagrado da vida. Diz ele explicitamente: "O 'sagrado da vida' ", podia então parecer inacessível em seu próprio princípio. Atualmente ele está em grande parte desvendado." (3) (Monod p. 10) E tudo parece indicar que ele acredita que a ciência vai chegar lá.

Com o desenvolvimento da física moderna, desde Galileu Galilei, e confiante no princípio de Francis Bacon de que "saber é poder", o homem contemporâneo acreditou ter chegado a hora de sua autonomia absoluta. Tal convicção parecia solidificar-se diante dos grandes inventos científicos e dos sofisticados artefatos tecnológicos. Com eles seria possível vencer as barreiras tidas, até pouco, como intransponíveis e que, no passado, nem mesmo se pensava em poder transpô-las. As próprias correntes filosóficas apontavam nesta direção proclamando o homem como sujeito da história e dotado de plena liberdade.

Numa observação rápida tudo parecia dispor-se dentro desta previsão. As ciências experimentais conseguiram homogeneizar o universo. Tudo podia ser transformado em objeto do conhecimento. E o que não era objetivável não seria digno de crédito. A diferença entre os céus e a terra, na análise de Japiassu, havia desaparecido. Deus fora dispensado. Sartre chegou a afirmar que "Deus tornar-se-ia uma hipótese inútil e dispendiosa que morreria em sossego e por si próprio". (14) (O Existencialismo é um Humanismo pp. 151/52). Com isto o homem da ciência e da técnica se proclamava senhor absoluto dos céus e da terra. Fizera sua, a audaciosa confissão de Nietzsche: "se há um Deus, como suportaria não ser Deus?" O Iluminismo já elevara aos altares da divindade a razão. Tudo parecia encaminhar-se na direção da auto-suficiência do homem. A liberdade constantemente proclamada garantia-lhe o caminho desta auto-realização.

Os fatos, porém, conspiraram contra o homem. E a previsão não ocorreu como se esperava. Ou, talvez, melhor observado, tudo ocorreu como seria previsível, mas o quê falhou foi a previsão do homem da ciência. De fato a ciência e a técnica construíram, e ainda podem construir, obras maravilhosas, mas acontece que nestas suas construções fantásticas o homem foi reduzido a um simples objeto científico, entre outros objetos. Ele deixou de ser uma pessoa, um cidadão dotado de consciência e de vontade. Ele deixou de pensar para ser pensado. Ele só pensou para propor-se construir a ciência, daí em diante ele passou a ser pensado pela ciência. Ele deixou de querer. Sua vontade se manifestou na hora de optar pelo conhecimento objetivo, daí em diante ele passou a executar as tarefas que este

conhecimento lhe estabelecia. Assim o homem viu-se transformado em uma função, em um autômato a serviço de sua própria ciência. A sociedade humana transformou-se num sistema tecnocrático, ou se quisermos a democracia tornou-se tecnocracia. Assim o homem descobre com perplexidade e desencanto que já não é tão livre quanto sonhara, e que se convertera num mero produto de um sistema de planificação feito por ele, mas que lhe fugiu do controle e, o que é pior, o controla a ele, homem. Dentro desta planificação o homem tornou-se uma simples peça substituível e descartável.

Em meio a esta situação volta-se a retomar a reflexão sobre a dimensão humana e o significado da existência. Coloca-se de imediato a exigência de que precisamos pensar numa existência que se fundamenta no humano do homem. Pensar na existência significaria voltar-se, não para o conceito abstrato do homem, mas para os homens. Este homem que está aqui e agora, isto é, o homem situado dentro dos limites de um momento e de um lugar. Os conceitos metafísicos geraram imagens universais. Os experimentos científicos construíram indivíduos padronizados. É preciso recuar a face original e inconfundível de cada pessoa. É preciso reencontrar os caminhos do homem existencial. Desta maneira a figura da estátua abstrata do conceito da metafísica e as faces frias e calculistas do autômato da ciência precisam ser substituídas, por um homem de carne e osso.

A PROCURA DO HUMANO

Como definir o humano? Os gregos se espelham na natureza (PHYSIS). A humanidade do homem e de cada indivíduo fundava-se na natureza e vinha desde o nascimento. A natureza encarregava-se de desenhar a fisionomia, não só física, mas também psíquica e social de cada ser humano. O indivíduo nascia plenamente identificado. Era só assumir sua condição. A tradição cristã colocou Deus como o espelho do homem. O homem fora criado por Deus imprimindo-lhes sua imagem e semelhança, segundo diz o relato do livro de Gênesis. Cada indivíduo recebe desde o berço uma missão. Cabe a cada um descobrir e executar a vocação a que foi destinado. Assim, o humano do homem está estreitamente vinculado, no caso dos gregos, à natureza, e à Divindade, na tradição cristã.

Com os humanismos antropocêntricos, que começam desde o movimento renascentista do séc. XIV, o homem passou a bastar-se a si mesmo. Ele pretende ser a imagem de si mesmo. Ele coloca-se como o sujeito da história, o fundador da verdade, o dominador do universo e sua auto-criação. Esta ambição fica sintetizada no pensamento de Sartre, "cada um desenha o

seu retrato e para lá deste retrato não há mais nada." (5) (O existencialismo é um humanismo p. 10).

Mas este sonho de auto-realização na autonomia e Uberdade através dos ditames da racionalidade parece ter-se transformado num terrível pesadelo. Os cientistas e filósofos atuais parecem concordar com esse desvio do processo de humanização, e mesmo aceita-se uma aceleração provocada pelos avanços da técnica e da industrialização. Há uma quase unanimidade em aceitar que o mundo tecnocrático representa uma decomposição do mundo humano. Jacques Monod afirma categoricamente, e parece querer expressar o pensamento de muitos cientistas, que "nenhuma sociedade antes da nossa conheceu uma dilaceração semelhante". (6) (O Acaso e a Necessidade p. 189).

Tais fatos despertaram uma consciência generalizada sobre a gravidade do perigo. Constata-se também uma preocupação cada vez mais crescente com a restauração do humano. A crise da humanidade na civilização da ciência e da técnica é, sem dúvida, uma ideia que se impõem cada dia com mais força e convicção. É preciso se fazer alguma coisa sem perda de tempo. Infelizmente tal convicção em aceitar o estado de crise não significa uma tomada de posição concreta. Nem sempre o conhecimento do perigo traz a consciência do mesmo. Por isto embora muitos concordem com a desumanização crescente da ordem social, são poucos, no dizer de Konrad Lorenz, que reconhecem "na demolição do humano uma enfermidade". (7) (Demolição do Homem p. 13).

A constatação da perda do humano e o esforço para sua recuperação acontecem em dois níveis, possíveis de serem identificados, mas que não podem andar separados. O primeiro desenvolve-se como denúncia de todas as situações que agridem e comprometem o humano. O segundo nível dá-se ao se propor como humano, os movimentos ecológicos de aproximação da natureza, a volta às questões dos valores de beleza, de bem e de equilíbrio, os gestos de simpatia, de respeito e de contemplação de todas as belezas e harmonias do universo.

Ao nível das denúncias encontramos uma literatura muito consistente. As denúncias são concordes na sua totalidade em colocar no banco dos réus, como principais responsáveis pelos crimes de desumanização, a ciência e a técnica. E esta atitude não é só da nossa atualidade. Começa desde o momento em que Pascal sente-se aterrorizado pelo silêncio eterno desses espaços infinitos, surgido a partir no Heliocentrismo. O homem acabara de perder seu ponto de referência. O mundo geocêntrico era fechado e ordenado. A terra era o centro e o homem ocupava o centro da terra. Ele era o rei da criação. A partir de agora o homem vê seu mundo destruído, ao mesmo tempo que perde seu lugar. E mais, ele se torna um habitante de um mi-

núsculo planeta. O homem toraara-se um peregrino de um mundo errante no espaço infinito. Esta é apenas a desumanização que se dá a partir da mudança de percepção cósmica, ela pode ser encarada como normal e inevitável. A desumanidade que aflige o homem de hoje tem outra coloração. O que desumaniza o homem contemporâneo são todas as forças de dominação que atentam contra seu modo de ser.

Konrad Lorenz, no meu entender, é a voz mais eloquente e mais efetiva nesta denúncia de desumanização da civilização industrial, em nome das verdades científicas e da eficácia tecnológica. Duas obras dentro desta ótica merecem ser lembradas. A primeira, já no seu título, mostra o alcance da reflexão crítica, "Os oito pecados capitais da humanidade civilizada". O capítulo, "A Morte do calor Humano", (8) sintetiza, por assim dizer, a profundidade desta devastação que sofre o homem da sociedade altamente industrializada e tecnologicada. A segunda, "A Demolição do Humano", segue na mesma linha da primeira, mas as denúncias vêm sempre acompanhadas de seu antídoto humanizante. As forças demolidoras do homem encontrariam, segundo Lorenz, uma resistência muito forte quando o homem recupera seu convívio com as harmonias da natureza. Gabriel Mareei faz coro a Lorenz, denunciando as técnicas de aviltamento. Para ele, as técnicas não fortalecem o homem, este fortalecimento é enganador, pois elas colocam-se, na verdade, contra o humano. Por isso ele denuncia os homens contra o humano (9)(G. Mareei. Os homens contra o humano p. 33 ss.) Merleau-Ponty, além de denunciar a ciência e a técnica, fala das ideologias, que defendem a violência como instrumento de libertação do homem e de sua participação na história, como responsáveis da perda da sensibilidade humana. Libertar pela força é uma forma de dominação; assim como o convencimento pela doutrinação não passa de uma escravização. (10)

Não se pode esquecer a obra de Herbert Marcuse, "Ideologia da Sociedade Industrial", por ser uma das análises mais contundentes da civilização contemporânea. Sua leitura torna-se obrigatória para quem quer sentir os reflexos, provocados pela sociedade industrial, sobre cada cidadão em particular e sobre a coletividade. A sociedade industrial, segundo Marcuse, instaurou um processo de controle total através do fechamento de todos os espaços para as manifestações e contestações sociais livres.

Longo seria o percurso para se avaliar com profundidade a questão da sociedade industrial construída a partir das ciências e da tecnologia. O importante neste momento, é despertar a consciência sobre os temas básicos e polêmicos da nossa sociedade que, no fundo, podem ser os verdadeiros responsáveis por tantos desequilíbrios e revoltas surgidos entre as novas gerações. Esta reflexão crítica pode nos mostrar que

muitos desequilíbrios sociais, entre os quais o alcoolismo, tabagismo, psicotrópicos, etc, não são doenças, mas sim sintomas de doenças. As doenças podem estar nas instâncias que determinam e sustentam a ordem social.

Parece, portanto, ter chegado a hora de realizar a tarefa de reconstruir o humano, começando por libertá-lo de todas as formas de desumanização, tanto materiais, quanto espirituais; aquelas que lhe são impostas pela própria civilização, como aquelas que cada indivíduo acaba se impondo a si mesmo.

UM MUNDO SEM SENTIDO

A perda do humano é apenas uma consequência da perda do sentido do mundo. A própria tradição cristã é, em parte, responsável pela perda do sentido do mundo. O mundo, ensina a Bíblia, é um lugar de passagem e de exílio. Diz o professor Celso Marques que esta desvalorização da vida terrena em benefício da vida "post mortem", associada com a filosofia, está na base da criação da ciência e da tecnologia predatória do Ocidente e na base da ética da ideologia da sociedade de consumo (11) (Diário do Sul, Porto Alegre).

Desde Galileu Galilei o universo deixou de ser o lugar das forças mágicas, o lugar do sagrado, o lugar do exílio e da purificação da humanidade a caminho da eternidade, para se tomar um imenso livro escrito em linguagem matemática e ilustrado com figuras geométricas, círculos, triângulos, retângulos, etc. A partir deste momento as ciências se constituíram na explicação do universo e a técnica recebeu a tarefa de dominá-lo e transformá-lo. Acabara, assim, a fase da admiração e da contemplação do mundo e das atividades coletoras, para dar início à fase do regime do trabalho transformativo, para não dizer predatório, da natureza. Esta exigência da dominação e de transformação instaurou, rapidamente, uma luta implacável do homem contra a natureza. Uma luta que, no dizer de Paul Ricoeur, não é mais um simples "meio de sobrevivência, mas transformou-se numa maneira de viver do homem da sociedade da produção e do consumo." (12) (Rev. Paz e Terra).

O sentido do universo passou a ser determinado pelo -conhecimento objetivo das ciências exatas. As relações do homem com o mundo passaram a ser estabelecidas pela técnica. O sentido do humano, inspirado na imaginação, na sensibilidade e nas dimensões valorativas, ficou em segundo plano e, com o tempo, deveria desaparecer como impecílio do progresso científico e tecnológico. Diante desta nova situação Pascal sentia-se aterrorizado e lamentava que "já não seria possível ouvir as harmonias das esferas celestes nem as

cantatas dos anjos." (13) (In Morte das Ciências Humanas.) E, mais recentemente, Max Scheller acrescenta que "o espaço de Newton é o vazio do coração" (14) (A Agonia da Nossa Civilização). A física Galileiana e Newtoniana haviam criado o silêncio e o vazio dos espaços infinitos matematizados e geometrizados, despidos de calor humano e de poesia. O homem começara a perder a palavra e a voz, silenciadas pelos ruídos das engrenagens da grande máquina cósmica, e substituídas pelos algarismos, pelas linhas e pelos cálculos. Os espaços, o tempo e os fenômenos da natureza não terão mais o significado inspirado na maneira de viver dos homens, as intencionalidades subjetivas perderam seu valor. Agora só há durações, distâncias e fatos físicos quantificáveis e mensuráveis. Não há mais, para as ciências da objetividade, juízos de valor, mas apenas conhecimentos objetivos. Jacques Monod explicita com muita clareza esta situação ao dizer que "é verdade que a ciência atenta contra o valores, não diretamente, uma vez que ela não é juiz deles e deve ignorá-los mas destrói todas as antogenias míticas e filosóficas nas quais as culturas tradicionais faziam repousar os valores, a moral, os deveres, os direitos, as proibições". (15) (O Acaso e a Necessidade, 190).

As ciências, sem dúvida nenhuma, destruíram todos os pontos de referência, inspirados nas tradições míticas e do sagrado, a partir das quais o homem elaborava a compreensão do mundo e de si mesmo, ao mesmo tempo que estabelecia suas ligações com o universo. A tecnologia científica fez com que os rituais sagrados e mágicos se tornassem inúteis e ineficazes, símbolos do primitivismo do homem, a ser superado e esquecido. Este desmoronamento de todas as tradições, de todos os valores, escreve Gusdorf, arrisca tragar a comunidade humana na catástrofe de um niilismo radical. (16) (A agonia da nossa civilização p. 21)

Hoje e cada vez mais, a humanidade está tendo consciência de que a proposta da ciência e da técnica em transformar o mundo num mero aglomerado de objetos manipuláveis, significou a destruição do mundo do homem e, o que é muito pior, está ameaçando aniquilar o mundo e, com ele, varrer da face da terra não só o homem mas também toda forma de vida. "Muitos pensadores já notaram esse fato, e muitos livros contêm já claramente o reconhecimento de que o extermínio do meio ambiente e a decadência da cultura caminham juntas, passo a passo." (17) (A demolição do Homem p. 13) É preciso salvar o homem, mas para salvar o homem é indispensável que se comece por salvar a natureza. Em nome de quem e de que propor a salvação? Em nome da ciência? Mas foi ela a grande responsável pela tragédia. Em nome das tradições? Mas foram todas destruídas. Em nome do próprio homem? Mas que homem? O homem da era industrial é um homem sem história, sem tradição e sem memória. A ciência o deixou sozinho na imensidão indiferente do universo de onde teria emergido por acaso. (18) (O

Acaso e a Necessidade p. 198) Rompido com sua tradição cultural o homem contemporâneo tornou-se um homem do momento, da moda, do último lançamento, da última notícia. Um homem que vive da novidade, do sabor das novas emoções, do desprezo do que aconteceu ontem. O descartável e o renovável são os valores fundamentais do seu pensar e agir.

A perda do seu solo cultural, onde podia pisar com segurança, jogou o homem aos espaços, e um sentimento de solidão, de vazio, de sem sentido, instalou-se na mente e no coração de cada ser humano. E agora precisa reconstruir o mundo para reencontrar-se. É preciso reencontrar um referencial capaz de re-dimensionar a existência humana. Esse parece, no momento, ser o ponto mais crucial da reconstrução do humano. Jacques Monod, aparentemente, parece mostrar que não haveria saída quando afirma que "é supérfluo buscar sentido objetivo da existência. Ele simplesmente não existe. O homem não é um elemento dentro de um plano que preside todo o universo. É o produto do mais cego e absoluto acaso que imaginar se possa. Os deuses estão mortos e o homem está só no mundo. Ele é apenas aquilo que ele mesmo fez de si mesmo. Demócrito tem razão: tudo o que existe no universo é fruto do acaso e da necessidade. O mito de Sísis é verdadeiro: o homem está só e o rochedo ainda rola e rolará sempre."(19) (O Acaso e a Necessidade). O texto não significa necessariamente o fechamento do caminho das soluções, mas coloca nos ombros do próprio homem a responsabilidade de construir o sentido da existência. Não há um sentido objetivo, "a priori" determinado, mas isto não significa que o homem não possa estabelecer um sentido subjetivo de sua existência. A história das culturas mostra que, no fundo, as ordenações do universo das diferentes tradições culturais são fruto da subjetividade da humanidade. Portanto caberia ao homem, em nome de si mesmo como exigência de sua sobrevivência reconstruir o sentido da vida e do universo. É, sem dúvida, nesta direção que apontam as filosofias contemporâneas.

As diferentes correntes existencialistas, de maneira especial, desenvolveram-se como consequência da solidão humana gerada, quer pela ciência, quer pelas metafísicas clássicas. Em ambos os casos o homem existencial mergulhava na solidão porque perdia sua condição de ser-no-mundo para torna-se um conceito ou um objeto. O homem como um ser encarnado no mundo é assaltado pelos sentimentos de angústia, de abandono, de desespero, ao mesmo tempo que ele se manifesta como um ser de compreensão, de preocupação e de sentimento, o que lhe abre a janela da esperança. A angústia, o abandono e o desespero, pelo fato de estar só, não significam um resultado, pois ao perceber-se como um ser de compreensão e de sentimento, elas se transformam em forças dinâmicas que o conduzem a construir sua existência. A angústia o impulsiona a buscar um sentido da existência. Assim co-

mo a angústia foi a criadora de todos os mitos, de todas as religiões, de todas as filosofias, e inclusive a própria ciência. (20) (Monod), p. 185.

O grande mal da sociedade industrializada não está só em ter gerado estes sentimentos de impotência, de vazio e de solidão, mas em ter monopolizado o sentido do universo nos critérios da racionalidade, nos princípios da cientificidade e na eficácia da técnica. A ciência e a técnica constituem uma possibilidade, entre outras, de explicar o universo. Elas não podem ser exclusivas.

Não se trata, portanto, de negar a ciência e a técnica. Elas representam, sob certos aspectos, um aperfeiçoamento da própria natureza. O homem, desde o momento que deixou de agir guiado apenas por seus instintos, procurou organizar sua ação e sua vida segundo os conhecimentos que ia produzindo. Foi assim que o homem dedicou-se com muito empenho em ampliar seus conhecimentos até conseguir construir as ciências. O mesmo pode-se dizer da técnica. Sempre houve um componente técnico na vida do homem. Toda a ação humana está vinculada ao instrumento ou à ferramenta. O homem da pedra lascada fabricava seus utensílios segundo uma técnica, embora rudimentar. Conhecimento e técnica andaram sempre juntos. A mudança que se operou ao longo do tempo transformou a relação do homem com a técnica. Nesta mudança a técnica e a ciência foram consideradas como elementos de definição do homem. A ciência e a técnica escaparam do controle do homem. Elas tornaram-se o único critério de verdade do saber e da validade da ação. A verdade científica confunde-se com a funcionalidade, e a validade da técnica confunde-se com a produtividade. São estas transformações que são visadas quando se pretende questionar a ciência e a técnica. Acontece que a verdade da ciência não é necessariamente a verdade do homem. A produtividade da técnica não é garantia da criatividade do trabalho humano. O trabalhador não é mais o criador de sua obra. Ele é apenas o detentor de uma técnica. O trabalhador artesanal foi substituído pelo operador de técnicas. Ele não é identificado pela obra, mas pela técnica. O que se propõe é conciliar a produtividade tecnológica à criatividade artesanal, reaproximar a verdade da ciência com a verdade do homem.

Diante disto compreende-se porque se tenta voltar ao passado para reencontrar as raízes de nossas tradições culturais. Mas com esta volta ao passado não se pretende recuperar um paraíso perdido. Talvez não seja também uma nostalgia dos valores do passado. Trata-se, isto sim, de resgatar possibilidades de desenvolvimento abandonadas pelas escolhas e opções que a humanidade fez no processo de seu próprio progresso. A existência humana pode ser desenvolvida de diferentes maneiras. Cada indivíduo tem uma existência estabelecida a partir de suas opções. Toda opção im-

plica em deixar de lado outras alternativas. Uma mudança de vida, nada mais seria que recuperar as possibilidades preteridas pelas nossas escolhas. A ciência e a técnica foram opções feitas pela civilização ocidental. Hoje tentamos buscar outras alternativas esquecidas, com a esperança de que restituam a humanidade do homem.

UM LABORATÓRIO DE ILUSÕES

O homem da sociedade industrial e filho do sistema tecnocrático, jogado no fundo de um abismo de solidão, apesar de cercado por barulho infernal, sente a necessidade de construir um sistema de valores para reencontrar o caminho do sentido de sua existência. Tal aspiração do homem contemporâneo não escapa ao olho mágico e onipresente de nossa civilização. Ela arditamente lhe oferece respostas ilusórias para seus sentimentos de solidão e de vazio. De fato o homem, numa primeira tentativa de preencher o vazio do coração, a solidão da vida e a falta de sentido da existência e do mundo, busca nos próprios recursos da ciência e da técnica uma solução.

Na expectativa de fugir deste sem-sentido, o homem cerca-se dos aperfeiçoamentos tecnológicos que o encham de conforto. Cada dia mais sente-se estimulado a consumir os artefatos mais confortáveis que a indústria com presteza se prontifica a criar para todos os momentos e para qualquer situação. Desde as máquinas que nos livram dos trabalhos penosos, passando pelas químicas que nos imunizam contra qualquer dor, até os estimulantes que ampliam nossas capacidades de prazer, no comer, no beber e no fazer sexo, tem o mesmo objetivo, proporcionar o bem-estar e evitar o desprazer. A todo momento e em toda parte somos estimulados insistentemente a buscar mais prazer, mais conforto e mais divertimento, ao mesmo tempo que fugimos de todas as formas de esforço, fadiga e sofrimento. A toda hora recebemos ofertas de organizações, de produtos químicos, de novas gerações de computadores que se preocupam diuturnamente pensando e trabalhando por nós. Não precisamos fazer mais nada. O único trabalho é aceitar o convite e a oferta. Podemos ficar, depois, tranquilos estendidos na rede ou acomodados em poltronas, consumindo wisky importado, fumando um cigarro de classe e assistindo nosso programa preferido, onde, em pequenos intervalos a propaganda vem confirmar o acerto de nossa decisão e a lucidez de nossa inteligência. Isto porque os nossos negócios prosperam, as nossas lavouras produzem safras recordes e o nosso dinheiro se multiplica.

Assim se constrói um mundo de ilusões. A primeira e mais séria ilusão é aquela que gera a impressão que só há prazer, e mais, o desprazer não pode fazer parte da vida do homem. O amor, por exemplo, só é

fonte de prazer, apesar de sabermos que desde a antiguidade o homem aprendeu o ditado de que "não há rosa sem espinhos". Portanto esta é uma pura ilusão que está incluída entre os oito pecados capitais da humanidade civilizada de que fala Konrad Lorenz. A existência humana, e mesmo a vida animal, se constitui do binómio prazer-desprazer. Eles são dois momentos de um mesmo movimento. E segundo Lorenz, querer evitar o sofrimento quer dizer subtrair-se a uma parte essencial da vida humana. (21) (oito pecados capitais da humanidade civilizada, p. 48)

Infelizmente e com muita facilidade e frequência somos vítimas das mais cínicas ilusões. As iscas são tão bem preparadas e rotuladas que dificilmente conseguimos escapar. Na confecção destas iscas são usados os mais sagrados sentimentos de fraternidade, de amor paterno, de inocência infantil, de afeições amorosas ou de aspirações de auto-realização. Os justos anseios de realização, de identidade, de sucesso e de felicidade são manipulados sem nenhum escrúpulo. Muitas vezes somos abusivamente jogados em conflitos com as pessoas mais queridas abalando as relações de amizade ou de afeição paterna e materna.

Dentro desta utilização abusiva dos sentimentos mais íntimos das pessoas, somos levados a acreditar que um sabonete traz a felicidade, que um cosmético leva ao sucesso no amor, que um cigarro nos dá personalidade. Neste laboratório de ilusões, os cartões de crédito aumentam ilimitadamente o crédito das pessoas, uma valise nos transforma em executivos e homens de negócios, as vitaminas fazem campeões, as pastilhas provocam a levitação, os chás produzem emagrecimento por encanto, as crianças se transformam em super-heróis. E a televisão se encarrega de criar os personagens e as cenas onde os efeitos mágicos de todos esses produtos acontecem de verdade. As ilusões do laboratório deixam de ser ilusões. Os brinquedos eletrônicos fazem acrobacias astronómicas. Os super-heróis são dotados de forças sobre-humanas. O perfume cerca o galã de ardorosas pretendentes.

Na vida real tudo isto não passa de ilusão, mas por mágica da força publicitária, muitos preferem aceitar a ilusão. Basta ver a decepção no rosto da criança quando o robzinho não opera as maravilhas apresentadas na televisão. Ou verificar que o vestuário dos super-heróis não faz voar, mas os tombos e as lesões acontecem. Ou que as pastilhas Halls não conseguem erguer ninguém do sofá. Mas apesar disto continua-se a querer comprar as novidades da indústria de brinquedos, de perfumes, etc.

Tudo isto gera um estado de profundas frustrações que podem alimentar sentimentos de revolta e levar a agressividades explícitas; ou os indivíduos acabam dominados por uma descrença irreversível da ordem social, o que pode favorecer e estimular a busca

de outros recursos, preferentemente proibidos, para superar essa situação de frustrações. Nada mais frustrante do que sentir-se ludibriado pelas pessoas que nos cercam e das quais esperávamos lealdade e fidelidade. As ludibriações que frequentemente tem como resposta a revolta e a agressão sob as mais diferentes formas. Ou elas podem tomar-se pessoas cínicas a tal ponto que negam ter a existência algum sentido. Ou então concluem que o único sentido é o do mais forte, ou o da lei de levar vantagem sempre, ou do princípio de que se deve aproveitar a oportunidade. Konrad Lorenz refere-se ao caso de um orangotango que ao ser enganado pelo seu tratador reagiu de maneira a manifestar enorme estupefação, revolta e agressividade.

O primeiro passo, para não cair em soluções ilusórias, é tentar pensar fora dos esquemas da mentalidade da sociedade industrializada. E bom lembrar que toda essa "gente de sucesso" que vive constantemente ameaçada de derrames e enfartos, ou restaurada por pontes de safena, não podem estar entre os indivíduos realmente felizes. Mas também, não se pode garantir que aqueles que nunca sentiram os dissabores da doença ou da dor física sejam os felizes. Diz Gusdorf que "um indivíduo com saúde e farto de nutrição pode ser um animal feliz, mas esta bem-aventurança animal não define a realização plena do homem." (22) (Agonia da Nossa Civilização p. 19)

O segundo passo, mais difícil de ser dado, é convencermos-nos de que precisamos buscar outra ordem de valores, que não fazem parte da ordem do prazer, do bem estar e do sucesso a qualquer custo. Precisamos aceitar que o desprazer e o sofrimento constituem uma instância da existência humana.

Por fim o último passo é dado na direção da construção de uma nova ordem de valores, capaz de mostrar que a existência e o universo estão cheios de sentido. Para isto é indispensável reativar nossas capacidades de escuta e de contemplação das maravilhas da natureza, que a civilização desprezou, mas que podem inspirar nossa criatividade na tarefa de re-humanizar o homem.

O REENCONTRO DAS HARMONIAS

Diante de uma situação de desequilíbrio procura-se espontaneamente o restabelecimento do equilíbrio perdido. Assim parece agir a natureza. Os fenômenos da natureza acredita-se, desde os gregos, seriam regidos pelo princípio do equilíbrio. Manter-se em equilíbrio representava para o grego, a virtude, ou seja, o justo meio. A natureza era, para a cultura grega, o grande modelo da busca contínua do equilíbrio e da manutenção da harmonia. Torna-se compreensível que o homem contemporâneo, vítima dos desequilíbrios da

sociedade industrial, volte-se para a natureza na tentativa de reencontrar o caminho do equilíbrio e das harmonias. Os estóicos, filósofos do período de decadência da filosofia grega, propuseram a volta à vida do campo como forma de fugir dos males da vida em sociedade, já que esta era a responsável pelo mal-estar das pessoas. Rousseau, no século XVIII festeja o bom selvagem, enquanto acusa a sociedade como a grande responsável pela perversão dos cidadãos.

Em todos esses movimentos de volta à natureza e de condenação da sociedade, pode-se incorrer num dualismo perigoso. Coloca-se de um lado a ordem social como a fonte de todos os males, do outro lado proclama-se a bondade absoluta da natureza. Assim, tudo o que diz respeito à civilização da ciência e da técnica é mau, ou no mínimo; é colocado sob suspeita; e tudo o que se refere à natureza é bom e merece crédito.

Neste momento, talvez, a posição de Maria Dairaki coloque a questão nos seus devidos termos ao afirmar que "nós não diríamos que simbolizar a natureza é melhor do que transformá-la. Mas pode-se em contrapartida afirmar sem hesitar que a melhor solução consiste em transformar o meio natural respeitando-o tanto quanto o fazemos quando o simbolizamos. Não diríamos também que os rituais do curador são preferíveis à medicina ocidental. Melhor médico, entretanto, é aquele que aplica sua ciência ao homem inteiro, considerado, como no ritual 'corpo e alma', mais do que reduzi-lo - por abstração científica - ao único membro doente e de chamá-lo 'a úlcera da sala 7'"(23) (Repensar o Projeto Antropológico Rev. Sprit. Paris. 1984 pp. 70/71.)

Todos esses esforços começam fundamentalmente por uma consciência da situação de mal-estar provocado pela ordem existente. Nem todos porém aceitam os diagnósticos feitos. As razões são múltiplas. A razão principal, talvez, seja porque parte considerável de nossa sociedade, mergulhada nos ideais de conforto, bem-estar e luxo, ficou embotada para perceber o mundo que a rodeia. Tal embotamento pode ser irreversível porque, a pessoa possuída pela ideia fixa do prazer acaba defendendo e justificando as mais cruéis tiranias. Outra parte de nossa sociedade, marginalizada das comodidades da civilização, facilmente adota atitudes de revolta, recorre a expedientes duvidosos de compensação ou, simplesmente, deixa-se abater por um niilismo que a leva a desacreditar completamente na ordem social. Em ambos os casos os indivíduos são vitimados pela cegueira e pela surdez, em consequência não falam e perdem a capacidade de comunicação com seu meio ambiente. Alguns ficam transformados em autómatos que executam tarefas já pré-estabelecidas para obter os benefícios da ordem existente. Outros, seguem o caminho contrário, recusam e agredem a ordem existente porque dela são ex-

cluídos, mas no fundo buscam seus privilégios. Para estes últimos, a nossa sociedade é uma canoa furada, diz Lorenz, que os descrentes da sociedade, em especial a juventude, procuram abandoná-la. Os primeiros continuam tranquilos, apoiam todos os movimentos que a mantêm, em especial os meios de segurança e de repressão, confiantes que a canoa não vai afundar, fazer água é normal. Provavelmente, os dois grupos estão muito próximos da tragédia. Uns porque desconhecem o perigo, outros porque julgam que abandonando a canoa ao jogar-se ao mar pensam que fogem do naufrágio. O caminho da sobrevivência seria desenvolver uma consciência crítica, a única capaz de desenvolver atividades criativas, sem as quais a verdadeira humanidade do homem não pode subsistir.

Numa observação, ainda que superficial, é possível se verificar que a maior parte dos indivíduos de nossa sociedade, seja os que se sentem beneficiados pela ordem social, seja os que se sentem excluídos, todos assemelham-se na crença de que a vida é, exclusivamente prazer e bem-estar. A diferença está nos meios de obtenção destes prazeres. Uns permanecem dentro da ordem vigente, outros, insatisfeitos com o que lhes é oferecido, buscam outros caminhos.

Acontece que, nos dois casos, há uma incapacidade de perceber as harmonias do universo porque todos estão afastados dos contactos com as belezas da natureza e, ao mesmo tempo, estão jogados sobre o asfalto, cercados entre paredes de concreto; convivendo com indivíduos que perderam o semblante de pessoas para assumir as faces da função profissional e, às vezes, iluminadas por um sorriso comercial.

É preciso, portanto, restaurar a capacidade contemplativa que inspira a criatividade e faz ressurgir a crença de que esta ordem social não é a única, se assim o fosse, de fato o mundo não teria sentido. Saltar do barco, para fugir do naufrágio, pode significar a morte por afogamento. Fugir das ilusões da sociedade civilizada para refugiar-se nos mundos irrealis dos alucinógenos, poderá significar a destruição da própria identidade e perda da liberdade. Podemos estar diante de duas formas de suicídio. Um traz a morte física, outro leva à morte espiritual.

Erich Fromm falando da nossa sociedade afirma que ela é cada vez mais inadequada para garantir a sanidade mental dos cidadãos. As neuroses são cada vez maiores e sempre mais extensas. Mas ele, numa atitude até certo ponto surpreendente, não vê nas neuroses apenas um desequilíbrio das pessoas e produto de uma sociedade insana. Ele pensa que as neuroses podem ser consideradas como sintomas de que a sociedade está reagindo contra a desumanização. E quem reage mostra vitalidade, que é o caminho da esperança.

Há, além disso, em meio a tanto asfalto, concreto

e plástico, a valiosa teimosia da natureza em mostrar suas belezas e suas harmonias. Costuma-se dizer que a natureza se vinga das agressões sofridas das mãos do homem. A resposta da natureza não é vingança, ela mostra apenas sua dinâmica criativa em se adaptar diante das forças que querem destruí-la. A natureza mostra como podem ser os processos de restauração de equilíbrios perdidos. Não é de estranhar, portanto, que hoje aumente cada vez mais o número daqueles que acreditam ter encontrado o caminho da sobrevivência do humano no reencontro com a sabedoria da natureza. Ela nos mostra o equilíbrio existente dentro da diversidade e da variedade. As suas harmonias não se estabelecem por classificações ou ordenações simétricas e homogeizantes. Ela sabe aproximar e juntar as diferenças. Por isto, quando nós, pela nossa maneira lógico-matemática de pensar querendo classificar os sentimentos de amor, ódio, fidelidade, esperança, ira, etc. em bons ou maus separadamente, podemos incorrer em perigosas distorções. Por exemplo, o amor demasiado pode estragar a criança. A super-proteção pode gerar o paternalismo. A natureza nos mostra que todos esses impulsos trabalham ordenada e harmoniosamente como um todo. Eles são componentes da vida humana que se manifestam em conjunto. Neste momento, talvez, seja interessante ouvir e aceitar a acusação contra o homem civilizado, e ainda, aprender a linguagem da natureza, na manifestação do índio canadense, Tatanga Mani: "Vocês sabiam que as árvores falam? Bem, elas falam entre si e falam para você, se você escuta. O problema é que os brancos não escutam. Eles nunca escutaram os índios, logo suponho que não escutam outras vozes da natureza."(24) (Diário do Sul)

Mais uma vez podemos voltar a ouvir os ensinamentos e o testemunho do grande amigo da natureza e há pouco falecido, Konrad Lorenz, expressos nesta passagem de sua obra, "A demolição do humano". "Para que não aconteça o apocalipse que nos ameaça, é necessário que justamente nos adolescentes e nos jovens sejam despertadas novamente as sensações valorativas que lhes permitam perceber o belo e o bom, sensações essas que são reprimidas pelo cientismo e pelo pensamento tecnomorfo. As medidas educacionais começam pelo treinamento das faculdades de percepção e sensação de uma imagem (gestalt), pois só estas podem transmitir a sensibilidade por harmonias. Para que possam funcionar adequadamente, precisam ser alimentadas, como qualquer computador, também, por uma grande quantidade de dados e informações. Um contato tão íntimo quanto possível com a natureza viva, tão cedo quanto possível na vida das crianças, é um caminho altamente promissor para que se atinja esse objetivo". (25) (Dem. do Homem p. 16). Mas estas capacidades, como todas as demais, precisam ser desenvolvidas a tempo. Caso isto não aconteça a situação poderá ficar irreversível. Neste caso pouco ou nada se pode sonhar em relação a uma nova ordem social e

humana. Lorenz tem uma profunda crença de que será pelo reencontro do homem com a natureza que será possível restaurar o humano, pois ele acredita que qualquer pessoa que sente alegria pela criação e prazer pela beleza está imunizada contra qualquer dúvida contra seu sentido. (26) (Dem. do Homem. p. 190).

Para que isto aconteça são indispensáveis duas atitudes. A primeira é afastar todas as barreiras que impedem às pessoas ter contatos imediatos com a natureza. A segunda é oferecer oportunidades indispensáveis para despertar a sensibilidade das harmonias do universo e abrir espaços para que a natureza seja preservada.

AS IDEIAS COMO ARTE

Nem sempre denunciar a destruição do humano e proclamar a necessidade urgente de sua recuperação significa estar plenamente convertido às causas humanizantes. Apesar de nossa consciência e da nossa experiência cotidiana diante de tantos desequilíbrios e de tanto mal-estar provocados pela civilização comandada pelo sistema tecnocrático, continuamos com uma série de hábitos provenientes desta mesma civilização. E, o que é pior, sentimos certa satisfação com seus engodos capciosos.

Todos sabemos que a super organização científica e tecnológica é exigida para manter em funcionamento esses monstruosos complexos industriais e comerciais, e também para garantir uma ordem funcional nas megalópoles infernais. E sabemos todos, também, que esta super organização, aceita e até admirada, se dá com o sacrifício mortal de todo o calor humano. Diante disto podemos cair na tentação de nos contentarmos com um discurso humanista justificante, mas não efetivo.

Não é só aqui, entretanto, que se manifesta a nossa indisfarçada simpatia pelo bem-estar e funcionalidade da tecnologia. Ela aparece sutilmente em muitas ocasiões. Onde, talvez, mais facilmente podemos surpreender nossos amores tecnicistas, seja quando tentamos elaborar novas compreensões, expor ideias e ideais humanizantes e desenvolver interpretações mais justas da realidade para fundamentar propostas de uma nova ordem social. Facilmente encontramos simpatizantes, admiradores e até adeptos destas propostas, mas de imediato somos interpelados sobre a operacionalidade das mesmas. Toda vez que uma ideia é exposta, exige-se sua instrumentalidade. O pensamento só se torna válido, parece, quando ele já vem manifesto com sua vinculação prática. No fundo não há mais distinção entre o teórico e o prático. Ou, pelo menos, a ordem está invertida, o critério de valor é a prática, não a teoria. Esta atitude, sem dúvida, é a mais

refinada e sutil mentalidade tecnicista. Só aceitamos ideias quando percebemos sua aplicação prática. Em outras palavras só aceitamos uma proposta quando estamos garantidos de seu resultado.

Realmente os humanistas não se frustram porque não tenham excelentes ideias, mas porque metodologicamente pensam como os mais refinados tecnicistas. A morte das ciências humanas aconteceu, segundo Japiassu, porque elas, em lugar de criar seus próprios critérios de cientificidade, quiseram copiar o estatuto da cientificidade das ciências exatas. Talvez seja interessante mudarmos de paradigma. Ao criarmos os nossos ideais humanizantes, em lugar de pensarmos como um cientista, precisamos pensar como um artista. O artista criativo exprime seus próprios sentimentos e não pensa no público. É o produtor comercial que depende das reações do consumidor. Um quer definir a atitude do público enquanto consumidor. O outro expõe sua obra para que o público tenha a liberdade de admirá-la. E, talvez, pela força da admiração, adquiri-la.

As pedagogias contemporâneas, as estratégias de mudança social, quando não aprovam a violência, são profundamente marcadas por uma visão tecnicista que pré-estabelece os resultados. Dificilmente temos a coragem de expor ideias e sentimentos livremente deixando a cada um o compromisso de escolher e decidir. Nós queremos antecipar a decisão, porque já temos uma ideia da ordem e queremos impor que essa nossa visão de ordem é a ordem. Poucas vezes abrimos espaços para a participação na construção desta ordem. Achamos que precisamos encurtar caminhos e poupar tempo. Quando começamos debater a ordem vigente encontramos posições já definidas. Uns defendem a ordem e as forças que as sustentam combatendo tudo o que a ameaça. Outros a negam e tomam atitudes que a agritam pelo simples fato de representarem agressões contra a ordem estabelecida.

A primeira atitude, talvez, seria deixar de sermos tecnicistas, para sermos artistas das ideias. Deixar de pensarmos a partir dos resultados, para pensarmos a partir de sentimentos e aspirações. Para que isto aconteça será necessário rever nossa presença junto às novas gerações, desde seu nascimento, lembrando que elas são seres humanos dotados de possibilidades e de capacidade para crescer, se desenvolver e assumir posições em nome de sua própria condição humana, bastada na liberdade e em necessidades específicas. Não se trata de novos bichinhos a serem criados com as técnicas como fazemos com os filhotes de animais. Não está fora do propósito lembrar que foi dentro deste espírito tecnicista que surgiram a floricultura, a apicultura, a suinocultura, a avicultura, etc. Foi também nesta mesma época que se começou a falar em puericultura, e o que é mais preocupante, com os mesmos

princípios filosóficos. O princípio básico está presente em todas essas culturas. A criança passou, assim, a ser alimentada segundo um horário, não segundo suas necessidades e as manifestações de seu choro. As mães e o leite materno, foram substituídos por incubadoras e mamadeiras. Apareceram pessoas estranhas, enfermeiras, empregadas para realizar a tarefa de criar crianças. A indústria se encarregou de produzir os milagrosos enlatados da alimentação infantil.

O primeiro encontro com o mundo do ser humano fica assim completamente subvertido por uma organização funcional, onde o calor humano das pessoas desaparece para dar lugar às técnicas de pessoas especializadas. O desenvolvimento da pessoa começa sofrendo um sério desvio, a partir do nascimento. Basta lembrar a esse respeito a pesquisa de René Spitz que mostrou o desenvolvimento do sorriso da criança vinculado às pessoas que o cercam. O sorriso passa por diversas fases conforme a reação a objetos e pessoas que cercam a criança. Mas como essas crianças passam continuamente de uma mão estranha para outra, acabam impedidas de instaurar ligações sociais afetivas. (22) (Dem. Domon p. 16).

Ao longo do processo educacional e da ação do adulto sobre a criança e os jovens continuam dentro desta mesma filosofia. Continuamos fornecendo ideias empacotadas, estabelecendo regulamentos de conduta, da mesma maneira como os enchemos de enlatados, de chicletes ou de calças jeans. Os próprios brinquedos já vêm prontos. Não há nada a inventar, nada que estimule sua criatividade. A criatividade vem imbutida dentro da ideologia do brinquedo que transmite a ideologia da sociedade industrial. Brincar significa, assim, construir casinhas, cidades, fortalezas, fazer corridas automobilísticas, fazer guerra, etc. o que sempre significa obedecer normas pré-estabelecidas. As tarefas estão prontas. A organização já foi definida.

Precisamos começar, talvez, por oportunizar às crianças e aos jovens que possam desenvolver seu sorriso desde o berço, que possam brincar com os objetos que os rodeiam sem as formas do adulto, mas passíveis de assumirem a fisionomia que a criança e os jovens lhe dão. Precisamos, talvez, não dar-lhes gramáticas e manuais, mas espaços onde possam desenvolver as harmonias de diversidade e variedade baseados em suas próprias capacidades de discernimento. Capacidade que é demonstrada muito cedo, ainda no berço, no desenvolvimento do sorriso ao selecionar os objetos e as pessoas a quem sorriem.

Tomar esta atitude será um risco? Para quem? As opções da racionalidade da sociedade industrializada gerou uma sociedade cheia de contradições e desequilíbrios. Por que não tentar outros caminhos que comecem por admirar a natureza e a arte?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LEVINAS, Emmanuel. **En Découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger**, Paris, Vrin, 1967, p. 125.
2. BUBER, Martin, **Qué Es El Hobre?**. Fundo de Cultura Económica. México, 1949, pp. 12-16.
3. MONOD, Jacques. O Acaso e a Necessidade. Vozes, Petrópolis, 1970. p.10.
4. SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Agir. Rio de Janeiro. 1965. pp. 151/152.
5. SARTRE, Jean-Paul. **Opus Cit**. p. 105.
6. MONOD, Jacques. **Opus Cit** p. 189.
7. LORENZ, Konrad. **A Demolição do Homem**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1986. p. 13.
8. LORENZ, Konrad. **Os Oito Pecados Mortais do Homem Civilizado**. Ed. Brasiliense. 1988. pp. 40-51.
9. MARCEL, Gabriel **Les Hommes Contre l'Humain**. Fayard. Paris, 1951.
10. MERLEAU-PONTY, Maurice. **Humanisme et Terreur**. Gallimard. Paris, 1947.
11. MARQUES, Celso. **A Mãe Terra e seus Filhos**. Jornal "Diário do Sul". Porto Alegre, 1987.
12. RICOEUR, Paul. **"A Aventura Técnica e o seu Horizonte Interplanetário"**. Rev. Paz e Terra. Civ. Brasileira. 1968. p. 27 ss)
13. PASCAL, Blaise. In Japiassu, Hilton. **Nascimento e Morte das Ciências Humanas**. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1978, p. 19
14. SELLER, Max. In Gusdorf, Georges. **A Agonia da Nossa Civilização**. São Paulo, 1978, p. 34
15. MONOD, Jacques. **Opus Cit**. p. 190
16. GUSDORF, Georges. **A Agonia da Nossa Civilização**. São Paulo, Ed. Convívio. 1978. p. 21.
17. LORENZ, Konrad. **A Demolição do Homem**. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1986. p. 13.
18. MONOD, Jacques. **Opus Cit** p. 18
19. MONOD, Jacques. In Boff, Leonardo. **O Destino do Homem e do Mundo**. Vozes, Petrópolis, 1982 p.15.
20. MONOD, Jacques. **Opus Cit** p. 185.
21. LORENZ, Konrad. **Os Oito Pecados Capitais do Homem Civilizado**. Ed. Brasiliense. São Paulo. 1988. p.48.
22. GUSDORF, Georges. **Opus Cit**. p. 19.
23. DARAKI, Maria. **Repensa- le Projet Anthropologique**. Rev. Esprit. Paris. 1984. p. 71 .
24. MARQUES, Celso. **Op. CiL**
25. LORENZ, Konrad. **A Demolição do Homem**. **Op. CiL** p. 16
26. **Idemp.190**
27. **Idem p. 166**

2

A EDUCAÇÃO FÍSICA E VALORES HUMANOS

Lamartine Pereira da Costa

- Prólogo: Indivíduo ou Sociedade?
- Homem Moral ou Social?
- Humanismo ou Instrumentalismo?
- Razão Instrumental ou Comunicativa?
- Equilíbrio ou Mudança Social?
- As Partes ou o Todo?
- Prevenção ou Preservação do Corpo?
- Adestramento ou Educação?
- Homo Aeconomicus ou Artifex?
- Epílogo: Submeter-se ou Ousar?

'As novas proposições transitando nas áreas de Educação Física, Recreação e Esporte estão retornando às necessidades primárias do homem, fugindo ao domínio instrumental de índole materialista e consumerista. A recente adesão internacional à interpretação do Esporte como direito do cidadão, comprova o pressuposto humanista desde que se integra aos antigos direitos políticos e aos mais recentes sociais e culturais da Carta de Direitos Humanos da ONU, de 1948.'

PRÓLOGO: INDIVÍDUO OU SOCIEDADE?

Em anos recentes, no campo da Educação Física, dos Esportes e da Recreação, tem se ampliada a tendência de se interpretar as atividades físicas pelo domínio de seu sentido social. Ou seja: As práticas de jogos e exercícios combinados ou isolados em termos de formação educativa, competição e opção de lazer, seriam validados primeiramente pela possibilidade de relacionar indivíduos, recuperando-os como pessoas, grupo ou comunidade, por meio de comunicação entre participantes, interesses comuns, tradições etc.

Entre essas postulações inovadoras, que variam de aspirações ideológicas à crítica da cultura moderna, passando pela crise da Educação, sobressai essencialmente uma síntese: a postura "socializadora" da Educação Física e seus sucedâneos do Esporte e da Recreação, reflete o alcance generalizado do domínio das ciências e das técnicas sobre a civilização dos dias presentes. Esta tese tem sido reforçada desde os anos 30 por comparações empíricas as mais diversas (1), entre as quais tem se notabilizada a adesão universal ao esporte, igualando sociedade ricas e pobres numa rara e inusitada convergência.

Nestas circunstâncias, suspeita-se frequentemente que o estímulo à atividade física representaria um mecanismo compensatório das pressões da vida moderna, quer por excesso ou por carência de meios de subsis-

tência, quer pelo conformismo exigido pela sociedade industrializada ou pelo conformismo gerado por desigualdades sociais. E a Educação Física nos moldes hoje praticados, manifestaria-se, neste contexto, como uma metáfora da modernidade social, cuja instrumentalização materialista e consumerista de pessoas e do ambiente material supera habitualmente posições ideológicas, ecológicas e éticas. Mantendo a contradição da sociedade em que está inserida, a Educação Física sistematizada operaria fundada no individualismo induzido pela ciência e tecnologia embora assumindo uma legitimação social.

Destaque-se também que o presente estágio não tem o significado de eliminação de outros paradigmas sobreviventes na Educação Física (2). Seguindo uma peculiaridade dos tempos modernos, a dimensão social das atividades físicas organizadas incorpora as demais de caráter educativo, moral, estético, militar, de entretenimento, de saúde, de espetáculo, de reabilitação e outros. Há, em última análise, uma justaposição de significados, antes isolados e coerentes em si mesmos, mas agora se redefinindo em torno do sentido de socialização. O efeito final é óbvio: carência de um objeto claramente estipulado para a Educação Física, fato comumente denunciado por pensadores de última extração. Como desdobramento dilui-se a coerência interna do conhecimento organizado desta área, resultado sintomaticamente conhecido com "crise epistemológica da Educação Física" (3).

Enfim, hoje a Educação Física maneja desarticuladamente sua própria história, mostrando facetas diferentes de acordo com preferências dos profissionais que a utilizam ou ainda a sobrevivência de suas tradições. Mesmo a base educativa, pretensamente crítica que deu-lhe origem, demonstra debilidade diante de interesses dispersos, nem sempre convergentes com o paradigma maior do desenvolvimento social. Este, também sujeito a diversidade de interpretações, oferece entretanto a vantagem de um sentido concreto, se atinente à noção central de cooperação entre indivíduos em torno de ideais. Desta coerência mínima vale recuperar um nexos gerador da Educação Física que todavia persiste: o homem define-se primariamente como gregário e como ser social em sua maturidade diante da natureza e de si mesmo.

HOMEM MORAL OU SOCIAL?

Tal concepção antropocêntrica influenciou as primeiras proposições da Educação Física como se pode constatar nos textos renascentistas (século XV e XVI). Isto é especialmente claro na obra de Vittorino da Feltria, preonizador da moderna Educação e nela, em notável proeminência, da "Educação Física" (4). De fato, os demais precursores da Educação - passando pelo Renascimento italiano, pelo Iluminismo francês, alemão e inglês, e tendo como apogeu o século XIX — foram também fundadores da Educação Física, conforme entendida no presente. Apenas, neste período inicial, resguardou-se mais o sentido humanista, individualizado e grupai, da prática de exercícios físicos e menos o propósito social de maior abrangência.

Na atualidade interesses da administração pública e das lides acadêmicas entre outros, - estão invertendo o arranjo original: reforça-se a fundamentação social da Educação Física enquanto adicionalmente procura-se salvar o humanismo como resíduo. É significativo, neste caso, comparar-se o "Emile" de Jean Jacques Rousseau, publicado em 1762, com a "Carta Internacional da Educação Física", versão 1988, documento aprovado em Moscou pelos países membros da UNESCO (ricos e pobres, capitalistas e socialistas), visando ao aperfeiçoamento dessa prática de múltiplas facetas no alvorecer do século XXI. Ao passo que em Rousseau a sociedade revela-se como corruptora do homem, cuja educação deveria se apoiar "na sabedoria do corpo" e em "processos naturais" (5), na Carta Internacional de intenções mais próximas projeta-se uma Educação Física em que "o ser humano possa enfrentar melhor os inconvenientes da vida moderna, associados principalmente à urbanização e ao desenvolvimento tecnológico" (6).

Enquanto o pensamento que deu como resultado a Revolução Francesa e constituiu um ponto de partida

para a Educação moderna solicita um ensino centrado na criança e na medida do homem em relação à natureza (7), dois séculos após reivindicava-se um "esporte para todos, particularmente nos países em desenvolvimento, com o propósito de favorecer a igualdade de acesso ao mesmo de todas as categorias da população, incluindo os deficientes físicos e mentais e os grupos mais desfavorecidos" (8).

Por oportuno, saiba-se que o próprio humanismo submeteu-se a mudanças. O homem "moral" recuperado no Renascimento por via do cultivo das culturas grega e romana, evoluiu até ao "homo socialis" da atualidade que privilegia o fundamento social em lugar de atitudes e realizações. Uma comparação sem maiores repercussões reunindo de um lado Feltre e Rousseau e do outro versões atualizadas do humanismo, tais como cristão, existencialista, socialista, liberal, etc., sugere que renascentistas e iluministas anteciparam mais um método do que uma concepção, esta disputada hoje por correntes de pensamento que procuram contextualizar o homem numa sociedade ideal.

O marxismo, no que concerne mais ao aspecto filosófico do que de praxis, tem sido responsável, desde o final do século XIX por parcela importante das tentativas de restauração do humano no próprio homem. Veja-se, por exemplo o que declara Howard Parsons, autoridade em materialismo dialético no conhecido debate com Sartre, Garaudy, Delia Volpe, Schaff e outros marxólogos quanto ao tema "Moral e Sociedade" em 1963 (9):

"A moral de um pequeno grupo dirigente, em qualquer sociedade de classe, está condenada, a longo prazo, porque ela reflete não os valores geralmente humanos, isto é, os valores de todos os homens na sociedade, mas, ao contrário, reflete aqueles valores específicos que definem a vida da classe dirigente; por conseguinte, não pode ser invocada para todos os homens nem pode guiar-los porque se originou nas raízes da condição moral humana, isto é, no homem".

Das matrizes marxistas originou-se também a concepção da totalidade do homem, uma idealização cara aos renascentistas enquanto intérpretes da autonomia humana que ressurgiu posteriormente reajustada ao social. Nestes termos, vale citar Adam Schaff em texto do histórico debate antes mencionado (10): "O indivíduo, englobado na sociedade, pela sua gênese e seu caráter, é social, embora mantendo-se, num certo sentido, como ser autônomo". Em contos finais, percebe-se que o homem é redutível apenas à sua totalidade, única concepção aceita por antigos e modernos ou por qualquer dos "humanismos" existentes. O empreendimento de salvação da natureza, por outro lado, ao se impor sobre todas as formas de pensamento atual aperfeiçoou a concepção corrente da totalidade humana,

adotando uma emancipação baseada em necessárias - opções ideológicas, éticas e ecológicas.

Neste contexto evidentemente, excluiu-se dos "humanismos" as opções científicas e tecnológicas já que tratam apenas de parcialidades das pessoas e do meio ambiente. Tal separação fragmentada teve seu primeiro discernimento em Max Weber, no início do século atual, ao se constatar o "desencantamento do mundo" desde o Renascimento, quando o pensamento religioso perdeu progressivamente a hegemonia sobre a sociedade ocidental. De um mundo unificado e coerente surgido com o cristianismo, determinou-se um mundo autônomo explicado pela ciência bem como outro de igual autonomia produzido pelas artes. Estas duas esferas e mais a dos princípios éticos sobreviventes da religião compuseram a matriz ocidental e cristã da modernidade e do chamado "progresso", materializado nos dias atuais (11).

Embora Max Weber seja um dos nomes proeminentes do liberalismo, curiosamente foram os pensadores neomarxistas alemães dos anos 30 que primeiramente se apoiaram na interpretação da "racionalidade instrumental", denominação que relaciona a fragmentação provocada pela ciência autônoma com a razão peculiar daí derivada. Hoje, marxistas ortodoxos (12) ou heterodoxos como Jurgen Hebermas, um dos mais destacados filósofos da atualidade (13), buscam compreensão da vida moderna, através da racionalidade que nivelou valores humanos, utilizando-os segundo interesses operacionais das técnicas e das ciências.

Este enfraquecimento progressivo do arbítrio humano, isto é, da ética, em prol da instrumentalização da vida foi contudo explicado por Weber no marco cultural. O que em princípio, indicava uma contradição de três esferas isoladas, tomou-se um domínio de uma delas sobre as demais, justamente aquela que provocara a ruptura da cultura medieval a partir do Renascimento: a das ciências e tecnologia. Em suma, o instrumento emancipador do homem voltara-se contra ele mesmo, numa dominação similar à encontrada no mito grego de Prometeu ou na lenda do Fausto, reconstituída por Goethe no século XVIII.

Weber, além disso, encaminhou a discussão cultural do ocidente por meio de "esferas de valor" (Wertsphären) uma melhor interpretação da convivência contraditória entre a razão instrumental e a subjetividade da ética e das artes. A hierarquia de valores imposta pelo cristianismo dera lugar a valores não excludentes e de disposição arbitrada segundo interesses efêmeros e oscilantes. Daí o avanço da modernidade quanto à emancipação do homem e seu retorcimento no crescente individualismo e alienação (14).

HUMANISMO OU INSTRUMENTALISMO ?

A Educação Física, produto típico da modernidade, torna-se mais compreensiva ao se acompanhar os pressupostos marxistas e weberianos. Note-se que a instrumentalização do corpo hoje detectada por vários pensadores foi antecedida por manifestações derivadas de paradigmas diversos sem os conflitos epistemológicos atuais. Segundo Peter Mc Intosh, filósofo inglês, os princípios humanistas dos exercícios e jogos adaptaram-se consecutivamente nos séculos XIX e XX ao nacionalismo de vários países europeus, à preparação para a guerra, à ética burguesa, à educação das elites, à disciplina corporal, ao surgimento da recreação como disciplina escolar e atividade social, à reabilitação dos Jogos Olímpicos, aos movimentos de ginástica artística, à prática esportiva como meio de lazer, ao esporte praticado como espetáculo, à medicina esportiva, à politização das competições internacionais, à massificação do esporte e da recreação e à comercialização das atividades físicas como espetáculo e como prática (15). Efetivamente, a Educação Física ainda carrega em si os valores renascentistas e iluministas, porém tem se fragmentado e se tornado instrumento de outras aspirações e interesses ao longo de sua história, acompanhando a transformação conflituosa do homem autônomo em social.

Incorporando-se à razão instrumental, a Educação Física passou a exibir ambiguidade idêntica às ciências e às técnicas, possibilitando tanto a emancipação do homem, como a sua repressão e alienação; libertando seu corpo, como provocando dependência; educando-o ou motivando o consumo das capacidades corporais como se fossem objetos. Consolidando esta ambivalência em face às interpretações anteriores, encontra-se adiante uma "Matriz da Modernidade da Educação Física", uma esquematização geral relacionando amplas definições e traços marcantes de diversos conceitos e teorias, seus pontos de convergência, de complementaridade ou de oposição, prendendo-se às caracterizações mais abrangentes do que à complexidade interna dos diversos sistemas.

Com efeito, as novas proposições transitando nas áreas de Educação Física, Recreação e Esportes - conceitos ainda distintos mas tendentes a coincidência - estão retomando às necessidades primárias do homem, fugindo ao domínio instrumental de índole materialista e consumerista. A recente adesão internacional à interpretação do Esporte — denominação de preferência maior entre países — como direito do cidadão, comprova o pressuposto humanista desde que se integra aos antigos direitos políticos e aos mais recentes sociais e culturais da Carta de Direitos Humanos da ONU (1984). Em correspondência, assim também se atualizaram as instituições no Brasil, em 1988, ao incluir na nova Constituição o direito ao Esporte e ao Lazer (Artigo 217), além da Educação, Sadde e outros.

MATRIZ DA MODERNIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA

ESFERAS	ÉTICA	ARTES	CIÊNCIAS
CATEGORIAS	HUMANISMO	CULTURA	SOCIEDADE
ATIVIDADES	EDUC. FÍSICA	RECREAÇÃO	ESPORTE
TENDÊNCIAS REPRESSORAS	INDIVIDUALISMO MATERIALISTA	FRAGMENTAÇÃO INSTRUMENTALIZADORA	ALIENAÇÃO CONSUMERISTA
TENDÊNCIAS EMANCIPADORAS	OPÇÕES ÉTICAS, IDEOLÓGICAS E ECOLÓGICAS	PARTICIPAÇÃO COOPERAÇÃO COMUNICAÇÃO	POLÍTICA E COMUNICAÇÃO
NOVOS OBJETIVOS OPERACIONAIS	PRESERVAÇÃO DO CORPO EM SUA TOTALIDADE	BEM ESTAR FÍSICO, MENTAL E SOCIAL	PREVENÇÃO DA SAÚDE
CATEGORIAS OPERACIONAIS	CONDIÇÕES FÍSICAS SAÚDE BEM ESTAR		
NOVAS PROPOSIÇÕES	CIDADANIA NO ESPORTE E NO LAZER EDUCAÇÃO FÍSICA HOLÍSTICA ESPORTE PARA TODOS		

Do lado operacional, similar enfoque humanista revela-se na atual proposição da Educação Física Holística (16) que se volta para a totalidade, agregando fragmentos dispersos de teoria e prática em torno de propósitos convergentes. Entre estes últimos, o mais destacado é o do "Esporte Para Todos", (uma proposta homóloga a "Saúde Para Todos" da Organização Mundial de Saúde - OMS) hoje envolvendo cerca de 80 países e praticantes eventuais e estáveis em condições não-formais (adaptáveis ao local, meios e tradições culturais, e praticadas voluntariamente) ou formais (dirigidos, ordenados por legislação e praticados por orientação de educadores, cientistas e técnicos) (17).

Com base nas experiências de simplificação e de acesso a oportunidades esportivas - que no Brasil acontecem desde a década de 20 (18) - alcançou-se num extenso estudo realizado no Canadá em 1986 (19) uma síntese das categorias centrais das práticas físico-recreativas ajustadas ao homem e à sociedade: condição física (Fitness), saúde (Health) e bem estar (Wellness). Partindo-se destes referenciais pretende-se que haja uma preservação do corpo em sua totalidade,

construindo-se um bem estar físico, mental e social, como também se estabelecendo prevenção contra as sequelas da vida de pessoas ricas e pobres do mundo atual.

Pela via do conceito, portanto, a Educação Física aproximou-se da definição adotada pela OMS para Saúde, i.e. "um estado completo de bem estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doença" (20). A convergência operacional, de resto, deu origem ao "Esporte para Todos" que procura compatibilizar Educação Física, Recreação e Esporte, assumindo em igualdade de tratamento atividades formais e não-formais, prevendo-se amplo acesso de pessoas e efetivo exercício do direito. Abandonam-se, assim, várias perspectivas mecanicistas, inclusive a da "massificação do esporte", uma pretensão de prática generalizada para seleção de campeões e representações nacionais, em prol de uma democratização efetiva do esporte, sobretudo com relação a grupos desprivilegiados (idosos, crianças carentes, deficientes físicos, etc). Em outras palavras: diminuiu-se a ênfase sobre a instrumentalização da sociedade pela Educação Física e seus desdobramentos esportivos e recreativos, colocando a ciência e a técnica a serviço do homem.

A rigor, o "homo aeconomicus", real produto da modernidade capitalista e socialista em lugar do idealizado "homo socialis", pode fortalecer seu humanismo remanescente com a novas proposições para a Educação Física. Claro está que esta emancipação se tornará possível integrando a escolha totalizadora do corpo a outras conformações éticas, ideológicas e ecológicas, tanto quanto ao exercício da participação, cooperação e comunicação da prática política.

RAZÃO INSTRUMENTAL OU COMUNICATIVA?

Jurgen Habermas, num contexto mais amplo, tem defendido a alternativa da "razão comunicativa", apresentada como saída do homem moderno que é reprimido por si mesmo e por seus instrumentos (21). Nesta proposição reforça-se a possibilidade das formulações éticas e outras que visam à emancipação humana. Partindo da crítica social de Marx e da crítica da modernidade de Max Weber, o pensamento habermasiano tem desenvolvido caminhos de controle e reorientação do funcionalismo social hegemônico, ao invés de negá-lo radicalmente. Em vista disso, a antiga maestria do homem em estabelecer regras de ação social, ou seja, a política, voltaria a ser base de opções emancipadoras ao se associar à comunicação entre pessoas preconizada pela modernidade.

A nova racionalidade, em tese, procura estabelecer uma normatividade ética, ideológica e ecológica por meio da intercomunicação entre fatores sociais já que, segundo Habermas, "um mundo da vida forma o horizonte de processos de entendimento, com os quais os participantes concordam ou discordam sobre algo num único mundo objetivo, num mundo social comum a eles ou em um mundo sempre subjetivo" (22).

Em termos mais sociológicos do que filosóficos esta interpretação corresponderia o que Alain Touraine, na França, tem denominando de "retorno ao ator" em que os homens são observados como influenciadores de sua história e não como agentes de sistemas engendrados pela sociedade a que pertencem (23). Além do movimento estudantil de 1968 na Europa e do novo ambiente tecnológico que estaria dissolvendo os tradicionais "intelligentzias", Touraine situa na América Latina um de seus exemplos de desarticulação de atores sociais, apontando a peculiaridade de contradições extremadas nas postulações econômicas, políticas e ideológicas (24).

Já Viviane Isambert-Jamati, também socióloga francesa, com ralação à concepção de Touriane, em Seminário Internacional, no Rio de Janeiro, em 1984 (25), reportou que no âmbito educacional a "volta ao ator" trata

" das famílias, dos próprios jovens e, mais ainda, dos educadores; longe de serem objeto de um total determinismo e simples elementos de uma consciência coletiva que os compele a atuar, estes "atores" (ou alguns deles) de alguma forma tem a sorte nas mãos. Nisso, os sociólogos da educação participam de um tendência mais abrangente: a sociologia francesa, independente de referir-se ou não a uma história e um pensamento dialéticos, prende-se, menos que outrora, às instituições a uma mecânica global para atender mais os homens e à diversidade de suas intervenções".

De qualquer modo, estes diferentes autores tem diante de si as tendências repressoras da vida moderna. E, por isso, há um consenso se delineando quanto ao domínio instrumentalista sobre a sociedade e, paralelamente, um certo ceticismo quanto às soluções, frequentemente acusadas de inconsistentes ou utópicas. Quanto a Habermas, em específico, não há evidências empíricas que possam validar a razão comunicativa além de realizações em esferas menores de pessoas; simplesmente a sociedade de hoje, incluindo sua parcela subdesenvolvida, condiciona sua sobrevivência a sistemas funcionalistas, os quais já teriam absorvido a prática política de maior abrangência, entre outras manifestações que regulam a vida humana (26).

EQUILÍBRIO OU MUDANÇA SOCIAL ?

Adianta-se, pois, um problema universal que tem sensibilizado os intérpretes da Educação em todos os países. Afinal, como estabelecer objetivos e métodos em educação se esta comporta cada vez mais considerações utilitaristas, tornando-se inadequada às necessidades individuais e objetivas? Esta pergunta, entre outras, é explicitada por Fred Mahler, sociólogo romeno escrevendo em 1985, ao discutir as teorias educacionais vigentes na atualidade (27).

Como resposta, este pensador de inspiração marxista observa avanços e retrocessos da escola em pleno processo de crise mundial, destacando a intermediação da cultura entre a prática educacional e a sociedade, via raramente explorada entre analistas da atualidade. Dentro deste enfoque surgem dois paradigmas principais que tem regulado as relações educacionais: o do equilíbrio, consenso e desenvolvimento exógeno e o da mudança, conflito e desenvolvimento endógeno; o primeiro refere-se à uma cultura científica e pragmática e o outro define-se na transformação social.

Mahler atribui ainda ao paradigma do equilíbrio a condição de herança do pensamento evolucionista, funcionalista e sistêmico surgido desde o século passado, como se verifica em Spencer, Durkheim e Dewey. Já o paradigma da mudança derivaria de Marx e

Max Weber, que se conjugam num eixo de compreensão hoje assumido pela chamada "nova esquerda". A grosso modo, isto corresponderia no Brasil às ideias dos Pioneiros da Educação dos anos 30 e 40, contrapondo-se à "pedagogia do oprimido" de Paulo Freire dos anos 60 e 70, e às novas posturas críticas dos anos 80 atingindo a ambas vertentes.

O fracasso dos dogmatismos no meio educacional, também enfatizado por Mahler, tem o significado de "que os países em desenvolvimento e os países socialistas são convidados a criar (ou continuar a criar) novos sistemas educacionais segundo suas estruturas e objetivos sociais, bem como seus esquemas históricos-culturais, que sejam capazes de integrar e assimilar a experiência dos países desenvolvidos, evitando seus erros e insuficiências." Este autor esclarece todavia que não se trata de ignorar no futuro o papel econômico da educação nem as raízes marxistas de justiça social, concluindo (28):

"Nossos predecessores constataram a impossibilidade de estudar a educação dissociada dos fatores econômicos. Cabe-nos mostrar de forma convincente que ela é igualmente inconcebível, quando desvinculada da cultura no sentido mais abrangente, isto é, do patrimônio representado pelo conjunto dos conhecimentos e dos valores humanos. A predominância dada pela Sociologia da Educação a um paradigma fundamentado em valores de equilíbrio, consenso e desenvolvimento exógeno - em virtude do qual a escola destinava-se a abastecer de "robôs humanos" uma sociedade vista como um "mercado" — por muito tempo prevaleceu uma concepção pragmática e estritamente utilitarista: a do homo aeconomicus. Hoje, a opção por um novo modelo centrado na mudança, nos conflitos e no desenvolvimento endógeno, que encara a educação como o molde destinado a produzir uma personalidade plenamente desabrochada e capaz de participar livremente do progresso geral, denota um enfoque novo e radicalmente humanista, a do homo artifex. Nesta perspectiva, o homem é considerado o criador de bens materiais, espirituais e culturais, e sua autenticidade é medida pela criatividade de sua contribuição para o progresso humano".

Pela convergência constatada entre Habermas, Isambert-Jamati, Touraine e Mahler, ora se pretende que a "Carta Internacional de Educação Física" de 1988 seja um reflexo de tendências coincidentes e não mero aperfeiçoamento corporativista. Afinal, todas essas proposições implicam em recuperar ou estabelecer propósitos e valores comuns para os instrumentos existentes, sem anestesiar o papel da cultura, como antes ensejado pelos dogmas ideológicos. Retoma-se, pois, o Iluminismo do século XVIII que aceitava sabe-

res e práticas condicionando-os a valores de libertação do homem. Ajustam-se, portanto, os diferentes fragmentos do conhecer e do agir a uma hierarquia de valores que se define por sucessivas transações políticas. Resguarda-se, finalmente, o sentido de compreensão e totalidade em face aos empenhos de explicação e parcialismo.

AS PARTES OU O TODO ?

Para a Educação Física, hoje parcelada em áreas autônomas, importa identificar a tendência globalizadora como uma reação ao tecnicismo, representado pela adesão crescente de seus profissionais à especialização perante o mercado de trabalho. Seja por esta ameaça de dissolução, seja pelas distorções do instrumentalismo sobre praticantes, as organizações centrais do setor no plano internacional atingiram, de forma inédita até então, um consenso sobre o "Esporte para Todos", cujo último estágio foi a Carta Internacional reformulada em 1988.

O processo de elaboração em torno de um propósito comum para a Educação Física, Recreação e Esporte, iniciou-se com o Conselho da Europa e a Federação Internacional de Educação Física - FTEP nos anos 60 (29), incorporando posteriormente a Federação Internacional de Medicina do Esporte - FIMS (30) e o Comité Olímpico Internacional - COI (31). No Brasil, a ideia do "Esporte para Todos" prosperou no final dos anos 70 com base na tradição de atividades não formais organizadas por iniciativas locais e espontâneas, sucedendo-se eventos de ordem cultural e ofertas de esporte alternativo. Este propunha-se a evitar a seletividade inerente às atividades formais e a criar possibilidades mais acessíveis e comunitárias de lazer. As reações diante dessas manifestações, vieram sob forma de recusa por parte de interesses do conservadorismo do Esporte, do progressismo equivocado da Educação Física e da burocracia estatal, setores habitualmente insensíveis a inovações exteriores aos seus círculos de relações (32).

Entretanto, a ênfase na interpretação social e não-formal das atividades físicas no mesmo nível de importância da esfera formal, prosseguindo a experiência brasileira do "Esporte para Todos", encontrou abrigo nos anos 80 quando da reformulação curricular da formação superior de professores de Educação Física (33). De modo similar refletiu-se na Constituição de 1988, que acabou consagrando as expressões "formal" e "não-formal" no sentido de direito do cidadão e dever do Estado. Projetaram-se, nestas condições, os compromissos futuros da Educação Física quanto à restauração do humano, como também abriram-se os caminhos das instituições para objetivos operacionais revisitados

Em outros países, a praxis resultante das novas abordagens teóricas do "Esporte para Todos" tem se revelado desigual mas em contínua expansão. Numa pesquisa envolvendo 57 casos nacionais em 1978 (34), não foi possível determinar com precisão os motivos que levam uma população a se tornar mais ativa fisicamente do que outra, embora 40 países informantes tenham reportado crescimento de atividades. Neste particular, identificaram-se os valores geradores da prática como se segue, indicando-se o número de países por cada item:

- (1º) Contribuição à Saúde - 52
- (2º) Recreação e Entretenimento - 32
- (3º) Contribuição à Comunidade - 25
- (4º) Bem Estar Pessoal - 24
- (5º) Desenvolvimento Pessoal - 14
- (6º) Direito Humano Fundamental - 12
- (7º) Contribuição à Eficiência do Trabalho - 12
- (8º) Afirmação da Cultura Física - 10
- (9º) Base Para o Esporte de elite - 8
- (10º) Compensação à Desestabilização Social - 5
- (11º) Construção da Identidade Nacional - 1

É evidente que tal quadro inclui de modo subjacente a diferenciação de níveis de desenvolvimento entre as nações consultadas, a distinção entre sociedades, capitalistas e socialistas, e a hesitação em se assumir novos propósitos na área do esporte competitivo. Mesmo assim, houve extensa variedade de experiências formais e não formais inventariada na investigação, como também registraram-se 18 tipos diferentes de grupos - alvo (jovens, idosos, trabalhadores rurais, etc) nos programas existentes.

Estas indicações permitem concluir, em princípio, que o novo significado holístico das atividades recreativas e esportivas está progredindo passo-a-passo nas suas relações entre teoria e prática, tal como se interpretou a respeito do Brasil. Outra hipótese cabível refere-se à expansão do "Esporte para Todos" que deve estar acontecendo por ocupação dos espaços de maior facilidade de contato e aceitação, a exemplo de qualquer projeto experimental e aberto à participação social.

Uma confirmação desta assertiva encontra-se no quadro de valores antes compilado, em que se infere a existência de uma hierarquia de objetivos aflorados naturalmente ao se instituir atividades e optar por grupos-alvo. Por comparações entre as 11 valorações obtidas e as categorias centrais de condição física, saúde e bem estar, verifica-se que a prioridade maior incidiu sobre a saúde que se acha associada à condição física segundo informação de 47 países no quesito vinculado a atividades. Segue-se o bem estar que está difusamente distribuído em vários itens. Deste modo, a totalidade do corpo é um pressuposto dessas quantificações e a prevenção prevalece sobre a preservação.

PREVENÇÃO OU PRESERVAÇÃO DO CORPO?

Sem embargo, o desafio atual do "Esporte para Todos" é o de igualar a preservação à prevenção, ambos predicados à totalidade. Por esta senda de restauração do humano, as atenções hoje concentradas nas sequelas da instrumentalização do corpo serão compartilhadas com as sequelas de transgressão do corpo, ora entendida como detrimento do todo em favor de algumas de suas partes.

Afora o caminho a percorrer pela Educação Física ora em processo de reconstituição no "Esporte para Todos", cabe discernir quais as agressões substantivas que ameaçam a preservação do corpo nas atuais condições de vida. E o momento de se cogitar do abuso de drogas, exemplo inelutável do favorecimento de partes em prejuízo do todo corporal. De fato, o consumo de álcool, fumo, medicamentos legais ou farmacodependentes ilegais produz prazeres efêmeros no indivíduo, alienando-o das relações interiores e exteriores a si mesmo, e provocando deterioração orgânica. A feição da atividade física, o culto a drogas mostra-se ambivalente: inculca liberdade ao consumidor mas pode escravizá-lo. A distinção entre uma e outra prática prende-se ao afastamento da realidade: nos jogos e exercícios manifesta-se sutilmente na dimensão psíquica, ao passo que na drogadição a fuga é vigorosa e associada a repercussões psicossomáticas.

Se a Educação Física recuperar sua vocação humanista original inevitavelmente defrontar-se-á com o abuso de drogas, visto que esta transgressão constitui um dos principais impedimentos à preservação do corpo. Entretanto, a questão ainda apresenta formulação incompleta, havendo uma contradição fundamental a se fazer constar: o consumo de drogas é um mecanismo compensatório das pressões da vida moderna, símile à Educação Física retrógrada. Enquanto tal, o consumo de drogas refere-se de início a um efeito que se transforma em causa, potencialmente capaz de degradar indivíduos e sociedades. Atuar sobre os efeitos, portanto, é reprimir ao passo que interferir nas causas é educar.

ADESTRAMENTO OU EDUCAÇÃO ?

Repete-se então, o dilema aqui antes experimentado em face à Educação Física: servir aos instrumentos ou se situar adiante deles? Efetivamente, as drogas são também meios que se tomam nocivos ou benéficos de acordo com o propósito e especificações de uso. Mas, como qualquer instrumental, após determinado limiar de utilização torna-se um fim em si próprio. Em última instância, a drogadição é outra metáfora do mundo moderno, um arquétipo de compensações sintomatizadas por escapismos.

Um reforço às relações perversas de causa e efeito ora diagnosticados, é encontrado em recente levantamento empreendido por Dan Hurley nos EE.UU. (35), em que se demonstra que as drogas ilegais apresentam um perfil de consumo traduzido por longos ciclos de aumento e decréscimo a partir de determinado nível de resistência. Trata-se, em síntese, de um modismo que produz variações típicas de mercado, um consumo regulado por oferta e demanda. A origem do problema, assim sendo, ganha conformação na ótica da dinâmica da sociedade e não do domínio do objeto consumido sobre as pessoas, como anteriormente admitido no que concerne às atividades físicas. Observa-se, ainda, que o consumo de drogas é uma das raras tendências identificadas em qualquer país, tal como acontece com o esporte, permitindo inferir causas comuns.

Uma consequência perceptível da sobreposição de causa e efeito no uso escapista de drogas ilegais e legais refere-se a igual dificuldade em distinguir a interferência educativa da repressiva. Como a sociedade, atual, pela primeira vez na história, experimenta soluções para os abusos de psicotrópicos em escala planetária, a repressão impôs-se naturalmente, legitimada pela auto-proteção. Com um melhor conhecimento das possibilidades de manejo do problema, a Educação advirá como melhor alternativa. Não constitui surpresa, pois, que a prevenção se faça através dos códigos das ciências. Estas, coerentes de per se, instrumentalizam procedimentos e marginalizam abordagens globalizadoras, as quais mais condignamente tratadas fariam emergir causas e até mesmo julgamentos incriminadores da própria sociedade.

E mais: por ironia da história, as transações com drogas em âmbito maior ajustaram-se à estrutura da sociedade moderna, originando um sistema simétrico aos demais, inclusive disputando espaço com os poderes instituídos. Isto conduz a uma explicação plausível da persistência da atuação sobre os efeitos terminais do uso de drogas, quer na repressão, quer na prevenção, em vista de que se evita um extravagante, e talvez impossível julgamento das instituições por elas mesmas.

Há, então, uma responsabilidade a se definir entre os intelectuais que estão repensando a sociedade além das ideologias vigentes. Uma responsabilidade que possa superar cientistas da medicina, direito, política, psicologia e outros, que se confundem eventualmente com policiais ao interpretar a drogadição por parcelas referidas a suas atividades profissionais e delas extrair roteiros de procedimentos. Uma responsabilidade, enfim, que abra caminhos para a compreensão do corpo em sua totalidade e, por conseguinte, recomponha o sentido repressivo em favor da preservação e prevenção.

HOMO AECOMICUS OU ARTIFEX ?

Aqui e agora são óbvios os obstáculos a serem enfrentados ao se estipular uma justa medida e um ritmo adequado de mudanças, numa provável reversão de expectativas quanto à drogadição em escala macro. Resguarda da defensiva, a sociedade deste final de século exibe claramente escassez de auto-reflexão, um exercício todavia circunscrito a uma minoria de pensadores. Se estes não conseguiram dar ampla visibilidade ao desejável homo artifex, o restaurador do humano, em lugar ao homo aeconomicus, como suplantar as atuais tendências dominadoras? Como pretende que a educação ocupe posição chave nos processos de restauração se ela mesma foi instrumentalizada onde consegue funcionar com eficiência, deixando de transmitir valores humanos?

Por este percurso de interrogações envolvendo a sociedade moderna, chega-se ao ceticismo absoluto, conforme alerta Jurgen Habermas(36). Espelhando-se no exemplo da filosofia alemã que vivenciou o totalitarismo político dos anos 30 e o domínio tecnológico do após-guerra, o postulador da razão comunicativa sugere o estímulo à prática desenvolvida pelos atores sociais, rejeitando a armadilha da negação radical das possibilidades de solução. Em Habermas, a verdade não se apoia em conteúdos mas sim em procedimentos: aqueles que estabelecem um consenso fundado. Este se expressa por meio da linguagem e da argumentação, em contraste com o controle da informação dos empenhos da ciência tradicional. Em conclusão: a corrente habermasiana de pensamento propõe essencialmente que o homem moderno retome suas raízes políticas e reconstrua sua realidade social.

Mutatis mutandis, os acontecimentos envolvendo a Educação Física desde os anos 60 transcorreram à feição habermasiana com resultados estimulantes, inclusive na perspectiva brasileira. Mas, em oposição ao que tem ocorrido com a problemática das drogas, foram ideias humanistas e transações políticas que estabeleceram as bases para mudanças e não proposições científicas ou técnicas. Exemplo particularmente revelador quanto á revisão dos rumos do Esporte, tem constituído o Comité Olímpico Internacional - COI que tem enfrentado conflitos entre potências e blocos internacionais, múltiplos e poderosos interesses comerciais e deterioração das normas de competição e elegibilidade de atletas. Controlando por via política o ritmo de inovações, esta instituição — geralmente apontada como superior à ONU em meios e influências - tem reelaborado e divulgado, nos últimos anos, seus compromettimentos éticos e se ajustado progressivamente a objetivos afetos a praticantes e não a sistemas (37).

São incomparáveis, contudo, as organizações da Educação Física Internacional com os cartéis de dro-

gas. Seja pelo caráter criminoso, seja pelos interesses econômicos escusos que se vinculam à oferta de drogas, há um confronto entre sistemas que desarticulam ou inibem a política, pelo menos na esfera pública. Por isso, o consumidor em potencial acaba sendo "treinado" para se "defender" num estado de guerra não declarada. Também, pelo mesmo motivo, fala-se deveras em educação mas se pratica adestramento. O risco evidente é o da colocação do professor a serviço do "combate" às drogas, desgastando seu papel social.

Disso se deu conta o movimento PRIDE ao sensibilizar o magistério nos EE.UU., no sentido da participação comunitária em iniciativas autônomas de prevenção, quando fez constar a seguinte declaração em seu texto gerador de ações (38):

"A função e a responsabilidade principal dos educadores é exatamente a de EDUCAR. Não são eles policiais, nem juízes, nem assistentes sociais, nem outra coisa a não ser professores. Mas necessitam, no entanto, de estar bem informados a respeito dos indícios e dos sintomas de abuso de drogas."

Já a Educação Física em sua evolução histórica tem passado por constrangimentos semelhantes em diversas nações, ao se impor a professores, objetivos estranhos à área educacional, como treinamento corporal, ordem disciplinar, submissão política, serviço militar e outros. No Brasil, Mário Cantarino Filho em seus trabalhos, atribui à Educação Física e ao Esporte vinculações íntimas com a ditadura Vargas dos anos 30 e 40 (39), do mesmo modo que se destaca frequentemente entre profissionais da área o sentido militar originário, e ainda sobrevivente, das atividades físicas dirigidas no país. Portanto, há uma predisposição histórica de caráter internacional em manipular educadores físicos com fins insólitos que pode convergir para a repressão de drogas.

SUBMETER-SE OU OUSAR ?

Em contraposição, o tema tem ultimamente frequentado congressos internacionais da área de Educação Física, Recreação e Esporte, notando-se alguns avanços dentro do ponto de vista humanístico. Por oportuno, cite-se a contribuição de Cordona e Centeno (40), apresentada em congresso latino-americano sediado na Colômbia em 1989, que consistiu num relato sobre a prevenção primária de farmacodependência por meios recreativos. Ao se comparar diversos programas experimentais efetivados na região colombiana de Bucaramanga, os autores concluíram:

"Os resultados desta investigação coincidem com os critérios manejados pelas entidades especializadas nestes programas, os quais dão maior ênfase

se ao aspecto familiar e ao desenvolvimento bio-psíquico-social do homem, superando o antigo enfoque que enfatizava a informação sobre drogas."

Cabe reproduzir, por necessário, a relevância deste estudo diante da situação colombiana indicadora de uma tendência passível de se instalar em diversas outras regiões, inclusive no Brasil. Expõem Cordona e Centeno em sua introdução (41):

"A dependência de drogas alcançou tal magnitude em nosso país, que o Ministério da Saúde Pública Nacional tem considerado a possibilidade de realizar programas prioritários de atenção a este problema. Atualmente a drogadição é uma das principais causas de hospitalização em Centro de Saúde Mental, e as estatísticas de consultas por este flagelo alcançam índices alarmantes, tendo em conta que a relação com o total da população colombiana 33,39% consome drogas, e 10,49% deste grupo é formado por jovens entre 12 e 25 anos."

Em outros estudos apresentados no mesmo evento por pesquisadores do "Centro de Recuperação de Abusos de Alcool e de Drogadição - FUNDAR", da cidade colombiana de Cali, observa-se similar relevância e simetria nas conclusões. Em Romero e colaboradores (42) há uma premissa digna de atenção:

"Dentro dos objetivos da prevenção integral em FUNDAR estão, primeiro, integrar a família ou grupos de família nos planos e programas informativos e formativos que lhes permitam ser conscientes de cada um deles e do sistema como um todo, já que formam parte do problema que os desajustaram; segundo, capacitar grupos a fim de que estes estimulem câmbios de atividades, de valores e de comportamentos no afetivo, intelectual, recreacional e laboral."

Para a argumentação até aqui esboçada, as pretensões e resultados dessas pesquisas tem valor mais de forma do que de conteúdo, mais simbólico do que científico: são os primeiros passos de uma discussão a ser enfrentada como também antecipar o encontro da Educação Física humanista com os abusos substantivos do corpo. Adiantam, talvez, uma situação limite na qual se testa a preservação do último refúgio do homem, o seu próprio corpo. Direcionam-se, finalmente, para as causas e encaminham a crítica social cora os homens e não exterior a eles, um arranjo muitas vezes simulado ou corrompido mas que deve ser experimentado, tal como vem acontecendo com a Educação, e nela com a Educação Física.

No Brasil, ainda de forma rudimentar e por vezes distorcida, esta discussão tem se referido sobretudo

aos trabalhos físico-recreativos com grupos disprivilegiados no marco de atividades não-formais, tais como ocorrem com menores marginalizados, idosos, deficientes físicos, etc (43). Porém, aparentemente, os dilemas que emergem dessas experiências tem inibido e intimidado os educadores. Estes dilemas, contudo,

podem constituir guias para a discussão, do mesmo modo que os presentes argumentos foram tematizados. Se assim acontecer, há uma questão inicial a se por de inspiração kantiana que acompanha a meditação dos homens diante da opressão e da injustiça: submeter-se ou ousar?

REFERÊNCIAS

- (01) Inicialmente, o exemplo da prática esportiva como meio de domínio na sociedade industrial foi explorado por Max Horkheimer - "The End of Reason", texto publicado em 1941 na Alemanha e reproduzido em inglês em "The Essential Frankfurt School Reader"; Arato, A. F. Gabhardt, E. (eds.) Urizen Books, 1978 New York, pp. 26-48. Mais recentemente Liischen, G. e Weiss, K., sociólogos do esporte, observaram ampla aceitação desta crítica, citando várias fontes em "Sociologia dei Desporte", Minon, Vallabolid, 1979, p. 112.
- (02) Verifique-se, inter alia, Pereira da Costa, L. em "A Reinvenção da Educação Física e do Desporto segundo Paradigmas do lazer e da Recreação", Desporto e Sociedade, Lisboa 1977, pp. 10-17
- (03) Cf. Parlebás P. - "Perspectiva para Una Educacion Física Moderna", Unisport-Andalucci 1987, pp. 3-6. Para uma discussão mais ampla do tema ver Manuel Sérgio em "Para uma Epistemologia da Motricidade Humana", Compendium, Lisboa. 1987, pp. 139-157.
- (04) Consulte-se Woodward, W. H., era "Vittorino da Feltré", capítulo do livro "Background Readings for Physical Education", Holt, Rinerhart F. Winston, New York, 1965, pp. 55-61.
- (05) Ibidem, p. 121, capítulo "Emile" de Jean Jacques Rousseau. Em adição, Rolland, R., "Rousseau", Martins, São Paulo, pp. 95-111, analisa a pedagogia rousseauiana e sua fundamentação.
- (06) Cf UNESCO, "Segunda Conferência Internacional de Ministros y Altos Funcionários Encarregados de la Educacion Física e el Desporte", Moscou, noviembre 1988, p. 1 da Recomendacion nº 4.
- (07) Ver introdução de Paterson, A. e Hallberg, E. C. ao texto "Emile", Op. Cit, pp. 120-121.
- (08) Cf. UNESCO, Op. CiL p. 3.
- (09) Instituto Gramsci - "Moral e Sociedade", Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1969, p. 168.
- (10) Ibidem, p. 176.
- (11) O texto originário de Max Weber sobre o nascimento da razão ocidental na sua moderna versão é "the Theory of Social and Economic Organization" publicado primeiramente em 1921 e na sua versão em inglês em 1947, conforme consta em Jay, M.-"The Dialectical Imagina - tion", Little, Brown and Co., Boston, 1973, pp. 120-121, que discorre sobre suas raízes e consequências.
- (12) Verifique-se em Jay, M., Op. Cit; p. 121 e seguintes, a adesão marxista à tese Weberiana da razão instrumental.
- (13) Comprove-se em "Habermas", Freitag, B. e Rouanet, S J». (eds.), Ática, São Paulo, 1980, p. 72.
- (14) Esta contradição exposta por Habermas e expressada anteriormente por Weber é relatada por Freitag, B., "A Teoria Crítica Ontem e Hoje", Brasiliense, São Paulo, 1986, p. 62 e seguintes.
- (15) Mc Intosh explora os diferentes contactos do Esporte com a sociedade que o pratica no seu livro clássico "Sport in Society", West London Press. London, 1987. Especialmente nas pp. 9-18, encontra-se abordagem sobre a adaptação sócio-esportiva.
- (16) A tendência globalizadora da Educação Física é analisada em editorial do jornal of Physical Education, Recreation and Dance, vol. 58, a- 4, April - 1987, p. 15, em texto de John j. Burt, sob o título "Needed: A Holistic Perspective for Health and Physical Education".
- (17) Veja-se a penetração do Esporte Para Todos em Palm, J. - "Sport For Ali is a Worldwide Movement", XI Conference Trim and Fitness International, Toronto, june, 1989.
- (18) A experiência brasileira do "Esporte Para Todos" é encontrada em Pereira da Costa, L. - "Educação Física e Esporte Não-Formais", Ao livro Técnico, Rio de Janeiro, 1989.
- (19) A pesquisa processou 3600 questionários e consultou diretamente 188 especialistas de Educação Física, Recreação e Esporte durante o ano de 1986, conforme registra. Keyes, M. E. - "Fitness, the future", Governament of Canadá - Fitness and Amateur Sport, Ottawa, 1986. As considerações sobre as categorias centrais estão na p. 16 e seguintes.
- (20) Ibidem, p. 16.
- (21) Em Sullivam, W. M. - "Communication and the Recovery of Meaning: an Interpretation of Haberma", International Phylosophical Quarstely, march 1978, vol. XVIII, no. 1, pp. 69-86, sintetiza-se o pensamento habermasiano em torno da razão comunicativa.
- (22) Cf. Habermas, J. - "Diarreia e Hermenêutica", LPM Editores, Porto Alegre, 1987, p. 88.
- (23) Cf. Touriane, A. - "La Parole et la Sang - Politique et Societé en Amerique Latine", Editions Odile Jacob, Paris, 1988, pp. 9-22. Nesta introdução sintetiza-se as proposições de "Le Retour de L' Acteur", Fayard, Paris, 1984.
- (24) Ibidem pp. 134, 136 ss e 415. Para as menções do movimento estudantil e das intelligenzias, ver "Lutte Etudiante", Seuil, Paris, 1978 e "La Voix et le Regard", Seuil, 1978.

- (25) Cf. Isambert-Jamati, V. - "Para Onde Vai a Sociologia da Educação na França", R. Brás. Est. Pedag., 67 (157):538-51, set/dez, 1986,p. 544.
- (26) Constate-se em Sennett, R. - "O Declínio do Homem Público", Companhia das Letras, São Paulo, 1988, pp. 338-350.
- (27) Cf. Mahler, F. - "Um Modelo Global de Desenvolvimento Teórico da Sociologia da Educação" R. Brás: Est. Ped., 67 (157): 521-31, set/dez 1986, particularmente pp. 521,525 e 528-529.
- (28) Ibidem, p. 529.
- (29) A Carta Europeia do Desporto Para Todos representada em 1970 pelo Conselho da Europa está reproduzida em Pereira da Costa, L. - "Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa", Palestra, Rio de Janeiro, 1981, pp. 23-38. Por sua vez, a postulação da FIEP quanto ao Esporte para Todos é reportado por Seurin, P. - "Problemes Fondamentaux de l' Education Pysique et du Sport", Editions de la Violette, Paris, 1979, pp. 45-64.
- (30) Verifique-se em ERIKSSON, E. - "Introductory Speech to VIII International Seminar on Sport for Ali" in "Trim in the Open Air - Proceedings, Sveriges Riksidrotts Forbund, Boson, 1983, pp. 10-15.
- (31) Constate-se em Samaranch, J. A. - "Sport pour tous", Message Olympique, no 16, décembre 1986, pp. 5-6.
- (32) O histórico e a avaliação do Esporte para Todos pode ser acompanhada pelas 40 edições da revista "Comunidade Esportiva" publicadas entre 1980 e 1986. No livro "Educação Física e Esporte Não-formais" de L. P. costa, anteriormente arrolado, encontra-se uma análise das críticas a estas atividades alternativas pro autores brasileiros de várias tendências ideológicas, conforme pp. 7-23. Nesta mesma temática desenvolve-se o capítulo "Afinal, o que faremos com a Educação Física?" de L. P. Costa in Educação Física, Marinho de Oliveira, V. (ed.), Ao Livro Técnico, Rio de Janeiro, 1987, pp. 119-129.
- (33) Comprove-se no Parecer 215/87 do conselho Federal de Educação - MEC, "Reestruturação dos Cursos de Graduação em Educação Física" do Conselheiro Mauro Costa Rodrigues.
- (34) Cf. Kisby,R. - "Sport for AU Around the World", Trim & Fitness International Conference, Toronto, June 1989.
- (35) Cf. Hurley, D. - "Cycles of Craving" Psychology Today, July/August 1989, pp. 54-58.
- (36) Compare-se com Freitag e Rouanet, Op. Cit, pp. 35-45.
- (37) Inter alia, ver Müller, N. - "Olympism and Sport for AU" in "Report of the 28 th Session", International Olympic Academy, june/july 1988. pp. 188-200.
- (38) Cf. PRIDE - Gleaton, T. J. - "Plano Comunitário para a Prevenção do Abuso de Drogas", Atlanta, s/d (versão portuguesa de Guilherme Cesarino).
- (39) Cf. Cantarino, M. - "A Educação Física na Universidade em face de Legisladores" in "Educação Física e Esporte na Universidade", Solange Passos (ed.), Editora UnB, Brasília, 1988, pp. 419-425.
- (40) Cf. Cordona, M. e Centeno, F. P. - "Recreation y Drogadiccion", Congresso Latino americano de Recreacion y tiempo libre, Bucaramanga, 1989, p. 75
- (41) Ibidem, p. 72
- (42) Cf. Romero, C; Calderon, A.; Saldarriaga, M.; Wiedman, C; Cabrena, J. - "Una Dimension Mas en la Recreacion", Congresso Latino americano de Recreacion y tiempo libre, Bucaramanga, 1989, p. 86 e segs.
- (43) Um exemplo da discussão mencionada refere-se à pesquisa "Avaliação do Programa Recriação no Rio de Janeiro", de Costa, L.P., Pegado, P. e Andrade da Costa, C.L.B., Centro Aeróbico do Brasil, Rio de Janeiro, 1988.

3

ADOLESCÊNCIA E CORPO

Denise Doneda

- Introdução
- O corpo como limite
- Lutos da adolescência
- Mundo externo e mundo interno:
a transgressão necessária
- A adolescência como crise
- Quando o "cavalo" em questão é o professor

"A comunicação com o adolescente deve ser aberta, afetiva e intelectual, compreensiva e firme, vinculada a uma presença adulta capaz de testemunhar a própria autoridade sem precisar de autoritarismo. Sem abusos e desmandos, sem manipulação do idealismo jovem e semforçagem da maturação física que desponta e cujo descompasso cabe aturar na espera do tempo de emenda. Eis uma tarefa particular do professor de educação física: valorizar junto ao jovem a transformação do seu corpo, sem cair na armadilha de uma idolatria do físico (e de desempenhos brilhantes), em detrimento da intergração social e afetiva deste corpo, que pertence à pessoa jovem como um todo. A saúde passa pela maturação integradora e não violadora desta fase, enquanto momento temporal decisivo do devir adulto daquele que já era' criança."

INTRODUÇÃO

O ser humano, em sua história, deparou-se com três grandes cortes narcísicos, afetando o seu orgulho e a sua imagem de si mesmo. O primeiro deu-se com Copérnico, ao afirmar que a Terra não era o centro do universo; dois séculos depois, Darwin revela a origem evolucionista do homem, não sendo mais o ser das criaturas; finalmente, Freud, ao frisar a primazia do inconsciente sobre a consciência: "o homem não é dono nem em sua própria casa", isto é, não manda nem em seu próprio corpo.

Em tais cortes o homem se vê frente a frente com sua condição humana, marcada pelos seus limites físicos e psíquicos.

Relacionando o período denominado adolescência com tal contexto, notamos no jovem a relutância à incorporação de limites; estes, no entanto, consolidarão sua maturação humana. Porém, tal processo não ocorre apenas no jovem, mas suscita, em seus familiares, uma revivência do seu próprio aprendizado de limites, dos seus próprios cortes narcísicos.

Eis uma das razões que dificultam ao adulto relacionar-se com o adolescente e captar sua essência. De fato, nos questionamentos impetuosos que este endereça ao mundo ao seu redor, os pais e educadores estão na linha de frente. Os adultos, coerentes com o contexto social que exerce sua coação de fora para dentro

com vistas ao equilíbrio, veem-se em fogo cruzado quando o adolescente, em seu processo de busca de equilíbrio (agindo de dentro para fora), os questiona abertamente.

Nesta guerra de gerações há um esforço de assimilação mútua: de um lado os adultos, extasiados diante das paixões, entusiasmos, arrojados, espontaneidades do adolescente; de outro, os adolescentes buscando estabilidade econômica, liberdade de decisão, participação social e capacidade de escolha...Ambos cobiçando, pois, as vantagens da outra geração, mas sem consentir em pagar o preço inerente nestas conquistas.

Reconhecer a adolescência como um processo sofrido de maturação sempre ambivalente, é um passo para transformá-lo num vislumbre de aquisições novas. Não será que, pela aliança da impetuosidade jovem com a sapiência adulta possam emergir resultados valiosos, permitindo que muito do humano possa ser restaurado, graças à aceitação emergente das limitações próprias?

Desta forma, a adolescência se apresenta como o caldeirão no qual os valores humanos fazem a sua prova de purificação e sedimentação - à condição que eles sejam propostos e defendidos, pelos pais e educadores, com dignidade e credibilidade. Senão, o humano, por ter faltado naqueles que seriam os modelos naturais, faltava na conduta dos jovens em formação, e

a porta seria aberta a desvios e distorções de todos os tipos.

Para que isto não ocorra, a comunicação com o adolescente deve ser aberta, afetiva e intelectual, compreensiva e firme, vinculada a uma presença adulta capaz de testemunhar a própria autoridade sem precisar de autoritarismo. Sem abusos e desmandos, sem manipulação do idealismo jovem e sem forçagem da maturação física que desponta e cujo descompasso cabe aturar na espera do tempo de emenda.

Eis uma tarefa particular do professor de educação física: valorizar junto ao jovem a transformação do seu corpo, sem cair na armadilha de uma idolatria do físico (e de desempenhos brilhantes), em detrimento da integração social e afetiva deste corpo, que pertence à pessoa do jovem como um todo. A saúde passa pela maturação integradora e não violadora desta fase, enquanto momento temporal decisivo do devir adulto daquele que "já era" criança.

O CORPO COMO LIMITE

Este tempo se inicia com a puberdade, a ser encarada como um fenômeno predominantemente biológico, culminante com sérias e visíveis transformações corporais. As glândulas endócrinas iniciam a produção de hormônios até então ausentes (progesterona na menina e andrógeno no menino), provocando a aparição da primeira menstruação na menina, a ejeção de espermatozóide no menino; surgem as características sexuais secundárias, os braços, mãos e pés se esticam e ficam desproporcionais ao resto do corpo. A sexualidade reaparece após o período de latência que seguiu o apogeu da sexualidade infantil, por volta de cinco anos, mas agora imbuída pela genitalidade. A idade média para ocorrerem tais transformações está entre 10-14 anos para as meninas e 12-15 anos para os meninos.

O corpo torna-se diferente: está crescendo. Tais transformações na estrutura e proporção corporal induzem alterações a nível psicológico, expressas entre outras manifestações pela irritabilidade e instabilidade de humor. Estes aspectos psicológicos definem o período denominado adolescência, cuja intimidade com as transformações corporais será tanto mais estreita quanto maiores forem os significados pessoais e sociais a eles atribuídos, na busca de estabilidade físico-emocional.

A adolescência, portanto, refere-se aos componentes psicológicos do processo de mudança corporal, constantemente determinado, modificado e influenciado pelos valores vigentes na sociedade. A conquista da maturidade social pois é empreendida pelo jovem a

partir de seu corpo, conquista que o leva, aos poucos, a expressar-se fora dos limites corporais. Assim, será na relação jovem-mundo que novos rumos serão traçados.

Questionando-se acerca dos seus corpos, os jovens expressam suas mudanças ao meio no afã de buscarem sua identidade; simultaneamente, as modificações psicológicas, correlatas às corporais, modificam suas relações com os pais, educadores, amigos e a sociedade como um todo. Graças a sua maturação emocional, o jovem aos poucos aprende abrir mão dos elementos perceptivos aliados a substâncias materiais para raciocinar (pensamento concreto, segundo Piaget), para começar a raciocinar com hipóteses abstraias (lógica proposicional, segundo este mesmo autor). A limitação corporal pois é percebida e aceita; colocada ao serviço da busca de identidade pode aliar-se a novos valores. Com estes, o jovem consegue enxergar-se de outro modo e vivenciar física e emocionalmente sua busca de reconhecimento enquanto adulto. Tal período, em nossa cultura, está inserido cronologicamente entre 15 e 24 anos.

LUTOS DA ADOLESCÊNCIA

Com todas essas transformações, o adolescente percebe-se diferente: sua voz muda, sua postura, seu modo de vestir, seus interesses evoluem. Seu corpo crescido exige o reconhecimento de sua identidade sexual, da genitalidade e da função de procriação, além dos desejos, preocupações e fantasias que se processam tantas vezes sem que os compreenda.

Uma necessidade se impõe: reconhecer-se corporalmente diferente de quando criança. É o luto pelo corpo infantil, pela inocência, pelos privilégios da infância. No seu bojo, isto traz a intelectualização como mecanismo para suportar a perda daquele lugar ocupado anteriormente onde pouco lhe era exigido e nada lhe faltava. Sem se compreender fisicamente, o jovem desenvolverá uma forma de ser onde se apresenta como dono da verdade, onde tudo sabe, tudo pensa, tudo contesta — mas onde não suporta viver emocionalmente de forma intensa, por causa da fragilidade de sua estrutura mutante.

Concomitantemente, pergunta-se: quem sou? À busca ávida e apaixonada por sua identidade de adulto vê-se na necessidade de libertar-se, de qualquer modo, da dependência infantil dos seus pais. Deste modo, as relações mantidas em casa com os pais, perturbadas por constantes modificações e solicitações de todos os tipos, mas sobretudo pela revivescência do "Complexo de Édipo", agora duplamente proibido (pela cultura e por possuir os instrumentos necessários para sua con-

cretização, ou seja, a genitalidade), exige que o adolescente busque novas figuras de identificação. É a vez de encontrar no grupo de amigos e camaradas um novo padrão corporal, compartilhando tendências de estilo, gostos, interesses e até rituais. O grupo serve em determinados momentos para firmar a nova identidade, ainda vacilante, mas também para mostrar aos pais que é diferente, que sua geração é outra. Ademais, a adoção de um tal grupo de referência lhe permite descartar a família, temporariamente substituída pela convivência com os novos companheiros. A coesão afetiva deste grupo ajuda a dissimular a carência familiar sofrida e preenche a sensação de vazio ocasionada pelas perdas do corpo infantil e do carinho dispensado, ordinariamente ao filho enquanto se mostrou criança doce, submissa e "inocente".

O grupo pois é um instrumento importante que facilite a travessia deste período pela integração social do luto, dos seus momentos de depressão, de solidão e de nostalgia. Porém, se o grupo se substituir realmente à família, por ausência ou incompetência desta, o processo do "adolescer" corre o perigo, mais uma vez de se desviar, e o grupo, de se transformar em bando, com todas as prerrogativas pejorativas associadas a este termo, de marginalização, delinquência, violência, drogas...

No seu vir-a-ser, o jovem utiliza-se de várias estratégias para encontrar as respostas que lhe faltam. Na sua procura, depara-se ainda com uma outra questão: sou homem ou mulher? A sexualidade, despontada pela maturação primária e secundária do corpo, alcança o nível do desejo, onde deverá renunciar à fantasia do sexo duplo, vivida na infância, para assumir a sua sexualidade, definida pela configuração de sua masculinidade ou feminilidade agora delimitada. Sua vivência com o grupo de pares, a princípio todos do mesmo sexo, e posteriormente com o sexo oposto, propicia a busca desta sua integração e assunção.

Cabe, ainda ressaltarmos a importância da masturbação neste processo de maturação. Ela aí cumpre um papel importante, tanto para instaurar a primazia genital quanto para auxiliar na estruturação do novo corpo. Refugiar-se assim no seu mundo íntimo estritamente pessoal, facilita a compreensão de seu passado, de sua infância, e pode impulsioná-lo para novas relações à medida que pare de procurar em si o que gostaria que os outros lhe dessem: prazer e liberdade. O direito a ambos, mas também a responsabilidade por eles assim se consolidam.

MUNDO EXTERNO E MUNDO INTERNO: A TRANSGRESSÃO NECESSÁRIA

Não é raro definirmos a adolescência como "período rebelde". E os adolescentes não deixam por me-

nos: vestem-se diferentes, ouvem músicas em som alto, não obedecem, são rebeldes mesmo, vivem somente para os amigos, matam aulas, usam drogas... A voz paterna - e com ela toda autoridade - é constantemente contestada, reivindicando para si um espaço "só de curtição".

Nessas mini transgressões, tão irritantes para o adulto, o adolescente busca seus limites. Testando a solidez da lei paterna, busca na sociedade o que há para "ser do contra", para deixar de ser "dependente". Porém, deixa uma dependência por outra, já que ao pertencer a um grupo compartilha de outras leis, cujo determinantes podem variar desde "transar", fumar baseados, praticar atos anti-sociais ou mesmo criminosos. Quanto maior forem os empecilhos colocados pela sociedade e seus mecanismos repressivos, mais distorcidas serão as formas de rebeldia das manifestações jovens. Assim, é impossível não relacionarmos a transgressão com o momento social e cultural. É impossível pois, vermos a adolescência apenas como mudança biológica.

Como transgredir? Na resposta emitida através de uma atuação qualquer, o jovem pode buscar o apaziguamento das contradições descobertas no seio familiar, ou ainda, uma forma de repudiar o movimento da sociedade em marcá-lo, adequá-lo e adestrá-lo. Para o adolescente, a emancipação não é vista como fruto de uma estruturação interna, mas como jogo externo onde participam elementos ordálicos, lances perigosos e condutas de risco, vividos à margem da sociedade.

Nesse movimento, a sociedade não deixa de lucrar, já que pode, assim, rever seus valores e posicionar-se frente aos mesmos, ainda que seja para melhor reprimir os adolescentes. Contudo, há um risco nessa evolução social, aquele de propiciar novas formas de rebeldia, cada vez mais marginalizantes se não houver compreensão adequada.

A ADOLESCÊNCIA COMO CRISE

Definir o processo como crise não significa rotular de patológico uma evolução contraditória, confusa e ambivalente, e nem sequer induzir a busca de soluções equivocadas e instantâneas; vociferações à adolescência advêm daqueles que a percebem como processo de ação imediata e não a compreendem enquanto movimento de transição.

Alguns autores consideram a adolescência como invenção cultural, baseando-se no fato de não existir, em algumas sociedades, sobretudo nas indígenas, um período tão longo (5 a 8 anos em nossa cultura) de preparo do indivíduo para o status de adulto. Nestas sociedades há, para marcar tal passagem, os ritos de

iniciação que duram, quando muito, algumas semanas.

Contudo, não devemos relativizar estes processos comparando-os com outros, dado as diferenças nas normas e valores atribuídos a um jovem. Estes se modificam segundo sua cultura, apesar do embasamento psicobiológico que confere características universais a tal período. O desenvolvimento filogenético envolve-nos a todos enquanto espécie, porém, o ontogenético traz consigo os meandros culturais e os aspectos pertinentes a cada um enquanto indivíduo.

A busca de identidade empreendida pelo jovem pode ser vista, nesse contexto, como o (re) conhecimento de suas características individuais (personalidade), a fim de encontrar seu lugar no meio social e cultural no qual se situa. Esse "lugar" se provido de elementos estruturantes mínimos, propiciará o desenrolar "normal". Tais elementos dizem respeito ao fato de pertencer a uma família um tanto estável, ou seja, os pais (ou um deles) promovendo a sustentação econômica e afetiva do lar; a estar frequentando um sistema educacional (público ou privado) que lhe forneça elementos que o auxiliam em sua autocompreensão; a ter opções de lazer e tempo para se realizar; a desfrutar de boa saúde, o que implica serviço médico-hospitalar disponível e boa alimentação.

É certo que o aumento da angústia (e da crise) da adolescência não depende única e exclusivamente desses elementos, pois alguns jovens, dado suas particularidades psíquicas e afetivas, talvez nunca alcancem a superação e estabilização dessa fase. Mas com certeza, tais condições em muito auxiliam a concretização do processo identificatório e da maturação integrativa.

Três instâncias devem ser questionadas ante a oposição normal X crise: o indivíduo, seu lar e a sociedade.

Quanto ao indivíduo, todo o processo de sua busca de identificação, bem como a vivência dos lutos e da sexualidade que o invade, conferem grande dose de angústia e perplexidade. Caberá a cada um gerenciar estes fatores, segundo os modelos que dispõe. É aqui que o elo se fecha com o lar e o social.

Antes mesmo do período da adolescência, a criança mantém uma relação com seu lar onde expressam-se seus conflitos individuais com o meio externo: os impulsos não são controlados e sua aprendizagem para enfrentá-los é lenta e gradual, seguindo, inclusive, seu amadurecimento fisiológico. Se o lar suportar as investidas do jovem no sentido de organizá-las através da postura coerente dos pais (sobretudo na comunicação), este poderá entregar-se às suas atividades lúdicas tendo um quadro de referência seguro, estável e estruturante.

Isso não ocorrendo, o jovem (e sobretudo o adolescente, com certeza mais obtuso em suas vivências) buscará fora do lar os limites necessários à sua estruturação, as "quatro paredes" que lhe faltam. Essas paredes podem ser a de outros membros da família, da sala-de-aula, da delegacia de menores ou do centro de reeducação...

A transgressão em si não é estruturante (nem para ele nem para a sociedade), mas constituirá sua forma de relacionar-se com o social e de pedir ajuda. Nesse pedido refletem-se os problemas sociais da atualidade. Angustiantes já para o adulto, o que é que eles representam para o jovem que se vê, por exemplo, frente a frente com uma escolha profissional, com a escassez no mercado de trabalho de vagas para mão-de-obra jovem, com o desemprego dos pais, com a AIDS, a falta de informação, a inflação, a desmoralização das autoridades...?

Afastando-se do percorrer normal da crise, o adolescente poderá optar por caminhos distorcidos, com o consumo de drogas ou a delinquência, a fim de buscar seu lugar e sua diferenciação. Destarte, posiciona-se contra uma sociedade que não lhe permite produzir mudanças fundamentais favorecendo assim o descontentamento e suas diversas manifestações como instrumentos transgressivos.

A repressão, tanto dos pais e educadores quanto dos governantes, não é boa estratégia para conter a angústia dos jovens e da sociedade como um todo, quando o processo toma rumos adversos àqueles esperados. Cabe compreender que, para o jovem, a transgressão é necessária; para o adulto, a repressão cega é a expressão da sua "carentice", ou seja, de sua limitação no real, da sua resignação e acomodação.

QUANDO O "CARETA" EM QUESTÃO E O PROFESSOR

Assiste-se com frequência à expressão de angústia dos professores em compreenderem os adolescentes. Procuram bibliografias, palestras e melhores "modus operandi" para sua prática educativa. Mas estariam os jovens interessados em serem compreendidos? Alguns autores acreditam que não, pois seus esforços estão concentrados em viverem intensamente tal período, em desvendarem seus problemas de existência, em estabelecerem uma identidade.

É importante, pois entender que o processo não pode ser acelerado; mas se compreendido e respeitado não correrá o risco de ser interrompido ou destruído por respostas inadequadas ou por atos desastrosos. Se para o adolescente, a "cura" é o passar do tempo, para adultos (professores ou não) é o questionamento

honesto acerca de suas limitações frente a um tempo vivido onde importa, sobretudo, que sua própria adolescência seja compreendida.

Em especial, o professor de educação física atua com um elemento de preocupação privilegiada para o adolescente: o corpo; enquanto sede de excitações, beleza e prazer. A compreensão, nesse caso, estende-se para a esfera da psicomotricidade, pois compreendendo o corpo como parte inseparável do psiquismo, seu rendimento deve ser avaliado com cuidado, para não cair numa mera instrumentalização sem conteúdos afetivos e sem valores.

O adolescente vive sua necessidade de desafiar seu corpo em constantes provocações, até o momento

em que pode consoldar sua identificação com a figura parental e parar de se angustiar com sua maturidade sexual. Chegado tal momento (tão individual e solitário), poderá transferir sua necessidade de se externar para desempenhos físicos ou investir suas energias corporais em realizações intelectuais.

Cabe lembrar que o professor não detém a responsabilidade única pela compreensão e direcionamento do processo adolescente; porém, pautando-se em fundamentações pedagógicas adequadas, poderá assumir uma postura preventiva e não paliativa face aos conflitos que inevitavelmente fazem parte deste processo; eles podem ser transitórios e integradores ou, pelo contrário, desestabilizantes e desviantes. Se o jovem vir a falhar, será que a culpa é dele?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCHER, R. O Jovem e a transgressão, in *humanidades*, 14,16-20; 1987.
- ENDERLE, C. *Psicologia da Adolescência: Uma Abordagem Pluridimensional*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1988.
- GRINBERG, L. & GRINBERG, R. *Identidad y Cambio*. Buenos Aires: Editorial Paidós; 1976.
- KALINA, E. *Psicoterapia de Adolescentes: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1976
- PIAGET, J. *A Formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1978.
- WINNICOTT, D.W. *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes; 1987.

4

MOTIVAÇÕES AO USO DE DROGAS

Cláudio Cortes Paiva

*"Hoje em dia, a droga parece se
constituir, para os adolescentes,
um "eixo" de contestação e de auto-afirmação.
Muitos encontram outros 'eixos', com os esportes,
as artes, a música, a religião, o conhecimento..."*

Ainda que algumas pessoas possam achar estranho, incompreensível e até totalmente absurdo que se sintam prazer quando se usa drogas, se estamos falando em motivação, temos que admitir algum tipo de prazer naquilo para o que se é motivado.

O conhecimento da história da relação entre os homens e as drogas nos mostra claramente que o prazer permeia esta relação, pelo menos em alguns de seus estágios. Torna-se porém imprescindível, para compreender este fenômeno e os fatores que contribuem para que ele aconteça, qualificar ou caracterizar este prazer. Que tipo de prazer é este?

Somos então remetidos a um tema filosófico — e psicológico — fundamentalmente importante e talvez um pouco árduo: a questão da eleição, pelo homem, dos seus objetos de prazer. Enquanto que entre os animais, o prazer é encontrado na satisfação de necessidades básicas, naquilo que vai garantir a sua sobrevivência, o ser humano, com sua capacidade de simbolização, ultrapassa o estágio da necessidade, podendo com isto eleger múltiplos objetos para o seu prazer. Estes podem ser distintos e peculiares, correspondentes à estruturação da personalidade de cada um, isto é, ao subjetivismo estabelecido através da vivência de uma história muito particular. Donde se conclui que não há, para o homem, objetos de prazer pré-determinados de forma estática; ainda que algumas atividades sejam consideradas, em geral, muito prazerosas — e até mesmo recomendáveis, socialmente — é possível

encontrar pessoas para as quais aquilo não estará associado com prazer.

Da mesma forma, é possível que haja indivíduos que se aprazem com as mudanças que as drogas provocam em seu estado psíquico, em sua consciência, na percepção que têm de seu próprio corpo e do mundo externo. É possível, também, para irmos um pouco mais longe, encontrar pessoas que valorizem como prazeroso um comportamento arriscado, ou que apreciem desafiar as leis, sejam elas as leis dos homens ou as leis da natureza, os limites que elas nos impõem.

Compreendida esta dimensão do prazer, fica mais fácil analisar as motivações para o uso de drogas.

É importante, agora, situá-la dentro do momento social que vivemos. Após o advento e a popularização da tecnologia, tornou-se sinônimo de prazer o consumir: isto é, a posse de objetos materiais possíveis de serem desfrutados. O consumo caracteriza uma relação com um produto qualquer em que o principal investimento é o de caráter financeiro. As coisas valem o que custam, o prazer é o de possuir, o que, num certo sentido, se aproxima do imediatismo, e até mesmo do automatismo que caracteriza o uso de uma droga, e seu efeito: o único investimento, além do financiamento, é o trabalho de auto-administrá-la. O resto é fruição.

Este fenômeno aparece de forma exemplar na relação que o homem moderno desenvolve com os re-

médios. É mais comum encontrar pessoas que se auto-medecam com analgésicos, vitaminas e até mesmo com antibióticos, do que verificar um real cuidado preventivo com a saúde. A solução, com um remédio, parece muito mais fácil, simples e automática — o que só é verdade se esquecermos dos seus efeitos colaterais e também que muitos deles, principalmente os mais acessíveis, se prestam simplesmente a um alívio sintomático. A este respeito é importante frisar que os remédios "sintomáticos" estão entre os mais fabricados e vendidos, no mundo.

A industrialização não só popularizou o uso das drogas, tornando-as mais eficientes - e acessíveis —, como também contribuiu para o consumismo, colocando no mercado drogas com um potencial de dependência muito forte. Isto tanto pelas características químicas de novas drogas descobertas quanto pelas mudanças sociais que provocou.

Senão, vejamos: dificilmente poder-se-ia imaginar que um índio boliviano pudesse apresentar intoxicação aguda por cocaína mascando folha de coca. Isto só é possível se se faz uso de um preparado em que a droga possua uma concentração muito maior. Hoje em dia, por exemplo, é comum que jovens (na Bolívia e no Peru) desenvolvam forte dependência à cocaína, fazendo uso do pó em cigarros. Por outro lado, o que antes fazia parte de uma cultura, hoje só é usado pela busca do prazer em si.

Nem mesmo os atrativos de uma contracultura parecem ser, atualmente, importante. Na década de 60, o movimento hippie contribuiu para tornar comum o uso de alucinógenos, em particular maconha e ácido lisérgico, o LSD. Em nosso país, as ideias de paz, amor e flor, ajudaram a popularizar o uso de maconha. Isto caracteriza uma motivação para o uso de drogas, ela mesma relacionada com o consumismo: a moda. Ainda que em menor grau, como fenómeno social, algumas pessoas atualmente podem sentir-se atraídas por drogas pelo fato de elas estarem na moda. Vivencia-se algo semelhante em relação à cocaína, hoje no Brasil. Em nossa sociedade, seguir uma moda qualquer parece ser valorizado como algo prazeroso.

Ainda que certas substâncias possam ser consideradas perigosas para a saúde, seu consumo costuma ser estimulado através da propaganda. É o caso de produtos muitíssimos usados: coca-cola, café, tabaco e bebidas alcoólicas, para citar alguns. Recentemente, a divulgação comercial de alguns destes produtos foi regulamentada - e proibida - em nosso país. Porém, as técnicas de persuasão usadas na comunicação de massa podem consistir séria motivação ao uso de drogas (ou reforçar outras motivações), por paradoxal que isto possa parecer.

Podemos ver nisto a característica de uma pressão de um grupo, ele próprio interessado no consumo da substância. No caso da propaganda, o interesse é comercial. Entre pequenos grupos (turminhas de jovens, por exemplo), o uso de drogas adquire um valor simbólico relacionado com a adoção de certos hábitos grupais que reforçam a coesão entre as pessoas. É muito comum ouvir-se que alguém quer parar de usar drogas, mas "os amigos não deixam". O que talvez não seja tão comum é relevar os aspectos sociológicos do fenómeno, em vez de fazer rotulações moralistas. No lugar da droga, poder-se-ia favorecer outros motivos de coesão.

Na sua busca de afirmação, que leva fatalmente a uma contestação de valores introjetados na infância, o adolescente é um ser vulnerável ao apelo da droga, e todas as motivações referidas até agora ganham um reforço para ele. Nesta fase da vida, a pessoa torna-se naturalmente curiosa, ávida de experimentar novas sensações. A curiosidade da gente em relação às drogas é uma das mais comuns e fortes motivações para uma experimentação. O caráter de proibição e perigo relacionado às drogas, se for transmitido de forma dramática e mitificadora pode ajudar muito mais a reforçar esta curiosidade que afastar o jovem da droga. Hoje em dia, a droga parece se constituir, para os adolescentes, um "eixo" de contestação e de auto-afirmação. Muitos encontram outros "eixos", como os esportes, as artes, a música, a religião, o conhecimento... O que será que transformou a droga num baluarte da juventude? Deveríamos nos perguntar.

Às vezes, em vez de significar um ganho, o prazer está na verdade mais ligado a um alívio. Pessoas em precária situação social, com problemas de sobrevivência, fome, saúde e higiene podem se sentir muito atraídas por drogas que as aclamem, anestesiem, ajudando-as a suportar a situação. Numa sociedade estressante por excelência pode ficar mais fácil aliviar quimicamente o stress que mudá-lo em sua raiz. Usar drogas é mais simples. Nos países pobres, a tecnologia mais sofisticada convive com as mais precárias condições de vida, possibilitando aos mais carentes o "prazer" de sufocar ou aliviar de forma parcial, simples e ineficiente as frustrações provocadas por sua má situação sócio-econômica.

É significativo o número de pessoas que recorrem a serviços médicos e recebem calmantes. Muitos passam a usá-los por toda a vida, tomando-se dependentes. Nesse ponto, precisamos pensar sobre a qualidade do atendimento médico que lhes é prestado. Refletindo, talvez, a própria situação sócio-econômica, as intervenções terapêuticas parecem, cada vez mais, estar restritas à medicação indiscriminada, relegando-se a segundo plano formas de intervenção mais profundas e eficazes e, como já foi dito, a prevenção.

Como vimos, portanto, é impossível desvencilhar as possíveis motivações para o uso de drogas de um processo de transformação social que vem culminado em uma situação de crise com repercussão na vida de todas as pessoas. Estas transformações parecem ter gerado, de um lado, um aumento do acesso às drogas, e de outro, uma tendência geral das pessoas de subvalorizarem sua vida comunitária, procurando sentir prazer através de drogas e experiências excêntricas, o que é uma espécie de fuga.

Quando falamos em motivações ao uso de drogas, restringimo-nos principalmente aos dois aspectos citados no parágrafo anterior relacionados ao uso de drogas. Se quisermos pensar no fenômeno da depen-

dência (ou abuso), deveremos considerar de forma mais detalhada a questão da estruturação da personalidade de cada indivíduo, pois é sabido que somente algumas das pessoas que fazem uso de drogas tornam-se verdadeiramente dependentes. Isto se dá quando, entre todas as relações que alguém pode fazer, a relação com uma ou várias drogas se torna a mais forte — ou até mesmo a única que a pessoa parece considerar. Aí, talvez já não mais pudéssemos falar em prazer, mas da falta dele — e da luta desesperada e repetidamente fracassada por obtê-lo. Se dissemos, no início, que para haver motivação deveria também haver um prazer, para o dependente, portanto, já não se trata de motivação — e portanto devemos parar aqui, para não sairmos do nosso tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOWLIS, H.: **A Verdade** sobre as Drogas Rio: IBECC/UNESCO, 1982-

OLIEVENSTEIN, C: **A Droga**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

OLIEVENSTEIN, C: **O Destino do Toxicómano**. São Paulo: Almed, 1986.

PAIVA, C.C.: **Motivações para uso de drogas**. Em *As Drogas e a Vida*. São Paulo: E.P.U., 1988; 33-38

5

CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA COMPREENSÃO DAS TOXICOMANIAS

José Mário Símil Cordeiro

- O que é Toxicomania?
- O que é Dependência?
- O que são Uso e Abuso?
- O que é Escalada?

' É importante não esquecer, que buscar bem estar pessoal faz parte da vida de todos nós. O que é novo aqui é o fato de se recorrer a artifícios tóxicos para conquistá-lo. Se um adolescente precisa recorrer a esses meios é porque não está conseguindo obter gratificações nas relações do seu dia-a-dia."

O QUE É TOXICOMANIA ?

A resposta a esta questão não é simples. Se tomarmos uma situação corriqueira da clínica, veremos que o fenômeno da dependência química implica em 3 (três) fatores fundamentais: o indivíduo abusa de um produto, com propriedades farmacológicas específicas; esse indivíduo tem uma história pessoal, um desenvolvimento individual próprio, inserido numa situação familiar; produto e indivíduo, por sua vez, se encontram condicionados por um momento sócio-cultural determinado. Esse último aspecto, aliás, costuma ser esquecido nas avaliações que são feitas do abuso de drogas, resultando disto inúmeros equívocos e preconceitos.

Parece claro para os estudiosos do assunto que **todas** as drogas psicotrópicas alteram o funcionamento do organismo, possibilitando experiências prazerosas. Essas experiências prazerosas podem ser traduzidas como ausência de dor, euforia, sensação de bem estar e de leveza, sentimento de onipotência, dependendo da natureza química do produto utilizado. O fato de algumas drogas e não outras produzirem esses efeitos corresponde a fatores farmacológicos próprios, e esta é a única razão pela qual, por exemplo, ninguém fica dependente de antibióticos.

É importante não esquecer, porém, que buscar bem estar pessoal faz parte da vida de todos nós. O que é novo aqui é o fato de se recorrer a artifícios tóxicos para conquistá-lo. Se um adolescente precisa re-

correr a esses meios é porque não está conseguindo obter gratificações nas relações do seu dia-a-dia. Isso quer dizer que o abuso de drogas sempre corresponde à necessidade interna de solucionar problemas.

Existem casos em que esta "necessidade interna" corresponde a circunstâncias ligadas à própria sobrevivência. Por exemplo, muitos meninos de rua têm o hábito de cheirar cola de sapateiro como artifício para espantar a fome, esquecer a miséria e a situação de violência que os acompanham. Assim, buscam no efeito dessa droga o bem estar que normalmente desconhecem.

Em outras situações, essa "necessidade interna" se liga a aspectos do desenvolvimento psíquico desses indivíduos, resultado de suas interações com as figuras parentais mais importantes de sua vida. Em função de características que esse desenvolvimento tem, pode-se dizer que alguns indivíduos adquirem um tipo de apetência chamada "toxicofílica", e pode ser traduzida seja no sentido de uma predisposição, seja no sentido de uma tendência a resolver as dificuldades da vida através de recursos mágicos.

A toxicomania, portanto, deve ser compreendida como resultante primeiramente das dificuldades pessoais, familiares e sociais do indivíduo. O encontro com a droga, ponto de convergência dessas dificuldades, possibilita uma "solução" ilusória e provisória precipitando o desenvolvimento de uma relação que

pode ser profundamente prejudicial a esse indivíduo. O momento sócio-cultural, por sua vez, determina a significação que determinadas drogas podem ter para determinados grupos culturais ou para determinados indivíduos. Conclui-se, daí, que a toxicomania pode ser definida como o encontro de 3 (três) fatores básicos:

- a droga e seus efeitos
- o indivíduo e seus problemas
- a sociedade e suas contradições.

O QUE É DEPENDÊNCIA ?

Faz parte da natureza do homem estabelecer relações de dependência. Uma criança, ao nascer, necessita de cuidados e proteção, sem os quais fica impossibilitada de crescer. Toda a evolução do ser humano parte deste estado de desamparo original. Assim, durante nossa vida estabelecemos relações de dependência com objetos, pessoas e situações. Algumas dessas relações são importantes para o bem estar do indivíduo, outras são danosas, causando grandes prejuízos.

Certos indivíduos, por exemplo, não encontrando na família, nos amigos ou nos parceiros resposta às suas necessidades, recorrem a produtos químicos para preencher lacunas. Certas drogas, por sua vez, respondem a essas necessidades através de seus efeitos no organismo. A possibilidade, então, dessa resposta instantânea às dificuldades da vida, desperta no sujeito a ilusão de ter encontrado a "poção mágica" contra todos os males. Na falta dessa substância milagrosa, é invadido por sintomas desagradáveis que vão do nervosismo, da ansiedade, da inquietação, até o impulso incontrolável de utilizar a droga de novo, de obtê-la a qualquer custo. Nesse estágio, então, o sujeito depende intensamente dos efeitos da droga.

Um exemplo comum desse tipo de interação ocorre com indivíduos dependentes do álcool. Após alguns anos de uso regular de bebidas alcoólicas, determinado indivíduo começa a apresentar tremores, ansiedade, suores, dores musculares, mal-estar generalizado e um impulso incontrolável, ao acordar, de beber a primeira dose do dia. Tais sintomas são a manifestação da chamada "síndrome de abstinência". Esta revela que a interação do organismo com o produto já evoluiu para uma dependência física, quer dizer, o organismo do sujeito se adaptou à presença do álcool de tal forma que funciona mal sem ele.

A dependência física, no entanto, não ocorre só com o álcool, mas também com outras drogas: opiáceos (xaropes), barbitúricos, fumo, etc. Ela resulta da

adaptação do organismo a um uso continuado de determinada droga. Esta, quando utilizada em quantidade e frequência elevadas, leva o organismo a estabelecer um novo equilíbrio em seu funcionamento, num processo de adaptação. Os sintomas da "síndrome de abstinência" resultam da quebra desse novo equilíbrio, pela retirada brusca da droga.

Nem todas as drogas psicotrópicas (psico=mente; tropos = atração; = atração pelo mental, pelo psíquico) possuem as propriedades farmacológicas necessárias ao desenvolvimento da dependência física. Esta, aliás, costuma ser considerada apenas um dos aspectos da complexa interação entre o indivíduo, com suas carências e dificuldades, e a droga, com sua propriedade de modificação do sistema nervoso central. O mais importante, no caso, é que todas essas drogas levam a um estado modificado do psiquismo, do qual o sujeito passa a depender.

A dependência fundamental, então, é a dependência psíquica: um impulso irrefreável de continuar a usar a droga, para reexperimentar o bem estar e a satisfação que ela dá. A contrapartida desse estado, presente, em maior ou menor grau, com todas as drogas psicotrópicas, é a fissura, estado de intenso mal-estar provocado pela ausência da droga. Isto acontece tanto com o fumante ao tentar parar de fumar como com o dependente de cocaína, quando se vê sem droga. Guardadas as devidas proporções, é a mesma ansiedade de quem perdeu uma verdadeira muleta psicológica. Da mesma forma acontece com o adolescente que deixa de "viajar" nos efeitos ilusórios da maconha e tem que retomar aos problemas e desafios de sua vida. Em resumo, a dependência é uma contingência do ser humano, não sendo nunca totalmente resolvida. Na vida de cada um de nós é possível evoluir para uma situação de independência e de autonomia relativas. Alguns indivíduos, no entanto, não conseguem nem mesmo essa autonomia relativa e permanecem presos a padrões infantis de dependências. Por outro lado, algumas drogas, chamadas psicotrópicas, em virtude de alterações que provocam no organismo, estão aptas a propiciar ilusão de bem estar ou de força, ou ainda a possibilitar experiências que servem como fuga. O encontro desses padrões infantis de dependências com as respostas mágicas e imediatas induzidas pela droga cria condições para que se estabeleça uma relação de dependência substitutiva chamada "toxicomania".

O QUE SÃO USO E ABUSO?

Com exceção talvez das drogas alucinógenas, todas tiveram ou têm uma aplicação terapêutica. A morfina, por exemplo, é um dos mais potentes analgésicos que existem. A cocaína, originalmente, era empregada como potente anestésico local em cirurgia dos olhos.

Muitos xaropes utilizados contra a tosse contêm codeína. Tranquilizantes, barbitúricos e soníferos fazem parte do arsenal terapêutico da medicina atual.

Em nossa sociedade o **uso** desses medicamentos se tornou um fato corriqueiro, controlados ou não por prescrições médicas. Da mesma forma, fumar e beber são hábitos quase "naturais" de nossa sociedade. O **abuso**, portanto, dessas drogas é também uma consequência quase "natural" numa sociedade tão "medicalizada". No contexto em questão, o **uso** legitimado e expandido de medicamentos se transforma em **abuso**, este um padrão de consumo que denuncia um desequilíbrio psico-social.

Segundo classificações internacionais, cabe distinguir 4 (quatro) tipos de usuários:

Experimentador

Indivíduo que se limita a experimentar drogas. O contato com elas pode se dar por curiosidade, desejo de novas experiências, pressão do grupo de amigos, etc. Na maioria dos casos o contato com a droga não passa dessas primeiras experiências. Portanto, nem todo experimentador se tornará um dependente ou "viciado".

Usuário Ocasional

Indivíduo que utiliza um ou vários produtos, de maneira esporádica, quando o ambiente é favorável e a droga disponível. Não se observam, nesses indivíduos, rupturas em suas relações afetivas profissionais, familiares e sociais.

Usuário Habitual ou "Funcional"

Indivíduo que faz uso frequente da droga. Em sua vida já se observam sinais de rupturas a nível afetivo, profissional, social e familiar, mas ele ainda "funciona" socialmente, embora de forma precária.

Usuário Dependente ou "Disfuncional" (Toxicômano)

Nesses casos o indivíduo vive exclusivamente **para e pela** droga. Como consequência rompem-se todos os vínculos, provocando sua marginalização.

Em resumo, dependendo da época e da cultura, as drogas têm um **uso** socialmente aceito. É o caso do álcool, atualmente; dos alucinógenos em rituais sagrados de tribos indígenas, e de quase todas as drogas modernas, quando usadas como remédio. Já o **abuso** de drogas representa um desvio que denuncia um de-

sequilíbrio psico-social. Finalmente, tipo de relação que o indivíduo tem com a droga será diferente para o usuário experimentador, para o usuário ocasional, para o usuário habitual e para o toxicômano.

O QUE É ESCALADA?

Para esclarecer a questão da escalada é preciso compreendê-la antes de tudo como uma consequência do processo de dependência. Isto significa, por exemplo, que na história de um indivíduo dependente existe um caminho que ele percorre, e que vai das primeiras experiências esporádicas ("experimentador") até um consumo diário, em quantidade excessiva. Um primeiro sentido da escalada, portanto, é esse aumento progressivo da quantidade de droga. Trata-se de uma ocorrência relacionada também com um mecanismo biológico conhecido como **tolerância**. Esta, por sua vez, é uma adaptação das células do organismo aos efeitos da droga. Essa adaptação se dá de tal forma que, para se conseguirem os mesmos efeitos prazerosos, é preciso aumentar a quantidade de droga. Em outras palavras, a droga "perde força" no organismo, necessitando de uma dose maior para fazer efeito.

Uma consequência possível desse aumento incontrolável da quantidade é que o indivíduo perde a noção do limiar de tolerância do seu organismo, absorvendo quantidades letais. A **overdose**, causa muito comum de morte de usuários de drogas "pesadas" (opiáceos como a heroína, por exemplo), ilustra dramaticamente o resultado de um processo de escalada.

Além do aspecto quantitativo, a escalada ocorre também com o tipo de droga, quando o indivíduo passa, por exemplo, do abuso da maconha para o abuso da cocaína. Busca-se, nesses casos, uma "qualidade" diferente de efeito, seguindo o movimento imaginário do usuário em busca de uma "droga ideal", que possa preencher lacunas afetivas.

Finalmente, a escalada pode ser vista dos pontos de vista:

- a) da trajetória do drogado, que pode "escalar" uma vida de marginalidade cada vez mais caótica e insuperável;
- b) da dimensão psicológica do indivíduo, que vê seu campo vital restringido não só na relação com as outras pessoas (as trocas afetivas se empobrecem e se tornam utilitárias), como também na regressão da relação consigo próprio, na direção de uma postura auto-centrada e auto-suficiente ("a droga me dá tudo: não preciso de ninguém").

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCHER, R. e Costa, P. F. (1985): A Abordagem Terapêutica do Toxicómano. **Acta Psiquiátrica y Psicológica de América Latina** (Buenos Aires), 31/2, 63-74.
- BRAU, Jean-Louis: **Historie de la Drogue**. Tchou, Paris, 1968.
- FREUD, Sigmund: **De la Cocaine**. Editions Complexe-PUF, Paris, 1975.
- LEWIN, Louis: **Phantastica**. Payot, Paris, 1970.
- OLIEVENSTEIN, Claude: Aspectos Psicodinâmicos do Desenvolvimento do Toxicómano. **Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB)**, 3/1,35-42; 1987.

6

DROGAS E SEUS EFEITOS

Denise Doneda

Denise Vourakis Dias

- Drogas Legais X Drogas Ilegais
- Drogas Depressoras
 - Bebidas Alcoólicas
 - Opiáceos
 - Barbitúricos
 - Tranquilizantes
 - Inalantes
- Drogas Estimuladoras
 - Anfetaminas
 - Cocaína
 - Nicotina
- Drogas Perturbadoras
 - Maconha
 - LSD
- Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil

"Ao pensarmos em 'drogas' associamo-las às drogas ilegais; no entanto, são drogas todas as substâncias que, introduzidas no organismo, produzem alterações no Sistema Nervoso Central (SNC). Assim, substâncias como o tabaco e o álcool também merecem cuidado em relação ao seu uso e, sobretudo, ao seu abuso."

O abuso de drogas é considerado, pela Organização Mundial da Saúde, como sendo uma "doença social epidêmica", o que nos remete aos múltiplos fatores - a saber, o produto, a personalidade e a sociedade — responsáveis pela alteração orgânica (e porque não, social) que observamos em nossos jovens.

Porém ao pensarmos em "drogas" associamo-las às drogas ilegais; no entanto, são drogas todas as substâncias que, introduzidas no organismo, produzem alterações no Sistema Nervoso Central (SNC). Assim, substâncias como o tabaco e o álcool também merecem nosso cuidado em relação ao seu uso e, sobretudo, ao seu abuso.

Tais substâncias podem ser extraídas de produtos naturais ou sintetizadas em laboratórios a partir de uma molécula original que servirá como modelo, e cujos efeitos no SNC podem ser depressores, estimuladores ou perturbadores.

Neste capítulo analisamos as drogas segundo seus efeitos no SNC, suas considerações legais e ilegais e colocamos um panorama do uso de drogas psicotrópicas no Brasil.

DROGAS LEGAIS X DROGAS ILEGAIS

O que caracteriza uma droga como ilegal? Partindo do Código Penal temos referência a qualquer

substância entorpecente que ocasione dependência física ou psíquica. A especificação dessas substâncias fica a cargo do Ministério da Saúde através de suas portarias.

Tal especificação parece se modificar entre um país e outro: é o caso do haxixe, proibido no Brasil e permitido no Oriente Médio (onde se proíbe, por exemplo, o álcool; proibição determinada pelo Alcorão — máxima moral e religiosa de tal região).

As drogas acompanham o homem em sua evolução, seja para alívio da dor (analgésico); como auxílio nas intempéries físicas e geográficas (índios sul-americanos mascam coca para vencerem a fadiga e a fome), ou como estratégia para obter respostas acerca de sua existência (rituais religiosos ou festivos em determinadas tribos).

Em tais usos as substâncias utilizadas são, geralmente, as mesmas utilizadas por nossos jovens "para se drogarem", para obterem aquele prazer que requer doses continuadas e não raramente, doses cada vez maiores. Nesse contexto as motivações para o uso se fazem imperativas para analisarmos tais diferenças (vide texto específico).

Cabe lembrarmos que o fascínio do homem em inventar substâncias que, atuando no cérebro ou em outros órgãos aliviem a dor, tanto física quanto psíquica é bem antiga: encontram-se no Papiro Terapêutico

de Tebas (um dos documentos escritos mais antigos que se conhece) instruções acerca do uso do ópio contra a dor.

Concomitante a esse avanço tecnológico o qual propiciou a descoberta de novas substâncias contra a dor, surgiu o fenômeno da dependência (do "vício"), que aliado a fatores culturais (e muitas vezes económicos) fez com que a questão legalidade e ilegalidade intervisse para controlar o uso (e abuso) dessas substâncias. É o caso, por exemplo, da morfina que escapando do uso hospitalar entrou para a categoria das drogas "viciadoras", criando a morfina mania — cedendo, mais tarde, à heroínomania.

A ilegalidade de determinadas substâncias não advém apenas de seu modo de ação no organismo, mas passa pela evolução cultural e modificação de valores, determinados pela historicidade dos povos, avanços tecnológicos, questões económicas e outros fatores.

A lei, intervindo para garantir ao indivíduo seu convívio social (dele e daqueles a seu redor), determina proibições, seja para controlar a venda de determinadas substâncias (remédios controlados) seja para proibir determinados usos (maconha, coca, etc.). Con-

vém lembrarmos que as "drogas legais" têm trazido a esse mesmo convívio social inúmeras e trágicas situações onde o indivíduo e a sociedade são constantemente ameaçados (por exemplo: álcool e acidentes de trânsito).

Outrossim, devemos alertar que por **drogas**, não cabe pensar apenas nas ilegais, mas também nas legais, isto é, nos malefícios causados por toda uma saga de substâncias disponíveis no mercado, cujo uso nefasto para a saúde do indivíduo e da sociedade independe do prisma de legalidade ou ilegalidade.

DROGAS DEPRESSORAS

As drogas depressoras atuam no Sistema Nervoso Central (SNC) deprimindo seu funcionamento, ou seja, o efeito depressor deixa as pessoas lentas e relaxadas, compromete-lhes a memória, a atenção e diminui a reação aos estímulos.

Na tabela a seguir, alguns aspectos relacionados às drogas depressoras:

DROGAS DEPRESSORAS

DROGA	NOMES MAIS USADOS	VIA DE ADMINISTRAÇÃO	USO MÉDICO	DEPENDÊNCIA
ÁLCOOL	. Birita, "Mel" . Pinga . Loirinha . Goro . Cana	. Oral	. Não tem	Psíquica e Física
CALMANTEs	. Bolinha . Bola . Diazepan . Valium . Somalium . Lorax	. Oral . Intra-muscular . Endovenosa	. Ansiolítico . Indutor do sono . Relaxante	Psíquica e Física
BARBITÚRICOS	. Bolinha . Bola . Gardenal . Tonopan . Optalidon	. Oral	. Anestésico . Anti-convulsivante	Psíquica e Física
OPIÁCEOS (CODEÍNA)	. Boi . Panbenyl . Eritón . Tussiflex	. Oral	. Antitussígeno (xarope) . Antiespasmódico	Psíquica e Física
INALANTES	. Loló . Cheirinho . Lança perfume . Carbex . Cola de sapateiro . Esmalte	. Inalação	. Não tem	Psíquica

Bebidas Alcoólicas

Considerações Históricas e Sociais

Durante milhares de anos, cerca de 6.000 a.C, o homem tem feito uso de bebidas fermentadas mais comumente chamadas bebidas alcoólicas. Podem ser obtidas facilmente em qualquer região, sendo produto da fermentação de açúcares (geralmente proveniente de frutas pela ação de levedos ou bactérias).

Entre os sumários, por exemplo, as bebidas alcoólicas eram utilizadas com fins medicinais. Os médicos da época advertiam que deviam por isso serem utilizadas em pequenas quantidades. Caso o doente se excedesse na quantidade, o poder curativo se transformaria em veneno.

O estado de embriaguez já era conhecido no Egito Antigo e na Assíria. Rituais e cerimônias religiosas incluíam bebedeiras coletivas que duravam vários dias. Documentos da época atribuíam aos deuses os ensinamentos relacionados ao cultivo da videira e da cevada e também apontavam os perigos do abuso. Escritos Sagrados falam da presença de alcoólatras no Egito antigo, entre a população mais pobre, porém sem ser o abuso um privilégio destes. Um faraó que viveu nesta época teve o seguinte escrito em sua tumba: "Sua estada terrestre foi devastada pelo vinho e pela cerveja. E o espírito lhe escapou antes que fosse chamado". Os egípcios procuravam limitar as bebedeiras, decretando rígidas regras sociais que só as permitiam em ocasiões religiosas ou sociais.

CARACTERÍSTICAS FARMACOLÓGICAS

O álcool etílico ou etanol - $C_2H_6O_2$ - princípio ativo existente na cerveja, vinho e bebidas destiladas, produz um efeito paradoxal no bebedor. A princípio a pessoa se sente alegre, desinibida, com sua auto crítica diminuída e expressando livremente seus afetos. Este efeito excitatório é proporcionado por doses pequenas de álcool e é principal motivo das bebidas alcoólicas fazerem parte de reuniões sociais e comemorações.

Aumentando-se a dose chega-se ao efeito depressor onde toda a euforia dá lugar a um apagamento e mal estar da pessoa; inclusive a chegada do efeito depressor pode servir como sinal de que se está começando a abusar do álcool.

EFEITOS FÍSICOS

O fígado desempenha um papel importante no metabolismo do álcool no organismo. É nele que se dá a transformação do álcool em aldeído acético que posteriormente é transformado em acetato pela enzima acetoaldeído desidrogenase. Quando é obrigado a me-

tabilizar grandes quantidades de álcool, produz também gorduras que logo começam a acumular-se. Quanto maior a quantidade de álcool ingerida, maior será o acúmulo de gorduras no fígado, que acaba aumentando de tamanho. Entre os que bebem de maneira intensa, 15% são acometidos de cirrose hepática: a gordura excessiva destrói as células hepáticas ainda sadias formando um tecido cicatricial, tornando o fígado pequeno e duro feito pedra.

O álcool quando entra na corrente sanguínea age em diversos órgãos do corpo: cérebro, pulmões, coração, rins e pâncreas. No cérebro, as primeiras partes afetadas pelo efeito depressivo do álcool são os lobos frontais cujas funções exercidas são a manutenção de valores e auto-percepção. Se continuar a beber, é afetado o juízo crítico, a capacidade de tomar decisões e o tempo de reação do indivíduo. Na verdade, quase todas as funções cognitivas e a coordenação neuromuscular sofrem alterações. Dosagens muito altas podem até deprimir o funcionamento do centro respiratório provocando uma parada respiratória. Porém, na maioria das pessoas, antes que isso aconteça é acionado o centro do vômito fazendo o indivíduo vomitar, baixando assim o nível de álcool no organismo. Alguns efeitos não são temporários como os citados acima. Pessoas cujo hábito de beber, de maneira desmedida, por muito tempo, podem apresentar lesões cerebrais irreversíveis.

A ingestão de grandes quantidades de bebidas alcoólicas eleva de maneira significativa a carga de trabalho que se destinam ao músculo cardíaco (onde podem ser encontrados sinais de deterioração bioquímica e microscópica). Desta maneira o coração não funciona de forma eficiente, sua contratilidade fica reduzida e os ritmos cardíacos alterados. A insuficiência cardíaca não raramente acomete os bebedores inveterados, se manifestando como uma súbita falta de ar ou um acesso de tosse. Outras doenças que podem se manifestar: angina ou dor no coração, flebite, acidente vascular cerebral (AVC), hipertensão arterial.

Como o álcool possui um conteúdo calórico não nutricional, é capaz de saciar a fome sem alimentar, tirando a oportunidade da pessoa de se prover de algo mais sadio. Deficiências nutricionais são muito frequentes entre os alcoolistas e também a obesidade. A ingestão de quantidades excessivas de álcool interage e interfere nos processos fisiológicos e metabólicos da digestão, causando deficiência de vários nutrientes, tais como: vitamina B, niacina, tiamina, ácido fólico e componentes minerais como potássio, zinco e magnésio. Essas deficiências podem provocar anemia, convulsões e deficiência geral de saúde.

Pessoas que abusam do álcool correm risco de produzirem um câncer de boca, esôfago, estômago, fígado e bexiga. Se além de abusarem do álcool também

forem tabagistas, os riscos se multiplicam e incluem o câncer de pulmão, pâncreas, intestinos e próstata.

Além dessas doenças, o abuso de álcool pode provocar pancreatite e lesão dos nervos periféricos.

Além dos efeitos provocados descritos anteriormente, existem outros que estão diretamente relacionados ao estado de embriaguez propriamente dito. Em consequência dele, pode se provocar acidentes de trabalho, acidentes domésticos, afogamentos, queimaduras e quedas, agressões físicas, estupros, espancamentos, abandono de filhos, agressões sexuais a menores e violência contra familiares.

EFEITOS PSICOLÓGICOS

Muitos dos efeitos psicológicos proporcionados pela ingestão de bebidas alcoólicas estão relacionados aos efeitos do álcool no cérebro já descritos anteriormente.

A pessoa que bebe diariamente, não raro, se torna deprimida e irritável e este estado pode se agravar com o uso de tranquilizantes. A falta de juízo crítico própria dos estados de embriaguez pode arruinar relacionamentos até então satisfatórios.

Existe uma crença de que o álcool tenha efeitos afrodisíacos. Porém o que se sabe, é que o álcool proporciona uma maior facilidade na manifestação de um desejo sexual mas não permite o bom desempenho, podendo inclusive causar impotência temporária.

Segundo Jaffe, falhas na memória, alucinose alcoólica, delírium tremens e acessos de abstinências também podem ocorrer entre os que abusam do álcool. Depressões e suicídios são quase tão comuns entre alcoólatras quanto entre pessoas com distúrbio depressivo puro.

Muito se tem questionado a respeito da personalidade pré-determinada do alcoolista. Segundo J. Masur, traços como insegurança, dependências, passividade e introversão, são resultantes do uso de álcool e não sua causa.

O que ocorre certamente é que a pessoa habituada a beber, aprende a lidar com seus problemas existenciais através do efeito do álcool. Por isso não desenvolve estratégias pessoais e criativas que a auxiliem nestes casos.

PERIGOS DO ABUSO EM MULHERES GRÁVIDAS

O álcool ingerido pela mulher grávida atravessa facilmente a placenta atingindo o feto. Nas mulheres

que amamentam ele passa a compor o leite materno chegando até o bebê.

Segundo Dupont, mulheres grávidas que tomam uma média de 3 drinques por dia, tem 10% de probabilidade de que seus bebês nasçam com a Síndrome Alcoólica Fetal (FAS). O risco sobe para 33% entre mulheres que tomam 6 drinques por dia. A FAS se caracteriza por retardo mental, irritabilidade, desenvolvimento motor insatisfatório e deficiência do crescimento antes do nascimento e durante a infância. Há também um conjunto de anormalidades faciais que caracterizam esta síndrome: nariz curto e arrebitado, ponte nasal deprimida, lábio superior fino, retardo do crescimento da mandíbula. Crianças, filhas de mães alcoólatras, podem nascer com peso baixo, defeitos cardíacos, deficiências de aprendizagens e têm em média menos inteligência.

ALCOOLISMO

O que caracteriza o alcoolismo é a dependência física que se instala com o correr dos anos de hábitos com a bebida. Na verdade o alcoolista começa a beber socialmente como qualquer pessoa, buscando os efeitos excitatórios do álcool. O processo de transição é bastante demorado e é sinalizado por algumas condutas próprias do alcoolista: beber sozinho frequentemente, ser acometido por manifestações orgânicas próprias do consumo excessivo do álcool e beber pela manhã ao acordar. Porém, esta passagem é lenta podendo levar cerca de 20 anos: ninguém dorme bom e acorda alcoólatra.

Outro aspecto que caracteriza o alcoolismo é a Perda de Controle. Ela é vivida pelo alcoolista como uma dificuldade de controlar o beber (a intenção é beber uma dose e se acaba bebendo a garrafa toda).

Muitos estudiosos do fenômeno do alcoolismo afirmam que a Perda de Controle está relacionada a reações fisiológicas pré-determinadas. Quando a primeira gota de álcool é ingerida, desencadeia no organismo uma série de eventos bioquímicos que seriam os responsáveis pela Perda de Controle.

Tentou-se comprovar esta teoria através de experimentos os mais diversos, mas até hoje não se tem nenhuma resposta concreta à seguinte questão: é o alcoolismo uma doença?

Segundo J. Masur, existem várias determinações para o alcoolismo, além das possíveis biológicas e genéticas. Seriam também fatores determinantes, aspectos psicológicos e sócio-culturais, sendo a Perda de Controle mediada por fatores ambientais e cognitivos.

Além da dependência física, o abuso de bebidas alcoólicas leva a dependência psicológica, tolerância e

síndrome de abstinência, tendo em sua forma mais grave o delirium tremens.

POSSÍVEIS FORMAS DE TRATAMENTO

Existem algumas formas de tratamento para o alcoolismo, sendo que seu emprego e eficácia varia muito de pessoa para pessoa.

Quase todo mundo já ouviu falar nos Alcoólicos Anônimos. Eles comparam o alcoolismo ao diabetes, no sentido de que a incompatibilidade com o álcool é semelhante a que os diabéticos tem com açúcar. Os A. A. consideram pois o alcoolismo uma doença incurável. Seu lema é a abstinência total: "evite o primeiro gole", o que preconizam a cada dia. Pois para eles não existem ex-alcoólatras, para que tudo recomece basta o primeiro gole. Reunindo-se em grupos só de alcoólatras, trocam experiências através dos depoimentos dados por seus participantes acerca de suas histórias pessoais de envolvimento com o álcool. Os A. A. são especialmente indicados para aqueles que foram até o fundo do poço, perdendo família, emprego e amigos, mas não o são tanto para aqueles cujo grau de dependência é menos severo.

Há as drogas antiálcool que causam extremo mal estar quando ingeridas com álcool. Muitas vezes os familiares do alcoolista colocam-nas nos alimentos daquele que bebe sem dizer-lhe nada. Este uso desinformado e sem orientação médica pode trazer diversas complicações e também revolta por parte daquele a quem é negada a liberdade de escolha e que fatalmente se sentirá enganado e traído.

As psicoterapias também podem auxiliar na busca da compreensão da função do beber para o alcoolista, podendo assim desfazer a dependência psicológica.

As internações hospitalares às vezes são vistas como a última solução por familiares e amigos. Esta expectativa na maioria das vezes não corresponde à realidade. O que se pode fazer num hospital é desintoxicar o organismo, e dar os cuidados necessários à síndrome de abstinência, desfazendo a dependência física.

Portanto, cada forma de tratamento em suas qualidades, sendo bem administrada, pode trazer muitos benefícios àquele que deseja se tratar.

Opiáceos

O ópio é uma substância extraída dos frutos da papoula - *Papa ver somniferum* significando, em latim "papoula do sono".

Há mais de 4000 anos as propriedades calmantes do ópio são reconhecidas no Oriente, Egito e Grécia. Estudiosos como Hipócrates e Galeno, já defendiam o uso medicinal de tal substância.

Na Índia e China era utilizada para aliviar a dor, fome e subnutrição. No século XI, os médicos árabes mostram que com o uso regular, o organismo necessitava de doses mais altas (tolerância do organismo).

Com a expansão das rotas comerciais (séc. XVIII), o ópio se difunde em todo mundo ocidental, e seu consumo se torna tão comum quanto o de tomar café.

Em 1803 o cientista alemão Frederick Sertyrner obteve em laboratório, um cristal alcalóide de efeitos muito intensos mesmo em doses pequenas. Fazendo a relação com Morfeu (Deus Grego do sonho e do sono), deu o nome de morfina à nova substância. Sua aplicação se expandiu, em particular com a invenção da primeira seringa hipodérmica (1840 a 1850).

Muitos medicamentos à base de ópio entraram no mercado (sobretudo xaropes) e eram consumidos, largamente a qualquer sinal de dor de cabeça, tristezas ou contrariedades.

Com toda essa expansão, poucos relatos acerca dos riscos eram publicados: Thomas De Quincey, escritor inglês publica o livro "Confissões de Um Comedor de Ópio" o qual expõe a tolerância do organismo à droga, a ilusão do dependente quanto à crescente dependência e a síndrome de abstinência.

Em meio a esse consumo, surge uma droga também derivada do ópio, porém com efeito mais rápido do que a morfina: era a heroína, nome dado pelo laboratório Bayer.

O Ocidente, preocupado com o alastramento do uso do ópio (sobretudo na China) realiza a primeira conferência internacional sobre consumo de narcóticos, levando o Congresso Americano a restringir a distribuição de narcóticos e morfina. Somente mais tarde a heroína entrou no hall das proibições.

a) MORFINA

A medicina a usou a princípio como anestésico potente que trazia alívio para qualquer tipo de dor. Porém, mesmo depois de curado, o doente continuava pedindo a morfina insistentemente. Desta forma observou-se que provocava grande dependência física. Por esta desastrosa consequência, seu uso hoje em dia é bastante restrito e o mercado clandestino é praticamente inexistente.

Sendo um derivado do ópio, seus efeitos se assemelham, mas são mais intensos. O uso habitual toma o indivíduo apático, sem interesses, vivendo um constante estado do torpor e insensibilidade.

Provoca tolerância, dependência física e psíquica gravíssimas. A síndrome de abstinência ocorre com cólicas, câimbras, tremores, diarreias, suores e intensa angústia.

b) HEROÍNA

A heroína, droga depressora por excelência, age como redutora de muitas funções do sistema nervoso central tais como: pulsação e movimentos respiratórios. Atua ainda como relaxante muscular.

Não são raros os problemas de coordenação psicomotora e reflexos mais lentos, fala arrastada e pupilas contraídas.

Um dos maiores problemas causados é a destruição do tecido do SNC, o que **não** ocorre devido ao opiáceo, mas sim às diversas estratégias utilizadas para fazer o produto aumentar, "render mais". São utilizadas pó-de-mármore, talco, vidro pulverizado, etc.

Não devemos esquecer os riscos de contágios de doenças através da via de administração (endovenosa) sobretudo da AIDS, enquanto a seringa é compartilhada; da septicemia (infecção generalizada no organismo) e hepatites.

Dado o seu modo de ação no organismo, a heroína é considerada como altamente viciante, ou seja, o organismo requer doses maiores ou continuadas para se obter os mesmos efeitos. Contudo, a capacidade do organismo em adaptar-se a tais doses é grande, o que aumenta o risco de morte àqueles que iniciam, ou usam esporadicamente.

Atualmente seu consumo ocorre sobretudo no "primeiro mundo", sendo praticamente inexistente no Brasil.

c) CODEÍNA

É utilizada pela medicina com a finalidade de combater as tosse secas sem expectoração e espasmos dolorosos (cólicas). Por seu efeito sedativo moderado, é recomendada para os períodos noturnos, principalmente.

Os efeitos psicotrópicos proporcionados pela codeína são: sensação de leveza e euforia, sonolência, lentidão, diminuição aos estímulos, inclusive à dor.

Por ter se tomado objeto de abuso, principalmente entre jovens, os xaropes com codeína (como Eritós e Tussiflex) foram proibidos pelo Ministério da Saúde de serem vendidos sem receita médica, desde o final de 1986. Porém, a venda sem receita ainda é comum.

O uso contínuo gera dependência física, psíquica e surgimento de tolerância. O aumento das doses necessárias para manter os efeitos que a tolerância adquirida diminui, pode causar convulsões.

Barbitúricos

Descoberto no século XVIII o ácido barbitúrico (maleniluréia) foi muito usado em medicamentos hipnótico - sedativos para induzir ao sono e tranquilizar. Porém com o surgimento de drogas mais modernas e mais seguras, como as benzodiazepínicas, passaram os barbitúricos a ter menos indicações terapêuticas.

Hoje os barbitúricos estão presentes em medicamentos anticonvulsivantes (Gardenal), cuja venda só se faz com receita médica, e em anestésicos cirúrgicos (Pentotal). Porém, diversos sedativos "leves" contém barbitúricos em pequena dosagem (cerca de 1/16 dos comprimidos de barbitúrico) como a Cibalena, Fiorinal e Optalidon. Dependendo da dosagem diária é possível causar dependência. Em geral eles são vendidos sem receita médica.

CARACTERÍSTICAS FARMACOLÓGICAS, EFEITOS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS

Em doses normais, os barbitúricos deprimem o SNC provocando sonolência, relaxamento e descoordenação motora. Vencendo os efeitos sedativos deste medicamento, experimenta-se uma sensação de euforia e "analgesia" das emoções. Os comprimidos Mandrix e Mequalon, a base de metaqualona (derivado sintético do barbitúrico) eram muito procurados por jovens, por proporcionarem efeitos psicotrópicos. Se misturados ao álcool se potencializam. Seu comércio hoje é ilegal.

O uso contínuo provoca dependência física, psicológica, desenvolvimento de síndrome de abstinência com sintomas de perda de apetite, agitação, náuseas, vômitos, insônia, ansiedade. Casos mais graves apresentam alucinações, febre, convulsões e delírios.

Antes da limitação da produção e venda, overdoses e suicídios estavam se tomando muito frequentes. A ingestão de 10 vezes a dose normal (terapêutica), leva o indivíduo ao coma pela inibição dos centros respiratórios. Sem cuidados médicos, este estado é mortal.

Tranquilizantes

A humanidade sempre vivenciou com grande desprazer, qualquer estado de ansiedade e ao longo de sua existência tem buscado formas de contorná-las. Seja procurando distrações, amigos, conselhos, ou através de auto-compensações como comida e sexo. Participando de reuniões sociais, rituais e cerimônias reasseguradoras. Através de psicoterapias e tratamentos psiquiátricos.

Os primeiros tranquilizantes surgiram na década de 50; atualmente os mais utilizados são as benzodiazepinas. Estas vieram substituir os medicamentos com barbitúricos e outros, pois oferecem maior segurança: a dose terapêutica é muito menor que a letal.

Hoje em dia ocorre uma grande permissividade em relação ao uso dos tranquilizantes (também chamados calmantes ou ansiolíticos). Isto ocorre devido ao seu efeito que ajuda a aliviar as tensões do dia e garante um sono repousante. Tal permissividade se dá com a provável convivência da classe médica, já que a venda só é feita mediante receituário.

Até este ano, tranquilizantes "fracos" (antidistônicos) eram vendidos no Brasil sem receita médica. Por conta de uma provável dependência que estes medicamentos possam causar sua venda tornou-se controlada.

CARACTERÍSTICAS FARMACOLÓGICAS, EFEITOS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS

Segundo Sanches, estes medicamentos agem sobre os principais efeitos da ansiedade: preocupação, insônia, dificuldades de concentração, irritação, palpitação, dores de cabeça e suor nas mãos. Proporcionam relaxamento muscular e tranquilidade mental. Doses maiores causam sonolência, descoordenação motora, voz pastosa e marcha inebriosa. As superdosagens, apesar de necessitarem de acompanhamento médico, raramente resultam em morte.

Colapsos, perda de consciência e alterações do ritmo cardíaco e respiratório são consequências do uso de benzodiazepinas conjugado às bebidas alcoólicas. O abuso crônico apesar de não evidenciar instalação de dependência, pode desencadear síndrome de abstinência com intensa ansiedade, insônia, mal-estar, tremores e vertigens.

Inalantes

A inalação se faz a partir de produtos geralmente desviados do seu uso habitual. Esses produtos se cha-

mam substâncias voláteis e têm esse nome devido a facilidade com que passam do estado líquido ou sólido para o estado de vapor. Essas substâncias químicas deprimem o SNC provocando marcantes efeitos no psiquismo humano. São drogas baratas e fáceis de conseguir e dividem-se em dois grupos: Solventes e anestésicos.

Geralmente são usados por pessoas entre 10 e 18 anos (crianças e adolescentes). Os adultos que os utilizam o fazem por falta de acesso a outras drogas ou quando hospitalizados ou presos. Na maioria das vezes os "cheiradores" têm este hábito por razões bastante distintas da "toxicomania verdadeira". Crianças e adolescentes de classes baixas o fazem mais como uma estratégia de sobrevivência do que por qualquer outra coisa. Abandono, desafeto, fome, condições sub-humanas de vida são algumas das causas que levam estes menores ao uso de inalantes que se tornam um consolo, uma forma de escapar de uma realidade duramente castigada.

Distinguem-se dois grupos:

a) SOLVENTES

Entre eles a popular cola de sapateiro, tão usada por menores que vivem nas ruas, e colas de secagem rápida (aquelas para construção de maquetes). A ação psicotrópica desses produtos se dá em função de certas substâncias presentes em sua composição: tolueno, acetona, nafta, benzina, hexano, ciclohexano. Há também os solventes e diluentes para pintura, laca (que contém tolueno) e produtos a base de petróleo: querosene, fluído de isqueiro e gasolina.

b) ANESTÉSICOS

Clorofórmio, éter e óxido nitroso (gás hilariante) são substâncias utilizadas devido à sua psicotrópica, desde o século passado. O óxido nitroso por exemplo é usado desde 1776 antes mesmo de serem descobertas as suas propriedades anestésicas. Da mesma forma o clorofórmio e o éter, foram muito usados em reuniões sociais em virtude de provocarem euforia. Não havia distinção entre aqueles que os usavam, nem de idade ou classe social. Embora hoje em dia ainda sejam usados, são mais comuns em lanças-perfume e "cheirinho da loló" (que é uma mistura caseira dos dois).

EFEITOS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS

Geralmente variam de pessoa para pessoa, dependendo das características do usuário e do contexto no qual se encontra. A mesma substância pode gerar efeitos sedativos numa pessoa, enquanto que em outra gera uma experiência psicodélica. Contudo os efeitos

mais frequentes são: embriaguez, semelhante àquela provocada pelo álcool, vertigem, sensação de flutuação, sentimento de potência e força, euforia, visões supercoloridas, diminuição das inibições, perda da consciência da duração do tempo.

Para se obter os efeitos das substâncias voláteis, no caso de substância líquida, utiliza-se um pano embebido e passa-se a inalar o vapor pela boca ou pelo nariz. No caso de substância sólida ela é colocada dentro de um saco de papel ou plástico e sua borda é levada à boca do cheirador que assim inala seus vapores.

Existem variados efeitos tóxicos proporcionados pela inalação de substâncias voláteis. Durante o efeito propriamente dito pode ocorrer amnésia total ou parcial. Tosse, vômitos, irritação do nariz e dos olhos, tontura, diarreia, dores no peito e nas juntas, visão dupla, exagerada sensibilidade à luz e perda de apetite podem ocorrer após a parada dos efeitos e mesmo durante.

A longo prazo existem alguns comprometimentos possíveis de acordo com cada substância especifica-

mente. O uso de benzeno pode provocar anemia e prejudicar o coração, fígado e glândulas supra-renais.

O clorofórmio pode causar mudança de ritmo cardíaco, possivelmente letal. Este também provoca danos no fígado. Inalação de gasolina provoca hemorragia pulmonar, irritação dos brônquios, anemia e paralisia dos nervos cranianos.

A maneira como se cheira cola (dento de sacos), produz diminuição do suprimento de oxigênio, podendo gerar uma lesão anóxica no cérebro. Há risco para o coração (alteração do ritmo), fígado (lesões) e mesmo de asfixia.

DROGAS ESTIMULADORAS

São aquelas que atuando no SNC promovem uma ação estimuladora, o que torna as pessoas "mais elétricas", dando-lhes "velocidade e disposição". Algumas sentem-se fortes, atentas e capazes de realizar coisas que normalmente lhes seriam desgastantes.

Na tabela a seguir apresenta-se, algumas características de tais drogas:

DROGAS ESTIMULANTES

DROGA	NOMES MAIS USADOS	VIA DE ADMINISTRAÇÃO	USO MÉDICO	DEPENDÊNCIA
COCAÍNA	.Pó .Pico .Brilho .Brisola .Branquinha .Carreirinha .Bright .Papél	. Oral (aspirada) . Endovenosa	. Não tem	Psíquica
ANFETAMINAS	. Bolinha .Bola . Rebito	.Oral . Endovenosa	. Anorexígeno (inibidor de apetite)	Psíquica
CAFEÍNA	. Chá mate . Chá preto .Café . Cafezinho . Refrigerantes . Guaraná	.Oral	. Não tem	Psíquica
NICOTINA	. Cigarros	. Oral (fumada)	. Não tem	Psíquica e Física

Anfetaminas

As anfetaminas começaram a ser comercializadas na década de 30. A princípio como descongestionante nasal, e posteriormente como revigorante. Durante várias guerras foram utilizadas nas frentes de combate, fornecidas pelos próprios governos. Para os soldados era uma forma de resistir a fadiga, a fome, podendo assim permanecer por longos períodos, em alerta. Entre motoristas de caminhão seu uso se tornou comum por permitir muitas horas de estrada. Para estudantes em véspera de exames também.

Na década de 70 foram impostas normas de controle à sua produção e venda. Isto se deu após a constatação de que as anfetaminas haviam se tornado uma droga de abuso.

CONSIDERAÇÕES FARMACOLÓGICAS, EFEITOS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS

Por ser uma droga que estimula a SNC, a anfetamina, potencializa o neurotransmissor norepinefrina ativando partes do SNC (sistema nervoso simpático). Esse efeito é semelhante a uma descarga de adrenalina. aumento de frequência cardíaca e pressão arterial, inibição do apetite e dilatação das pupilas. Uma sensação de vigor incomum e de potência, toma conta daquele que ingere comprimidos de anfetamina. Este efeito se intensifica quando os comprimidos são dissolvidos e aplicados por via endovenosa. Impulsividade e facilidade de expressões afetivas e hostis também são comuns.

As anfetaminas são utilizadas em medicamentos inibidores de apetite, presentes em regimes para emagrecer. Também são indicadas no tratamento da narcolepsia (doença caracterizada por ataques repentinos de sono). Em crianças hiperativas, provocam um efeito paradoxal que inibe a atividade possibilitando a concentração.

Não está comprovado ainda que as anfetaminas causam dependência física. Porém é inegável que ocorra a dependência psíquica. A tolerância destes medicamentos é um dado preocupante quando utilizados em regimes de emagrecimento. Ela se dá entre 8 a 12 semanas. Aumentando a dosagem começam a aparecer sintomas como: irritabilidade, tremores, insônia e comportamento paranóico.

Segundo Sanches, criminalidade e violência urbana estão por vezes relacionadas ao abuso de anfetaminas. Estas facilitam a exteriorização de impulsos agressivos e tiram o senso da realidade daquele que as usa.

Cocaína

Através de registros arqueológicos tem-se notícia

do uso das folhas de coca e seus efeitos sobre o comportamento e disposição desde 3000 a. C. no nordeste da América do Sul. O seu uso, contudo, restringiu-se a rituais religiosos e funerais e à procura de aumento da resistência física para os mensageiros que, por não disporem de nenhum transporte, corriam longos trechos entre uma aldeia e outra.

Com a descoberta do continente americano pelos espanhóis no século XVI, o consumo de coca foi proibido aos índios, pois se acreditava que o mesmo os impedia de se converterem ao cristianismo. Porém, com o início da exploração de minas de ouro, houve a necessidade não só de permitir seu uso, como também de pagar aos índios com folhas de coca. Nesse mesmo período a coca foi levada para a Europa.

Somente em 1855, o químico alemão Gaedecke consegue extrair das folhas um resíduo, ao qual deu o nome de "eriotroxilina". Alguns anos mais tarde, outro químico extrai de tal resíduo a coca refinada. O seu consumo começa a se alastrar e aumentam as pesquisas acerca de seus efeitos.

Grande parte das pesquisas diziam respeito às suas propriedades antifatigantes nas batalhas e a seu efeito anestésico. Foi ainda utilizada na fabricação de vinhos (vinho Mariano) e refrigerantes (coca-cola), sendo que mais tarde, tais usos, foram proibidos.

CARACTERÍSTICAS FARMACOLÓGICAS, EFEITOS FÍSICOS E PSÍQUICOS

A Cocaína age na transmissão de informações entre os neurônios através da inibição da troca de íons, sódio e potássio. Este é, de uma maneira geral, a base para sua propriedade anestésica. Além disso, diferentemente de outros anestésicos locais, também é potente vasoconstritor, propriedade muito útil em determinadas cirurgias.

A cocaína foi utilizada em cirurgias oculares, como anestésico, até se descobrir que causava efeitos colaterais tais como danos na córnea.

Outra propriedade é a de ampliar os efeitos dos neurotransmissores responsáveis pela ativação do sistema nervoso simpático. Por essa razão, doses moderadas da droga elevam a pressão sanguínea e a frequência cardíaca. Doses muito altas podem provocar morte por insuficiência cardíaca.

No cérebro, por sua vez, é classificada como estimulante psicomotor, pois, entre outros efeitos, bloqueia o retomo da dopamina à célula que a produz. Em pesquisas realizadas com ratos e camundongos notou-se, dada a propriedade estimulante, a redução no consumo de água e alimento, redução das tendências agressivas, aumento da frequência respiratória e tem-

peratura do corpo e, após repetidas exposições ao produto, certo tipo de espasmos que lembram a epilepsia.

Quanto a seu modo de administração, este pode ocorrer por quatro vias:

Intranasal:

A "cafungada" por via intranasal é a forma mais difundida; para tanto, o produto deve estar sob a forma de pó que é aspirado por um tubo.

Após a aspiração há, normalmente, o adormecimento do nariz, seguido de crescente sensação de euforia e agitação chamado "vôo" que dura em média, uma hora. Os efeitos estimulantes duram de 20 a 40 minutos.

Intravenosa:

Os efeitos psicológicos são os mesmos que na via intranasal, porém, ocorre a sensação de "flash", ou seja, ocorre uma "aceleração" intensa do organismo em um ou dois minutos e dissipa-se rapidamente.

A busca dessa experiência leva os usuários a repetirem as doses. Uma dose normal costuma ser de 08 a 10 mg.

Como fumo:

O produto deve estar sob a forma de pasta o qual misturada, quando seca, com cigarros de tabaco ou maconha.

Por essa forma de uso, o consumo é quantitativamente maior, o que acarreta mais concentração da droga no sangue. Por essa razão, a maioria dos usuários apresenta ansiedade, irritabilidade e depressão em poucos minutos.

Mascada:

Forma geralmente utilizada pelos índios ou nativos de regiões onde a coca encontra-se à disposição. A mastigação é feita com as folhas, sendo que se misturam, na boca, substâncias tais como o cal ou cinza, para prolongar seu modo de ação.

É geralmente utilizada para se vencer o cansaço ou a fome em regiões inóspitas.

Perigos:

Os maiores perigos advêm pela via de administração endovenosa, onde agulha e seringa, quando compartilhadas, por várias pessoas, aumentam o risco de se contrair doenças como a AIDS, hepatites, septicemia (infecção generalizada). Nestes casos, o uso de

seringas descartáveis se constitui como método preventivo mais adequado.

Porém, existem outros problemas orgânicos onde a prevenção seja o não uso da droga: é o caso de pessoas que nascem sem a enzima necessária para o metabolismo da coca (pseudocolinesterase), advindo a morte por doses consideradas baixas.

A morte por overdose não pode ser descartada dos perigos, principalmente em duas situações: contrabando de drogas dentro do próprio corpo, engolindo-se sacos plásticos com a droga (se se rompem, dose excessivamente alta entrará no organismo); em segundo lugar, pelo aumento das doses. Neste último caso, a tolerância à droga pode chegar a níveis muito altos acarretando sérios prejuízos; porém, tal afirmação encontra controvérsias, já que não se conhece muito sobre a tolerância da coca no organismo. Faz-se correlação com as anfetaminas, dado a semelhança entre ambas.

O consumo da cocaína, juntamente com outras drogas pode acarretar riscos, apesar de não se ter conhecimento dos efeitos que poderiam acarretar. Mas levando em conta as substâncias alheias à sua composição, tais como talco, giz, pó-de-mármora, etc (substâncias utilizadas pelos contrabandistas e vendedores para aumentarem seu lucro), podemos prever efeitos desastrosos.

Quanto à dependência física, é controvertida, mas a psíquica é certa, o que requer maiores cuidados e compreensão dos motivos para o uso, já que a desintoxicação da pessoa não se constitui como único elemento para se acabar com o "vício".

Nicotina

Fumar é um hábito muito antigo. A humanidade já fumou toda espécie de coisa: cachimbo da paz, charutos, ópio, cigarrilhas, cachimbos comuns, maconha, haxixe e mais recentemente o cigarro.

Os cigarros de tabaco começaram a ser fabricados em fins do século passado. Dos fumos vendidos legalmente até então, no ocidente, este era o único que permitia ao seu usuário tragar a fumaça aumentando-lhe o prazer. Sua delicadeza é devida ao tratamento das folhas de fumo. Foi inclusive depois que os primeiros cigarros apareceram pela década de 20, que as mulheres começaram a fumar, pois estes foram considerados mais delicados que charutos e cachimbos e próprios para as mulheres.

Porém, a presença maciça da fumaça no organismo a cada tragada, permite que vários produtos provenientes da combustão do cigarro entrem em contato di-

USO DE DROGAS PSICOTRÓPICAS NO BRASIL

Os dados apresentados em seguida foram retirados de uma publicação conjunta do Ministério da Saúde/Ministério da Justiça, realizada pelo Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, em 1987.

A pesquisa, realizada entre alunos de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino de dez capitais brasileiras, demonstra que as drogas mais utilizadas são os solventes, seguidos pelos ansiolíticos, maconha e anfetaminas.

Nas tabelas a seguir encontramos as especificações das drogas mais frequentes.

DROGAS MAIS USADAS POR ESTUDANTES DA REDE ESTADUAL, EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS, 1987.

CAPITAIS	DROGAS MAIS USADAS*		TERCEIRA
	PRIMEIRA	SEGUNDA	
Belém	solventes	ansiolíticos	anfetaminas
Belo Horizonte	solventes	ansiolíticos	maconha
Brasília	solventes	ansiolíticos	maconha
Curitiba	solventes	ansiolíticos	anfetaminas / barbitúricos
Fortaleza	solventes	ansiolíticos	maconha
Porto Alegre	solventes	ansiolíticos	anfetaminas
Recife	solventes	ansiolíticos	anfetaminas
Rio de Janeiro	solventes	ansiolíticos	maconha
Salvador	solventes	ansiolíticos	anfetaminas
São Paulo	solventes	ansiolíticos	maconha

*Com exceção de álcool e tabaco.

PRODUTOS MAIS UTILIZADOS POR ESTUDANTES DA REDE ESTADUAL, EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS, 1987.

CAPITAIS	SOLVENTES	ANSIOLÍTICOS	ANFETAMINAS
Belém	Esmalte, acetona	Diazepam®, Somalium®	Moderex®, Magrilax®, Reactivan®
Belo Horizonte	Esmalte, acetona	Diazepam®, Somalium®	Moderex®, Pervitin®
Brasília	"Loló", esmalte	Diazepam®, Somalium®	Moderex®, Inibex®
Curitiba	Esmalte, gasolina	Diazepam®, Valium®	Magrilax®, Inibex®, Moderex®
Fortaleza	"Loló, lança-perfume"	Diazepam®, Somalium®	Moderex®
Porto Alegre	"Loló, lança-perfume"	Diazepam®, Somalium®	Moderex®, Reactivan®
Recife	"Loló, lança-perfume"	Diazepam®, Somalium®	Magrilax®, Pervitin®, Reactivan®
Rio de Janeiro	"Lança-perfume", acetona	Diazepam®, Somalium®	Reactivan®, Pervitin®, Inibex®
Salvador	"Loló, lança-perfume"	Diazepam®, Somabum®	Reactivan®, Pervitin®
São Paulo	"Lança-perfume", acetona	Diazepam®, Somalium®	Inibex®, Moderex®, Reactivan®

Quanto aos usuários (por definição "aquele que já usou pelo menos uma vez na vida, uma ou mais das drogas pesquisadas, com exceção de álcool e tabaco"), encontra-se como drogas mais utilizadas, os solventes

(Salvador e São Paulo), maconha e ansiolíticos (Brasília e Porto Alegre) e cocaína (Brasília e Rio de Janeiro)

O USO DE DROGAS *ENTRE ESTUDANTES DA REDE ESTADUAL, EM DEZ CAPITAIS BRASILEIRAS, 1987
em percentagem)

CAPITAIS	USUÁRIOS	ANSIO- LÍTICOS	ANTICOLI- NÉRGICOS	ANFETA- MINAS	BARBITÚRICOS	COCAÍNA	MACONHA	SOLVEN- TES	XAROPES
Belém	13,5	2,3	0,3	2,8	1,6	0,1	0,7	7,9	1,9
Belo Horizonte	21,6	4,6	0,6	2,3	0,9	0,4	3,2	17,2	1,2
Brasília	26,3	7,0	0,8	3,6	1,6	1,0	5,6	17,7	2,9
Curitiba	15,6	4,4	0,3	1,9	2,0	0,3	13	10,0	0,5
Fortaleza	17,6	4,9	0,4	1,4	1,5	0,2	4,2	11,8	0,8
Porto Alegre	21,1	7,0	0,8	5,4	1,0	0,3	4,5	13,3	0,6
Recife	23,5	6,0	0,5	2,5	1,3	0,2	1,6	16,3	1,3
Rio de Janeiro	25,6	6,9	0,2	2,4	1,6	1,5	2,5	16,3	1,3
Salvador	22,5	3,3	0,3	3,0	0,9	0,2	1,7	18,4	1,6
São Paulo	23,5	4,5	0,8	2,9	2,9	0,7	3,5	17,8	1,1

*Com exceção de álcool e tabaco.

Na tabela seguinte nota-se o uso predominante de anfetaminas e ansiolíticos por mulheres, e maconha, solventes, tabaco, álcool e xaropes por homens.

USO DE DROGAS, SEGUNDO O SEXO, ENTRE ESTUDANTES DA REDE ESTADUAL, EM DEZ CAPITAIS
BRASILEIRAS, 1987.

CAPITAIS	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO
	(uso predominante em relação ao sexo feminino)	(uso predominante em relação ao sexo masculino)
Belém	Maconha	Anfetaminas
Belo Horizonte	Tabaco, álcool, maconha, solventes	Ansiolíticos
Brasília	Tabaco, álcool, maconha, xaropes	Anfetaminas
Curitiba	Tabaco, álcool, solventes	Ansiolíticos
Fortaleza	Tabaco, álcool, maconha, solventes	—
Porto Alegre	—	Tabaco, anfetaminas, ansiolíticos
Recife	Tabaco, álcool, maconha, solventes	Ansiolíticos
Rio de Janeiro	Maconha, solventes	Ansiolíticos
Salvador	—	—
São Paulo	Maconha, solventes	Ansiolíticos

De um modo geral, os dados apresentados podem nos auxiliar em definições de estratégias de intervenções clínicas e preventivas baseadas em nossa realidade, já que o produto é tido como um elemento importante para a análise da psicodinâmica do toxicômano.

Longe de esgotar as indagações sobre o uso e abuso de drogas, tais dados devem nos impulsionar para a realização de novas pesquisas, novas propostas e sobretudo, nos questionamentos acerca de como podemos nos posicionar criticamente frente a um

costume tão antigo, mas com significados e abrangência tão atuais.

É importante ressaltarmos a necessidade de se questionar como o sistema educacional de nossas escolas (e sobretudo os educadores) pode contribuir para a prevenção ao abuso de drogas, tanto para os alunos que dele participam quanto para os jovens que não frequentam uma sala de aula mas que enfrentam problemas relativos ao abuso de drogas e sobretudo, delinquência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLINI, E. A. (org).: Consumo de Drogas Psicotrópicas no Brasil, em 1987.** Estudos e Projetos. Brasília: Ministério da Saúde/Ministério da Justiça; 1989.
- BONTEMPO, M. - Estudos atuais sobre os efeitos da Cannabis sativa (maconha) - SP:** Editora Ground - 1980
- DUPONT, R.: Drogas: Uma Luta Sem Tréguas.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1986
- FISHMAN, R: Tudo Sobre Drogas - Alcoolismo:** Nova Cultura, 1988
- **Maconha:** Nova Cultura, 1988
 - **LSD:** Nova Cultura, 1988
 - **Cocaína:** Nova Cultura, 1988
- GRAEFF, F: Drogas Psicotrópicas e seu Modo de Ação.** São Paulo: E.P.U. CNPq
- JAFFE, J. & OUTROS: Tóxicos e Outros Vícios.** São Paulo: Editora Harper & Roro do Brasil, 1981
- K.ALINA. E.: Psicologia do Fumante.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1987
- MASUR, J.: O Que é Alcoolismo.** São Paulo: Editora Braãliense, 1988
- MURAD, J: O Que Você deve Saber Sobre os Psicotrpicos - A Viagem Sem Bilhete de Volta.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1982
- NAHAS, G. - A Maconha ou a Vida - RJ:** Editora Novdica -1985
- ROSEMBERG, J.: Tabagismo e Saúde: Informações para Profissionais de Saúde.** Ministério da Saúde, 1987
- SANCHES, A. M. & OUTROS:Drogas e Drogados: O Indivíduo, Família e Sociedade.** São Paulo: Editora E.P.U., 1982
- VERBERE, R: Un Dictionnaire Critique des Drogues.** Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1978

7

O USO DE ANABÓLICOS ESTERÓIDES E SUAS REPERCUSSÕES NA SAÚDE

Eduardo Henrique de Rose

- Aspectos históricos e origem do termo "doping"
- Os Anabólicos Esteróides
- Consequências da utilização de Anabólicos Esteróides
- A realidade atual nas competições internacionais
- A situação do controle anti-doping no Brasil
- O uso de Anabólicos e os riscos de saúde da população

ASPECTOS HISTÓRICOS E ORIGEM DO TERMO "DOPING"

A utilização de métodos e substâncias exógenas ao organismo, com a finalidade de aumentar a performance de um indivíduo, é tão antiga quanto a humanidade. Incapaz de aceitar suas limitações físicas ementas, o homem sempre buscou sistemas e fórmulas alternativas destinadas a incrementar de todas as formas possíveis suas potencialidades naturais.

O termo usado internacionalmente para referir-se a este processo de adição é "doping", e sua origem etimológica advém do idioma dos Boers, uma população sul-africana, definindo o "dop", uma infusão estimulante utilizada em festas religiosas.

Durante a construção do canal do norte, em Amsterdan, os operários recebiam uma substância estimulante, o "doopen", destinada a aumentar sua capacidade de trabalho. Em 1889, a palavra aparece pela primeira vez em um dicionário de língua inglesa, caracterizando uma mistura de narcóticos ministradas à cavalos. Daí, integrou-se na gíria turfística com o sentido genérico de estimulantes, e dos hipódromos alcançou os estádios, onde define agora a utilização pelos atletas de qualquer meio ilícito para aumentar a performance.

É curiosa a afirmativa de Csaky de que o primeiro caso de doping ocorreu no Paraíso, quando Eva

ofereceu a Adão o fruto da árvore proibida, não por curiosidade ou por fome, mas porque a serpente havia insinuado que isto o tornaria tão poderoso quanto Deus.

Desde então, a história está cheia de fatos que mostram esta eterna busca, e primeira referência bibliográfica disponível advém do ano 2737 A.C. Já nesta época, o imperador chinês Shen-Nunge descreve o efeito estimulante de uma planta chamada "machuang", utilizada pelos seus atletas.

Filostratos e Galeno descrevem que os participantes dos Jogos Olímpicos da Antiguidade tentavam melhorar suas performances de várias formas, seguindo regimes dietéticos e ingerindo infusão de determinadas ervas que aumentariam seu rendimento físico. Pitoresco, sem dúvida, era a comercialização do "strigilo", um pó macerado pelos próprios atletas, que era obtido de um crosta que se formava em sua pele, consequente da acumulação de suor e poeira junto ao óleo com que eram massageados antes de cada atividade esportiva.

A fantasia destas substâncias mágicas é traduzida por muitos contos da literatura infantil, como o do marinheiro Popeye, que obtinha grande força muscular comendo espinafre, ou do pequeno gaulês Asterix, que obtinha o mesmo efeito ingerindo uma poção mágica preparada pelo druida da aldeia.

A primeira substância realmente efetiva na melhora da capacidade de rendimento do homem, a anfetamina, foi sintetizada por bioquímicos alemães em 1938. Esta substância foi largamente utilizada na II Guerra Mundial, bem como nos Jogos Olímpicos que se sucederam.

Durante os Jogos da XVJJ. Olimpíada de Roma, realizados em 1960, ocorreu a morte de um ciclista dinamarquês na prova de 100 Km de estrada, motivada por superdosagem de anfetamina. Em função disto, o Comitê Olímpico Internacional instituiu sua primeira Comissão Médica, presidida por Sir Arthur Porritt, que iniciou suas atividades nos Jogos da XVIII Olimpíada de Tóquio. Foi, entretanto, sob a orientação do Príncipe Alexandre de Merode que esta Comissão alcançou a operacionalidade e eficiência, já a partir dos Jogos Olímpicos da cidade do México, realizados em 1968.

OS ANABÓLICOS ESTERÓIDES

A nandrolona, o primeiro dos anabólicos esteróides de tipo sintético, foi descoberta por um cientista americano, o Dr. John Ziegler, tendo sido empregado como medicação destinada a reestruturar o sistema

muscular esquelético dos prisioneiros de campos de concentrações nazistas, cuja carência alimentar havia determinado uma espoliação completa das proteínas do organismo.

O anabólico esteróide é, basicamente, o hormônio sexual masculino, e possui a propriedade, entre outras, de fixar as proteínas, retendo nitrogênio e água mesmo em organismos debilitados. Com isto, há um aumento da massa muscular, estruturada basicamente através das proteínas e, logicamente, um aumento de força.

Estas características foram imediatamente percebidas por atletas de culturismo e levantamento de peso, que iniciaram a utilizar-se de anabólicos esteróides no final da década de 50. Já no início da década de 1960, os anabólicos esteróides eram largamente utilizados no atletismo, nas modalidades de força e potência, como arremessos e lançamentos, estendendo-se posteriormente para os demais esportes.

Entretanto, apenas nos Jogos Olímpicos de Montreal foi possível definir um método laboratorial capaz de detectar anabólicos em urina, graças ao método proposto pelo Prof. Raymond Brooks, o que passou a permitir o controle deste tipo de substância.

CONTROLE DE DOPING EM JOGOS OLÍMPICOS

Tabela 1

ANO	CIDADE	CONTROLES	ESTIM.	ANABÓL.	DIUR.	BETA
1968	Grenoble	86		X	X	X
	México	667	1	X	X	X
1972	Saparo	271	1	X	X	X
	Munique	2079	7	X	X	X
1976	Insbruck	390	2	X	X	X
	Montreal	1986	3	8	X	X
1980	Lake Placid	440	-	-	X	X
	Moscou	1645			X	X
1984	Sarajevo	424	1		X	X
	Los Angeles	1507	1	11	X	X
1988	Calgary	428		1		
	Seul	1598	2	3	4	1

A tabela 1 evidencia esta evolução, nos resultados positivos encontrados nos Jogos Olímpicos, desde a Cidade do México até Seul.

O grande impacto na luta contra o doping, entretanto, não surgiu em uma Olimpíada, mas num Jogo Panamericano, realizado em 1983 em Caracas, Venezuela.

Até então, embora fosse do conhecimento dos especialistas que os atletas estavam fazendo uso maciço de anabolizantes, isto não havia sido comprovado em nenhuma competição internacional.

Caracas constituiu-se em uma surpresa, já que os atletas participantes não esperavam controle de doping, e muitos deles sequer tiveram o cuidado de suspender, alguns dias antes da competição, a ingestão de anabólicos esteróides.

Ao final dos jogos, 19 atletas apresentaram resultados positivos, 14 dos quais para anabolizantes (tabela 2). Além disto, diversos atletas retiraram-se das provas destes Jogos, retornando aos seus países de origem sem competir.

Apesar de forte reação encontrada na época, o Lic. Mário Vasquez Rana manteve a recomendação da Comissão Médica da ODEPA (PASO) e excluiu os atletas detectados dos Jogos, o que determinou sua subsequente punição pelas respectivas Federações Internacionais.

X)NTROLE DE DOPING NOS JOGOS PANAMERICANOS DE CARACAS

Tabela 2

DATA	MODALIDADE	PAÍS	SUSBTÂNCIAS
16.08	Peso	Cuba	nortestosterona
16.08	Peso	Cuba	nortestosterona
16.08	Peso	Argentina	metandienona
17.08	Peso	Colômbia	metenolona
17.08	Peso	Puerto Rico	nortestosterona
17.08	Peso	Canadá	nortestosterona
18.08	Peso	Canadá	nortestosterona
18.08	Peso	Nicarágua	nortestosterona
19.08	Peso	Venezuela	nortestosterona
19.08	Peso	USA	testosterona
19.08	Peso	Chile	nortestosterona
21.08	Ciclismo	Chile	nortestosterona
22.08	Vôlei	Cuba	efedrina
23.08	Esgrima	Cuba	efedrina
23.08	Atletismo	Domenicana	fencanfamina
24.08	Atletismo	Domenicana	fencanfamina
26.08	Luta	USA	nortestosterona
27.08	Atletismo	Cuba	nortestosterona
28.08	Atletismo	Cuba	nortestosterona

A partir desta nova realidade do esporte internacional, Governos, Comitês Olímpicos e Federações Internacionais iniciaram programas de educação e controle, destinados a diminuir a incidência do uso de drogas no esporte.

Tudo isto não impediu, entretanto, que no Jogos Olímpicos de Los Angeles, 11 atletas fossem excluídos por doping, dez deles utilizando anabólicos esteróides, o que caracteriza um momento extremamente difícil no esporte internacional.

CONSEQUÊNCIA DA UTILIZAÇÃO DE ANABÓLICOS ESTERÓIDES

Embora não haja dúvida entre os pesquisadores de que realmente os anabólicos esteróides influem no aumento de performance de atletas, especialmente aqueles que atuam nas modalidades de força e potência, é também evidente que o uso continuado, em ciclos extensos e com pequeno intervalo, de doses altas de anabólicos, produz graves danos à saúde.

Para analisar as consequências danosas dos anabólicos esteróides, devemos dividir este tópico em três áreas distintas:

- o anabólico e o atleta de sexo masculino;
- o anabólico e a atleta de sexo feminino;
- o anabólico e o atleta adolescente.

No primeiro caso, caracterizado pela utilização maciça de anabólicos esteróides em atletas adultos de sexo masculino, os paraefeitos descritos na tabela 3 podem ser encontrados.

Na área hormonal ocorre uma diminuição da testosterona endógena por um efeito de realimentação do sistema de comando de produção comandado pela hipófise. Os testículos sofrerão uma atrofia, com a consequente diminuição da produção do esperma, seguida de uma diminuição da testosterona endógena após três semanas de uso de anabólicos esteróides, para menos de 10% de sua taxa normal. Esta resposta pode ser detectada em testes laboratoriais e caracterizam uma diferença entre a exposição aguda ao anabólico e seu uso costumaz.

Como consequência da diminuição de produção de testosterona endógena, mesmo com aumento de hormônios exógenos, haverá um aumento de estrogênio, que será responsável pelo surgimento de uma mama de tipo feminina no atleta, um processo altamente doloroso e incômodo.

Os demais processos da esfera sexual, como a acne, a mudança para um tom de voz mais grave e o aumento da libido, acompanham o aumento exógeno

UTILIZAÇÃO DE ANABÓLICOS EM ADULTOS DE SEXO MASCULINO

Tabela 3

- 1 - Na esfera sexual:
Aumento do libido;
Atrofia testicular;
Aumento da mama;
Acne;
Modificação do tom de voz.
- 2 - No fígado:
Disfunção hepática;
Tumores benignos de fígado;
Tumores malignos de fígado.
- 3 — No sistema cárdio-vascular:
Aumento da pressão arterial;
Aumento do colesterol de baixa densidade;
Diminuição do colesterol de alta densidade.
- 4 — No aparelho locomotor:
Aumento de rupturas de tendão;
Aumento de fraturas ósseas.
- 5 - Na área psicológica:
Aumento de agressividade;
Comportamento anti-social;
Tendência ao suicídio.

da taxa hormonal. Quanto ao libido, convém caracterizar que, se por um lado ocorre um aumento do desejo sexual, por outro existe uma dificuldade para o relacionamento sexual, em função de problemas de ereção devido ao baixo nível de hormônio endógeno, bem como problemas de área psicológica relacionados com a diminuição peniana, testicular e da quantidade de espermatozoides.

Na área hepática, os controles laboratoriais evidenciam desde logo uma alteração nas provas tradicionais de função hepática, que podem definir a utilização de anabólicos esteróides mesmo sem a existência de um sofisticado laboratório bioquímico, capaz de detectar a presença de metabolitos na urina.

A tentativa de burlar o controle antidoping, chamada no idioma inglês de "fase-out", alterna anabólicos de uso intramuscular (oleosos) com produtos de ingestão oral, com menor tempo de detecção. Estes últimos, entretanto, são bastante mais lesivos ao tecido hepático, causando o surgimento de tumores benignos, do tipo peliosis hepatis, bem como de tumores malignos, evidentemente irreversíveis.

A ação dos anabólicos esteróides no fígado causam ainda uma alteração dos níveis de colesterol, re-

duzindo o chamado colesterol protetor (HDL) e aumentando o colesterol causador do infarto de miocárdio (LDL). Como consequência deste fato, os atletas que utilizam-se de anabólicos são geralmente hipertensos, e tendem a um aumento de risco coronariano, expondo-se a acidentes cárdio-vasculares em idade bastante precoce.

No sistema locomotor, o que ocorre frequentemente é um rompimento das inserções músculo-tendinosas, que se tomam relativamente frágeis para suportar a tração de um músculo bastante aumentado na sua força, em função do aumento desproporcional de massa.

Dentro ainda do sistema locomotor, o anabólico esteróide interfere no metabolismo do tecido ósseo, alterando o equilíbrio do Cálcio, forçando um incremento de sua captação. Com isto, o osso perde progressivamente a sua elasticidade e tende a sofrer fraturas de tipo helicoidal.

Na área psicológica, o aspecto fundamental é a tendência do atleta a um comportamento anti-social, bem como a um aumento de agressividade, observada tanto na sua atividade esportiva como no seu ambiente familiar ou de trabalho.

Quanto à tendência ao suicídio, ela não é fruto de uma crise depressiva, mas de ações extremadas consequentes a erro de julgamento, pois muitas vezes os indivíduos sob o efeito de doses elevadas de anabólicos se crêem "super-humanos", capazes de realizarem proezas impossíveis para os demais mortais.

Em relação ao sexo feminino, os efeitos básicos são os mesmos, mas existem algumas diferenças na área sexual, que estão descritas na tabela 4

UTILIZAÇÃO DE ANABÓLICOS EM ADULTOS DE SEXO FEMININO

Tabela 4

- Alterações na esfera sexual:
- Masculinização;
 - Aumento e redistribuição de pêlos;
 - Aumento do clitóris;
 - Modificação do tom de voz;
 - Aumento do libido;
 - Alteração do fluxo menstrual.

A masculinização é caracterizada por uma redistribuição do tecido adiposo, assumindo a mulher um padrão típico do homem, com desaparecimento dos

seios e diminuição do perímetro de quadril, além de uma diminuição no tom de voz, bem como uma redistribuição de pêlos, com surgimento muitas vezes de buço e barba.

Na genitália externa, ocorre um aumento de clitóris que é geralmente irreversível, enquanto os ciclos menstruais começam a sofrer alterações, tendendo a atleta à uma amenorréia secundária à modificações hormonais. Da mesma forma que o aumento de clitóris, a modificação da voz é também irreversível, não retornando ao normal mesmo com a suspensão do anabólico.

Em crianças e adolescentes, a consequência mais importante é a consolidação precoce das cartilagens de crescimento, no caso da utilização de anabólicos esteróides, o que motiva a interrupção do processo de crescimento.

A REALIDADE ATUAL NAS COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS

Em Seul, entre os 10 casos positivos detectados, que originaram a perda de quatro medalhas, apenas três foram causados por anabólicos, o estanozolol, que segundo a opinião de muitos atletas, não poderia ser detectado pelas técnicas laboratoriais utilizadas.

Entretanto, a inclusão de Ben Johnson entre os atletas punidos causou um impacto muito maior do que todos os positivos das últimas Olimpíadas, convulsionando a opinião pública mundial, que passou a exigir uma maior transparência no esporte de alto nível.

Um novo marco nesta área foi, sem dúvida, a I Conferência Permanente sobre Doping no Esporte, realizada em Ottawa no ano de 1988. Nesta reunião, ficou claramente caracterizado que apenas uma ação conjunta de Governos, Comitês Olímpicos e Federações Internacionais poderá reverter a situação atual, especialmente se instituídos controles médicos, sem aviso prévio, e fora do âmbito de competições esportivas. Para tal fim, entretanto, toma-se fundamental a harmonização de sistemas de toma de amostras, métodos laboratoriais de detecção, bem como de legislação e punições.

A reunião conjunta das Comissões Executivas do Comitê Olímpico Internacional (COI) e da Associação de Federações Internacionais de Olimpíadas de Verão (ASOIF), realizada em Barcelona em abril deste ano, definiu por unanimidade de votos um acordo na prevenção do doping, baseado em seis pontos principais, que recomenda a harmonização das regras e procedimentos, a adoção de uma mesma lista de classes farmacológicas proibidas, bem como a harmonização de

sanções e a utilização dos laboratórios acreditados pelo OI.

A solução atual para controle deste problema está sendo orientada para controles fora de competições esportivas e sem notificação prévia, que serão executados por uma Comissão Médica Mundial, composta por especialistas do Comitê Olímpico e das Federações Internacionais.

A SITUAÇÃO DO CONTROLE ANTI-DOPING NO BRASIL

O primeiro exame anti-doping realizado no Brasil foi feito em Porto Alegre, em um jogo de futebol que reuniu as equipes do Grêmio e do Internacional, na data de 23 de abril de 1964. Embora isolado e sem continuidade, este controle tem um valor histórico importante, pois antecedeu até mesmo os controles olímpicos.

Ainda no futebol profissional, os primeiros controles regulares foram realizados no Estado do Paraná, em 1969, e indicaram que doze das treze equipes participantes da primeira divisão utilizavam regularmente estimulantes, variando o índice de positividade entre 13 e 60% dos atletas testados. A inexistência de uma legislação específica, capaz de coibir esta prática e punir os responsáveis, terminou por impedir os trabalhos desta Comissão Médica pioneira.

No ano de 1970, a Federação Gaúcha de Futebol instituiu uma Comissão Antidoping, que passou a operar regularmente, com técnicas de análise de laboratório e toma de amostras trazidas pelo autor do Uruguai.

A primeira legislação brasileira que regulamentou o controle de dopagem no esporte foi instrumentada em 1972 pelo Conselho Nacional de Desportos. A chamada Deliberação 5/72 acompanhava a legislação olímpica da época, e definia doping como o uso de agentes estranhos ao organismo, capazes de promover um comportamento artificial, positivo ou negativo, sem correspondência com a capacidade orgânica e funcional do atleta.

Os fármacos proibidos, então, classificavam-se em apenas três grupos:

- Aminas simpaticomirnélicas;
- Estimulantes do sistema nervoso central;
- Vasodilatadores.

O progresso constante dos métodos de detecção laboratorial e o incremento dos grupos de fármacos considerado como proibidos tomaram a legislação brasileira desatualizada, o que motivou um redimensiono-

namento das normas vigentes, através da Portaria 531/85, publicada em 10 de julho de 1985.

Nesta legislação, o doping é caracterizado como substância, agente ou meio capaz de alterar o desempenho de um atleta em uma competição esportiva. Consideram-se como doping, substâncias pertencentes às seguintes classes farmacológicas:

- Estimulantes psicomotores;
- Aminas simpaticomiméticas;
- Estimulantes do Sistema Nervoso Central;
- Narcóticos-analgésicos;
- Esteróides anabólicos.

As punições previstas por esta legislação, incluem a suspensão do atleta por 120 a 360 dias, com exclusão em caso de reincidência. A equipe envolvida perderá os pontos obtidos e sofrerá uma multa, sendo excluída do campeonato em caso de reincidência. Igualmente, o ato de ministrar substância proibida a um atleta, por dirigente, treinador ou médico, implica na eliminação dos mesmos da prática esportiva.

Esta legislação, entretanto, nunca chegou a ser utilizada para a punição de atletas ou equipes, pois o controle anti-doping enfrentou uma crise de credibilidade nos últimos anos, em função de alguns casos detectados e não julgados.

O primeiro controle feito no país, dentro dos padrões olímpicos atuais, foi organizado na Copa do Mundo de Tiro do Rio de Janeiro, em 1988, pela Confederação Brasileira de Tiro ao Alvo.

Entretanto, sem sombra de dúvidas, o grande impacto no país foi a decisão política da Confederação Brasileira de Futebol, de desenvolver tecnologia nacional na área de toma de amostras e de metodologia laboratorial, visando implantar o controle na Copa América, Copa Brasil e Campeonato Nacional de Futebol.

Para este fim, a Federação Brasileira de Medicina do Esporte treinou 22 equipes de profissionais, em diversos estados do país, e apoiou a preparação do Laboratório de Desenvolvimento tecnológico da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na assimilação das rotinas padrões do COI, tendo seus especialistas efetuado treinamentos em Colônia e Barcelona.

Hoje, tendo como modelo o futebol profissional, outras Confederações Esportivas preparam no Brasil competições nacionais e internacionais, realizando um controle antidopagem moderno e dinâmico, dentro dos princípios propostos pelo Comitê Olímpico: respeito a ética, à saúde e à igualdade de possibilidade de vitória dos atletas.

Para que esta finalidade possa ser plenamente alcançada, torna-se necessário a existência de uma legislação desportiva mais atualizada e eficiente, razão pela qual o Conselho Nacional de Desportos já iniciou um estudo neste sentido, visando reformular a Portaria 531/85, incluindo a proibição de novas classes de substâncias e métodos destinados à aumentar a performance ou mascarar o controle, bem como dinamizando o procedimento legal em caso de exames positivos.

O USO DE ANABÓLICOS E OS RISCOS DE SAÚDE DA POPULAÇÃO

Embora aparentemente o problema dos anabólicos esteróides esteja orientado ao esporte de alto rendimento, existem consequências bastante graves em termos de saúde pública que atingem a população em geral, em função do fato de que os super atletas são exemplos que terminam por contaminar os indivíduos comuns que buscam aprimorar seu físico em academias.

Em nosso país, poucas são as estatísticas disponíveis para podermos estruturar uma forma de pensamento e manifestar uma opinião suficientemente embasada, especialmente na área de saúde pública. Entretanto, se considerarmos que existe um modismo na atividade física, e que estes costumes são importados dos Estados Unidos, podemos nos permitir utilizar as estatísticas daquele país e "estimar" a nossa realidade atual.

Nas academias americanas, 80% dos frequentadores de sexo masculino utilizam-se de anabólicos esteróides, com o único propósito de ter "um corpo bonito", e este tipo de pensamento está se alastrando para as escolas secundárias, onde os alunos usam anabólicos, mesmo sem participar de atividades de musculação em academias.

Em nosso país, diversas reportagens e alguns poucos estudos demonstram que, embora aparentemente o número de frequentadores de academias que utilizam anabólicos não seja tão elevado, o problema existe da mesma forma, bem como a exposição precoce de adolescentes que não completaram seu processo de crescimento.

Desta forma, nos parece bastante oportuna a inclusão deste tema em uma coletânea sobre drogas, uma vez que, muitas vezes, a porta de entrada para o uso de tóxicos é o anabólico esteróide, bem como a busca de um físico mais perfeito e de potencialidades fisiológicas e psicológicas.

BIBLIOGRAFIA

- CZAKY, T. Z. Doping. *Journal of Sports Medicine and Physical Fitness* (2): 117-123,1972
- DE ROSE, E. H. Doping nos Esportes. *Medicina do Esporte (Brasil)* (3): 129-132,1974
- DE ROSE, E.H., CHERNILO, B., HANLEY, D., PAZ, M.H., MENDEZ, L.A, PINI, M.C. Aspectos organizacionales y científicos del control médico efectuado en los IX Juegos Panamericanos de Caracas. *Archivos de la Sociedad Chilena de Medicina del Deporte* (29): 127-130,1984
- DE ROSE, E.H. E CHERNILO, B. Control de doping em los Juegos Olímpicos de Los Angeles. *Archivos de la Sociedad Chilena de Medicina del Deporte* (29): **14-15**,1985
- DE ROSE, E.H., PINI, M.C., CEBERIO-BALDA, F., ITURRI, J.J.G. Nuevos métodos para el control antidoping em los Juegos Panamericanos y Olímpicos. *Archivos de Medicina del Deporte (Espanha)* 15:275-279,1987.
- DIRDÍ, A., KNUTTGEN, H., TITTEL, K. *The Olympic Book of Sports Medicine*. Black well, Londres, 1988.
- GOODBODY, J. Le dopage dans le Sport. *Message Olympique* (23): 41:44,1989.
- GAFNER, R. **IOC-ASOIF meeting: united to beat doping**. *Olympic Review* (259) 195-198,1989.

8

O CORPO, AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (DST)E A SIDA/AIDS

Richard Bucher

- As DST na Sociedade de hoje
- O que é a SIDA/AIDS?
- Os grupos de risco para SIDA/AIDS
- A SIDA/AIDS e o uso de drogas
- Medidas preventivas e seus limites

'Os usuários de drogas injetáveis representam um grupo particular com elevado comportamento de risco. A nível internacional, considera-se que este grupo de risco esteja ocupando, daqui algum tempo, o primeiro lugar de portadores do HIV, em função das suas características psicossociais.

AS DST NA SOCIEDADE DE HOJE

As doenças sexualmente transmissíveis (DST) e a Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida (SIDA, em inglês AIDS) são doenças infecciosas que a pessoa contacta, como a palavra indica, pelo contágio sexual (exclusivamente no caso das DST, opcionalmente para a SIDA/AIDS). Elas representam um problema mundial de saúde pública cuja frequência está, hoje em dia, em franca ascensão.

Com efeito, a antibioticoterapia levou inicialmente a uma redução considerável da incidência destas patologias, o que provocou uma certa euforia quanto à possibilidade de seu controle. Porém, mudanças sociais, culturais e tecnológicas, ocorrendo durante as décadas de 60 e 70, levaram a um recrudescimento destas moléstias - atribuído, talvez precipitadamente, à maior liberdade sexual desta época. Seja quais forem as causas, o aumento das DST é incontestável, agravado pelo aparecimento, no início da década de 80, da SIDA/AIDS. Esta tornou muito mais sombrio o panorama destas doenças, por não existir terapia adequada para as pessoas contaminadas.

Mas as DST propriamente ditas - em particular Sífilis, Gonorréia, Cancro Mole e o Herpes Genital — também representam afecções sérias, mesmo se existem terapias relativamente eficazes; esta eficácia, no entanto, é condicionada pela detecção precoce da infecção e pela medicação adequada. Senão, o perigo

de sua proliferação é grande, seja na própria pessoa, seja pelos contatos sexuais com parceiros, seja por via perinatal (contaminação do feto, no útero).

Para situar o alcance destas doenças, é útil dispor de alguns conhecimentos gerais a respeito de sua transmissão:

1. As DST podem atingir todas as pessoas que tiveram relação sexual com um parceiro infectado, seja por via genital, anal ou oral. Um único contato sexual basta para se contaminar.
2. Não existem vacinas para estas doenças; é possível pegar uma DST repetidas vezes, ou várias juntas, dependendo sempre da infecção do parceiro.
3. Os riscos de se contaminar com uma DST aumentam na medida que aumenta o número de parceiros de uma determinada pessoa: quanto maior este número, maior a probabilidade de se relacionar com um parceiro contaminado. Isto se aplica em particular quando o parceiro for desconhecido e/ou participante de um dos chamados "grupos de risco", como no caso de prostitutas p. ex.
4. A contaminação com uma DST só ocorre pelo contato sexual entre duas pessoas e não por outros contatos, como aperto de mão, privadas, lugares públicos, piscinas, sauna, ônibus, etc. Os micróbios respon-

sáveis pela contaminação de fato morrem rapidamente, quando expostos ao meio ambiente.

As medidas preventivas mais adequadas para evitar a infecção por uma DST, são aquelas baseadas nos princípios educacionais gerais que discutimos acima: aprender a se responsabilizar por um uso saudável do seu corpo e de sua sexualidade - o que é perfeitamente compatível com a liberdade sexual, desde que a pessoa seja consciente dos seus limites e dos perigos que corre. Lembramos alguns destes limites:

- evitar mudanças frequentes de parceiros sexuais
- evitar contatos sexuais com pessoas desconhecidas ou pertencentes a grupos de risco
- respeitar as regras higiênicas de praxe, antes e depois da relação sexual
- usar, sempre que possível, preservativos ("camisinha de vénus")
- cuidar de sua resistência e saúde, através de um modo de vida saudável (alimentação, práticas esportivas, descanso, etc).

Na presença de sintomas ou sinais de uma DST, cabe evitar atividades sexuais e consultar um médico. Este profissional é a única pessoa indicada para diagnosticar e tratar corretamente tais doenças. Deve se evitar auto-medicação, conselhos de amigos ou balconistas de farmácia. E indicado avisar o(s) parceiro(s) habitual para que também procure atendimento médico. Quanto mais cedo este for efetuado, maior é a chance de pegar DST na fase inicial e de poder combatê-la com eficácia.

Na sociedade em geral, as DST (e a SIDA/AIDS) são consideradas como vergonhosas, como uma mácula e, por conseguinte, afetadas de um tabu. Elas acarretam, pelo menos implicitamente, um julgamento moral, sendo o seu portador discriminado como um desqualificado ou mesmo como um pária social. Com frequência é a própria pessoa que se sente desqualificada, assumindo ela mesma a ideia que circula subliminarmente, a saber, que estas afecções são consequências de um colapso moral, do relaxamento geral dos costumes, da falta de respeito humano ou de religiosidades, etc. Não é raro, ademais, surgir a ideia de uma punição, por ter praticado cercas transgressões ou por ter desobedecido aos ensinamentos dos pais, por exemplo.

Tais representações e fantasias são muito comuns: o que importa, é manter a cabeça fria e dimensionar corretamente o problema. As DST existem e fazem parte da vida social corriqueira, mas elas podem ser evitadas através da conscientização e de medidas

preventivas elementares. Em suma, trata-se de aprender a administrar a própria liberdade sexual, os direitos individuais ao prazer, à livre disposição do corpo, à escolha de parceiros - direitos que existem mas pelas quais cabe se responsabilizar. No caso de uma contaminação, por outro lado, cabe cuidar para não se transformar em um novo transmissor da doença, recorrendo a medidas curativas rápidas e pertinentes. A responsabilidade e o respeito pelo parceiro são as armas fundamentais para combater a propagação destas afecções.

No que se diz respeito à SIDA/AIDS, a situação é bastante diferente, visto que se trata de uma doença nova que obedece a determinantes específicos, em parte ainda desconhecidos. Por esta razão, optamos por nos estender mais longamente sobre ela, em particular sobre o seu vínculo com o uso de drogas.

O QUE É A SIDA/AIDS ?

A "Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida" (SIDA; AIDS em inglês) é uma doença epidêmica (ou pandêmica) recentemente surgida no panorama internacional, com elevado índice de mortalidade, o que vem causando um verdadeiro estado de pânico na população geral. Ao afetar o sistema imunitário da pessoa, a doença a deixa vulnerável pela debilitação progressiva das suas defesas naturais que, em estado de saúde, a protegem contra os diversos agentes invasores (micróbios, bactérias, fungos, vírus, etc). Devido ao enfraquecimento crescente do organismo, estes agentes tornam-se poderosos e a pessoa contaminada pelo vírus corre graves riscos, em particular pelo alastramento das chamadas "infecções oportunistas", desenvolvidas em função da baixa dos mecanismos imunológicos.

Segundo o estado atual dos conhecimentos, a maioria dos portadores do vírus da SIDA/AIDS (chamado HIV, "Human Immunodeficiency Vírus") está evoluindo para o óbito, visto que até hoje nenhum medicamento eficaz foi descoberto. Apenas a detecção diagnóstica detém hoje uma objetividade elevada. As pessoas diagnosticadas como de soro positivo ("soropositividade"), devem ser consideradas como infectadas pelo HIV. No entanto, nem todas as pessoas infectadas desenvolvem a doença de imediato, podendo passar por um período de incubação de vários anos.

Os portadores do HIV que desenvolvem a doença, apresentam uma série de sintomas que são comuns em outras moléstias, tais como resfriados, bronquites, distúrbios gastro-intestinais. Como principais sintomas da fase inicial da doença manifestam-se: fadiga, febre, fraqueza, perda significativa de peso, diarreia, coriza, aumento dos nódulos linfáticos (pescoço, axila, virilha) etc. Estes sintomas podem alterar ou aparecer si-

multaneamente, aumentado com o crescimento das infecções oportunistas, até que uma delas provoca o êxito fatal.

Hoje em dia, pesquisadores do mundo inteiro evidenciam esforços concentrados para descobrir substâncias capazes de debilitar o HIV, de limitar o seu campo de ação ou de prevenir contra ele através da fabricação de uma vacina.

Vários fatores contribuem para dificultar a implantação de uma política adequada e viável, seja de prevenção contra a terrível doença, seja de assistência médica e psico-social aos portadores diagnosticados. Como exemplo, cabe lembrar os fatores culturais, sociais e religiosos que fazem obstáculo e às vezes impedem a divulgação mais ampla de conhecimentos sobre a doença e as suas modalidades de propagação. Assim por exemplo, o pavor quanto ao contato com os portadores do vírus, torna a assistência particularmente insuficiente, se não é que gera resistências e preconceitos contra a sua ampliação e efetivação, em particular entre os chamados "grupos de risco".

Raramente os problemas sanitaristas têm sua solução oriunda, exclusivamente, de setor profissional da área da saúde. A novidade do fenômeno da SIDA/AIDS, com a multicasualidade dos fatores intervenientes, exige atitudes inovadoras e corajosas para a sua discussão nas diversas áreas envolvidas, como as escolas e faculdades, inclusive de educação física. Cabe aos profissionais engajados nestas áreas, tomar ciência da presença da doença na população e das suas consequências não somente físicas, mas também mentais e sociais.

No Brasil, o número total de casos notificados até julho de 1989 ultrapassa 7500, sendo 80% na região sudeste. A distribuição segundo o sexo se mostra extremamente polarizada: 11 homens pra uma mulher. No entanto, os dados continuam escassos, apesar dos esforços da "Divisão Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/SIDA-AIDS" (DNDST/AIDS), do Ministério da Saúde. Criada em 1987, esta divisão estabeleceu normas estritas para a notificação com vistas a um perfil epidemiológico mais completo da doença no Brasil; porém a subnotificação sabidamente existente, distorce a presença verdadeira da doença em nosso país.

6

Um amplo programa de ações educativas e de formação profissional para combate e prevenção da SIDA/AIDS está sendo implantado por esta Divisão, em colaboração com o Ministério da Educação. Em 1989, este programa deverá expandir-se, atingindo grupos populacionais específicos, com comportamentos que podem vir a aumentar o risco de contaminação.

OS GRUPOS DE RISCO PARA SIDA/AIDS

A noção de "grupo de risco" faz parte do vocabulário epidemiológico básico. Ela designa aqueles segmentos da população que, em virtude de determinadas situações ambientais ou características comportamentais de relevo, sofrem uma maior exposição a agentes patogênicos, tornando-se deste modo mais vulneráveis e correndo maiores riscos de contaminação.

Por ser transmitido por via sexual, a SIDA/AIDS faz parte das DST (antigamente "doenças venéreas"). Porém, por ser transmitida também pelo sangue, ela representa um caso particular das DST. Logo, os grupos de risco não são determinados somente pelo comportamento sexual; mulheres grávidas podem transmitir o HIV ao feto; a contaminação pode se fazer por transfusões sanguíneas; ela ainda é possível pelo uso de agulhas hipodérmicas ou seringas, quando anteriormente usadas por pessoas portadoras do vírus.

De fato, a transmissão por via sexual também passa pela circulação sanguínea, uma vez que o vírus contido no líquido seminal é absorvido através de pequenos ferimentos existentes na mucosa vaginal ou anal. Como tais ferimentos são mais frequentes na mucosa anal, em consequência de maior violência da relação sexual anal, esta deve ser considerada como a principal transmissora do HIV entre parceiros sexuais. Devido a estas características de transmissão, devem ser considerados como grupos de risco para a doença:

- Os homossexuais masculinos
- Os bissexuais masculinos
- Os hemofílicos (por causa das frequentes transfusões de sangue)
- Os outros receptores de transfusões de sangue
- Os parceiros sexuais de pessoas pertencentes a grupos de risco
- Filhos nascidos de mães portadoras do HIV
- Os usuários de drogas injetáveis.

Estas sete categorias referem-se a pessoas que correm riscos elevados em consequência do tipo de comportamento que elas adotam, seja voluntária, seja involuntariamente.

Outros grupos de risco são constituídos por populações que vivem em circunstâncias que favorecem a proliferação da doença. Cabe mencionar aqui os grupos de prostituição, os grupos presidiários, os garimpeiros, as diversas populações migrantes ou "de rua", em particular os menores de rua. Tampouco devemos esquecer as populações indígenas, onde os primeiros casos de SIDA/AIDS já fizeram a sua aparição.

Todos estes grupos de risco requerem uma atenção sanitária e social dobrada. Porém, não se deve radicalizar a oposição entre contração "voluntária" ou "involuntária" do HIV; posturas morais rígidas devem ser atenuadas por considerações mais clínicas, mais pragmáticas ou, simplesmente, mais humanas.

Assim, até que ponto a pessoa homossexual é responsável pela opção sexual que foi levada a efetuar em sua vida, por razões que escapam a uma avaliação objetiva? Ou ainda, pode-se afirmar que não se torna toxicómano quem o quiser, sendo este o "produto" de uma série de fatores cuja confluência provoca, em circunstâncias desfavoráveis quanto ao meio, a família etc, a dependência de drogas.

Cabe pois, se precaver contra qualquer interpretação moralizante que pode levar, no extremo, a denunciar e incriminar a pessoa que contraiu a SIDA/AIDS através de determinadas práticas sexuais ou uso de drogas injetáveis. Assim, ouve-se afirmações da SIDA/AIDS representar um flagelo divino, em consequência da permissividade sexual do século XX. Contudo, se é verdade que as práticas sexuais conheceram uma profunda modificação desde o surgimento da moléstia, em virtude do medo de contraí-la, não é menos verdade que tais "explicações" beiram um perigoso fanatismo religioso que em nada contribui para uma discussão séria desta nova doença epidêmica e das suas graves implicações médicas, sócio-culturais, jurídicas e éticas.

De fato, querer definir a responsabilidade de portador do vírus, ultrapassa as competências de qualquer profissional; ela nada tem a ver com as medidas de prevenção e de assistência a serem adotadas. Cabe ater-se aos fatos e não a considerações moralistas ou metafísicas; mas tem que se levá-las em conta, como fazendo parte da representação social da SIDA/AIDS, fonte de preconceitos e de resistências diversas à implantação de medidas mesmo elementares. Na verdade, tais posturas expressam mais uma intolerância em fase de comportamentos que se julga como indesejáveis — o que significa, ainda, que com tais argumentos, deseja-se combater não a doença, mas determinadas condutas, consideradas como marginais e contrárias a certos interesses da sociedade.

As experiências acumuladas durante os últimos anos mostram que não há nenhum fundamento científico para a ideia que preconiza a segregação dos grupos de risco, como forma de se controlar a expansão da doença. Pelo contrário, propostas de segregação podem surtir o efeito contrário, suscitando revolta ao invés de colaboração da parte de pessoas em risco ou já infectadas. Cabe pois ponderar com circunspeção e serenidade toda a problemática, para se chegar a um encaminhamento adequado nas abordagens preventiva e assistencial da moléstia.

De fato, as propostas de discriminação, recorrendo a fundamentações preconceituosas e duvidosas, têm como alvo sempre os homossexuais (e bissexuais) e os usuários de drogas. Cabe, a este respeito, lembrar a enorme complexidade do fenômeno da drogadição; esta implica uma variedade de fatores que presidem, nos planos existencial, afetivo e social, as relações de cada pessoa, toxicómano ou não, portador de HIV ou não, com o seu mundo ambiental; não é admissível subordinar esta enorme variedade a simplificações abusivas e, de fato, defensivas diante do novo fenômeno epidêmico.

Este afeta hoje a sociedade como um todo e a ameaça em um dos seus baluartes, a reprodução da espécie - se bem que a sexualidade não se deixa reduzir à mera reprodução; as dimensões de prazer, da relação com o corpo próprio enquanto instrumento de auto-realização, de troca afetiva, de contato intersubjetivo e de intercâmbio com o mundo ambiente, fazem parte dela e a transformam verdadeiramente em sexualidade humana. Qualquer proposta de intervenção dissuasiva nunca deverá esquecer estas significações; entregar-se a confabulações apocalípticas ou à pregação de campanhas punitivas, somente aumenta a confusão das ideias ao invés de diminuí-la através de encaminhamentos racionais e (provisoriamente) comprovados, levando em conta a complexidade humana. A situação comporta uma dinâmica evolutiva acelerada, exigindo constante reciclagem e inovação corajosa para se chegar a medidas realmente pertinentes e eficazes. Desta forma apenas será possível enfrentar a ameaça da SIDA/AIDS e aproximar-se paulatinamente, através de esforços conjugados, a seu combate efetivo.

A SIDA/AIDS E O USO DE DROGAS

Os usuários de drogas injetáveis representam um grupo particular com elevado comportamento de risco, compartilhando seringas, agulhas e instrumentos preparatórios à injeção ("pico", "picada" na gíria), estes usuários correm um risco sério de serem contaminados e/ou de transmitirem o HIV aos seus pares, seja em sessões coletivas ou sucessivas de injeção, seja ainda através da relação sexual.

Quanto ao Brasil, não se dispõe de dados numéricos sobre toxicómanos, mas sabe-se que o número de usuários de drogas injetadas está em ascensão. A nível internacional, considera-se que este grupo de risco esteja ocupando, daqui algum tempo, o primeiro lugar de portadores do HIV, em função das suas características psicossociais. Esta evolução se reflete nas estatísticas da Divisão Nacional de DST/AIDS, do Ministério da Saúde. A tabela a seguir reproduz, a título ilustrativo, algumas frequências de portadores do HIV segundo grupo de risco e ano de notificação:

	1982	1985	1987	1989 (até julho)
Homossexuais	5	236	807	435
% do total	71,43	51,42	41,34	35,31
Bissexuais	2	122	380	226
% do total	28,57	26,58	19,47	18,34
Hemofílicos	0	29	63	32
% do total	0,00	6,32	3,23	2,60
Usuários de Drogas	0	6	207	210
% do total	0,00	1,31	10,6	17,05
Total	7	459	1952	1232

A tabela demonstra, de modo notável, o crescimento do grupo de usuários de drogas, atingindo nos 07 meses já notificados de 1989, a quota de 17,05%. Em comparação, os outros grupos de risco apresentam uma curva percentual nitidamente decrescente.

Os usuários de drogas são particularmente avessos à adoção de medidas preventivas. Outros grupos com comportamentos de risco, como p. ex. os homossexuais, são mais aptos a adotar medidas de precaução higiênica, diminuindo assim os riscos de contaminação.

Descrevemos em seguida algumas destas características. O usuário de drogas que se entrega à absorção de drogas injetáveis, não é, de toda evidência, um usuário "benigno", mas um dependente de drogas, ou seja, um verdadeiro toxicômano. As drogas injetáveis são as chamadas drogas "duras" ou "pesadas", em particular cocaína e heroína (no Brasil felizmente rara), além de certos medicamentos como morfina, anfetaminas ou barbitúricos, dissolvidos em água ou outra solução. Entre os usuários de drogas, o uso do "pico" representa a fase mais grave na escalada do uso de drogas, provocando acentuada dependência psíquica e sobretudo física.

Na ausência do produto, o sentimento de sua falta (a "fissura") torna-se extremamente violento, acompanhado de um intenso sofrimento que ataca a pessoa inteira, física e mentalmente. Sob o impacto da "fissura", a administração do produto tem que ser imediata, à procura de efeitos cuja instantaneidade se apresenta, naquele momento, como uma questão de vida ou de morte.

A este fator de impulsividade, pelo qual o dependente de drogas vive totalmente submisso à máxima do máximo de prazer, "tudo e já", acrescenta-se uma outra característica: a personalidade do toxicômano é marcada por uma tendência permanente de adotar condutas de risco, num sentido diretamente auto-destrutivo. O toxicômano não somente desafia a lei, estimulando-se pela sua transgressão cotidiana, mas ainda desafia a morte, em jogo que, semelhante à roleta russa, comporta sempre um imenso risco.

Para o toxicômano, correr riscos torna-se assim um costume, senão uma necessidade, em função de determinantes que em grande parte são inconscientes, vinculados com a infância precoce do futuro usuário de drogas. Estes determinantes escapam à nossa compreensão racional; eles são inquietantes e apavorantes como todos os fatores que tocam à misteriosa destrutividade humana.

Às superdoses, às tentativas diretas de suicídio, às doenças somáticas diversas, à debilitação física, associa-se hoje a SIDA/AIDS como mais uma das formas de testar e de satisfazer a fantasia de onipotência, aquela de se sobrepor à morte, de ser dono da vida pelo prazer e dono da morte por não a temer. Neste sentido, ser infectado pelo HIV representa apenas mais um risco na escalada dos perigos, risco menosprezado ou mesmo ridicularizado, conforme a lógica que domina o jogo da morbidez toxicômana. A presença do HIV entre os usuários de drogas injetáveis representa pois, uma ameaça grave. As medidas preventivas possíveis deverão levar em conta estas características, bem como as contradições do toxicômano em sua oscilação entre vida e morte, entre tentativas de terapia

para por fim à dependência, e entrega à procura mórbida do mais-prazer, onde a contaminação pela nova doença acena com um índice de probabilidade inquietante.

MEDIDAS PREVENTIVAS E SEUS LIMITES

Diante da gravidade e frequência da infecção de usuários de drogas injetáveis pelo HIV e a sua transmissão a seus parceiros, adoção de ações preventivas é uma tarefa urgente - mas será que ela é possível? Visto as características psico-sociais desta população, parece evidente que medidas de prevenção serão de difícil aceitação e, portanto, com uma eficácia bastante limitada.

As ações preventivas primárias confundem-se com aquelas desenvolvidas para combater o uso e abuso de drogas de maneira geral, em particular na população jovem. Elas devem atingir a população-alvo através das escolas, com treinamento e capacitação preliminar dos educadores, mas devem visar também as famílias, para que esclarecimentos sobre drogas façam parte da comunicação familiar habitual, de forma precoce, constante e confiável, com base na convivência afetiva da família. A discussão da SIDA/AIDS e dos seus perigos evidentemente deverá fazer parte deste diálogo preventivo entre os jovens e os educadores.

No caso de usuários de drogas injetáveis já "in-veterados", a situação é diferente. Se se quiser atingir o objetivo limitado de diminuir a propagação do HIV nesta população, não se trata de querer impedir o uso de drogas pelos toxicômanos; cabe levá-los a adotar medidas higiênicas elementares, em particular no manuseio dos aparelhos de injeção. Para atingir este objetivo, é fundamental conscientizar os usuários quanto aos perigos corridos, e convencê-los de tomar os cuidados necessários.

Simultaneamente, cabe insistir para que se submetam ao teste sanguíneo; com casos de soro-negatividade, a assistência limitar-se-á à orientação preventiva, acompanhada da proposta de uma terapia a longo pra-

zo para romper a dependência de drogas; com casos de soro-positividade, as orientações preventivas visarão medidas para não transmitir o HIV a parceiros, isto é, visam o controle da infecção pelo HIV, além da assistência médica e social geral. As campanhas pelo meios de comunicação, por cartazes, cartilhas e outros apelos diretos ou indiretos, correm o risco de não surtir efeitos, por falta de credibilidade ou simplesmente por não atingir a população-alvo. Não se deve esquecer que esta, de fato, corresponde a uma população clandestina, perseguida pela polícia, reprimida e marginalizada, razão pela qual os canais informais devem, receber prioridade na transmissão de medidas de prevenção. Por outro lado, as medidas repressivas, importantes no combate do tráfico de drogas, devem ceder o lugar a outros tipos de ação, quando se trata de prevenção e assistência. É mais um aspecto das múltiplas questões éticas novas levantadas pela SIDA/AIDS, e às quais cabe encontrar repostas com discernimento, serenidade e coragem, em particular pelos educadores

Resumindo, opinamos que os educadores, tanto em educação física quanto em outras disciplinas, devem se preparar para poder discutir com seus alunos as questões referentes às DST em geral, bem como à sexualidade, às drogas, à saúde física e mental. Eles devem pois dispor de conhecimentos adequados, devidamente integrados em suas próprias atitudes e condutas disponíveis não somente nas salas de aula, mas também nos momentos onde o aluno procura uma conversa pessoal, no caso de enfrentar dificuldades com um ou outro destes itens que permeiam a existência de todos. O educador pois, deve se constituir como interlocutor privilegiado, sempre acessível e aberto ao diálogo - o que pressupõe que tenha dimensionado estas questões adequadamente na própria vida sem dramatizá-las, sem se deixar amedrontar por elas e sem adotar atitudes moralizantes ou repressivas.

Se o educador conseguir isto, será capaz de contribuir com a arma mais importante à disposição de ações preventivas nas escolas: aquela da compreensão humana e do calor afetivo no contato com os jovens, capaz de suscitar aquela confiança, aquela credibilidade que supera as diferenças de gerações, de idade, de hierarquia e de credo, e que cria aqueles vínculos humanos sólidos e estruturantes dos quais os nossos jovens precisam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCHER, R.: Os Jovens e a Transgressão. **Humanidades** (UnB), n2 14, 16-21; 1987.
- BUCHER, R.: Psicologia da Toxicomania e Vivência do Toxicómano. **Revista Brasileira de Saúde Mental** (MS/DINSAM) 2/2-3, 34-42; 1988.
- Ministério da Saúde: **Recomendações para Prevenção e Controle da Infecção pelo vírus HIV (SIDA/AIDS)**; 1987.
- Ministério da Saúde, DNDST/AIDS: **AIDS- Recomendações técnicas e aspectos éticos**. 1988.
- Ministério da Saúde, DNDST/AIDS: **Projeto PREVINA** (Prevenção e Informação sobre DST/AIDS: Presídio, Prostituição, Usuários de Drogas); Coordenador: Dr. Paulo Proto; 1989.
- Ministério da Saúde, DNDST/AIDS: **Boletim Epidemiológico AIDS**, 2/8; fevereiro 1989.
- OLIEVENSTEIN, C: **O destino do Toxicómano**. São Paulo: Almed, 1985
- Organização Mundial da Saúde (OMS):**
Global AIDS Factfile. Dez. 1988.
- Us **Center For Disease Gontrol (C DC):**
Trends in reported cases of AIDS:
- Morbidity and Mortality Weddy Report** 37, nº 37; 1988.



ACÇÕES PREVENTIVAS: SENTIDO E ALTERNATIVAS

Richard Bucher

- O modelo Sanitarista de Prevenção e seus limites
- O papel da informação na prevenção
- A prevenção integrada na educação
- Medidas preventivas nas escolas

'A ideia da prevenção é uma das ideias mestre da saúde pública moderna: mais vale prevenir do que (tentar) curar. 'Prevenir' significa impedir, chegar antes, dispor com antecipação. Para os problemas de drogas também, o melhor combate ao seu uso indevido sem dúvida é a prevenção; como, no entanto, impedir ou, pelo menos, reduzir o consumo indevido ou abusivo de drogas entre jovens?'

O MODELO SANITARISTA DE PREVENÇÃO E SEUS LIMITES

A ideia da prevenção é uma das ideias mestre da saúde pública moderna: mais vale prevenir do que (tentar) curar. "Prevenir" significa impedir, chegar antes, dispor com antecipação. Para os problemas de drogas também, o melhor combate ao seu uso indevido sem dúvida é a prevenção; como, no entanto, impedir ou, pelo menos, reduzir o consumo indevido ou abusivo de drogas entre os jovens?

As ações implantadas com este propósito devem levar em consideração uma série de fatores específicos, diferentes em muitos aspectos daqueles da chamada "medicina preventiva". Assim, não é possível comparar o uso de drogas com as doenças transmissíveis, operando as distinções clássicas entre agente patogênico, hospedeiro e ambiente facilitador, pelo fato do uso de drogas ser um fenômeno cultural do qual se tem vestígios nas civilizações as mais remotas. Originalmente, este uso era parte integrante dos costumes sociais, através de rituais e cerimônias, ou ainda, através de práticas curativas. Trata-se, portanto, de práticas conscientes e propositas, encenadas com finalidades definidas segundo os padrões culturais de uma certa população em uma certa época.

Percebemos assim diferenças fundamentais para com o modelo sanitário: neste, a infecção não é procurada por motivos conscientes, não existem práticas

voluntárias com o intuito de se contagiar. Se, neste modelo, o agente é o micróbio e o homem, um mero hospedeiro passivo, no caso das drogas é o próprio homem a parte ativa, recorrendo a certas drogas para alcançar objetivos culturalmente definidos. Mesmo no caso de abuso de drogas e de instalação de dependências profundas, o usuário de fato nunca é uma simples vítima; ele consente e se administra a droga ativamente, correndo o risco que conhece mal ou dos quais não quer tomar conhecimento — mas se assume; ademais sofre certas pressões sociais que visam a incentivar o uso. Não obstante, ele não é simplesmente passivo; ele pode e deve se responsabilizar pelo uso que faz.

A prevenção então, tem que consistir, prioritariamente, em difundir conhecimentos sobre drogas e seus riscos, mas visando algo além da mera transmissão de informações, a saber, a conscientização quanto a responsabilidade de cada um pelo seu corpo, pela sua saúde, pelo uso de drogas ou não.

Uma outra diferença fundamental contribui a tornar o modelo sanitário inoperante quando aplicado à prevenção ao uso indevido de drogas. Este modelo não leva em conta a razão pela qual se procura drogas: a obtenção de prazer. As drogas psicotrópicas são todas aquelas que provocam alterações nos estados de consciência do usuário. Estas alterações afetam as sensações (internas), percepções (externas) e o "humor" ou ânimo da pessoa, seja no sentido de euforia, seja de disforia. Ora, as repercussões provocadas nestas três

dimensões psico-fisiológicas têm a ver com três aspirações fundamentais do ser humano, à fidelidade, à beleza e ao prazer — ou seja, em suma, a um bem-estar físico, psíquico e social.

Logo percebe-se que a concepção de uma ação preventiva pautada no modelo da saúde pública corre o risco de ser levado a operar segundo modalidades apenas repressivas, tentando proibir ou impedir o uso de drogas. Desta forma, porém, ela entrará inevitavelmente em choque com aquelas aspirações humanas que não somente são legítimas, mas que não se deixam reprimir ou normatizar segundo critérios unicamente sanitaristas. Estes últimos, portanto, devem ser repensados e ampliados para que surtam o efeito desejado, aquele de diminuir o abuso de drogas, e não o contrário, aquele de aumentá-lo ou de estimulá-lo, a partir de um sentimento de revolta e de rejeição da população alvo prioritária, a população jovem.

Em muitas abordagens preventivas do consumo de drogas, o aspecto do prazer está sendo negligenciado. Se os efeitos das drogas tocam, por assim dizer, a cabeça, o coração e o corpo, é neste último que as sensações prazerosas se tornam mais presentes. As diferentes vias de administração mobilizam diferentes partes do corpo e suscitam nele sensações intensas, seja pela excitação do sistema nervoso central, seja pela sua depressão, ressentida de forma analgésica, anestésica ou calmante.

Sem tais sensações de prazer, não haveria o "problema de drogas", não haveria "viciados". Ninguém, de fato, toma-se dependente de drogas não prazerosas ou de substâncias inócuas como água, verduras ou frutas. Se falamos acima de alterações dos estados de consciência provocadas pelas drogas psicotrópicas, cabe pois ter em mente que elas passam sempre pelo corpo; este participa e vibra de múltiplas maneiras com a ingestão de substâncias psicoativas e transmite ao cérebro ondas de prazer, de "gozo" que, segundo o testemunho de muitos usuários, são incomparáveis com outras sensações de prazer, comumente conhecidas e aceitas. Porém, é precisamente nesta intensidade que reside o perigo deste consumo e o seu poder de induzir dependências.

Se se quiser evitar estas, a dimensão do prazer inerente ao uso destas substâncias não pode ser negada ou ocultada - senão, o jovem que porventura fizer a experiência delas, sentir-se-á enganado e se recusará a dar crédito aos defensores da proibição ou aos avisos de periculosidade. Esta dimensão pois deve ser mencionada, mas simultaneamente cabe, nas campanhas preventivas, propor alternativas para formas de prazer saudáveis que valorizam o corpo sem destruí-lo.

O PAPEL DA INFORMAÇÃO NA PREVENÇÃO

Inicialmente, os procedimentos preventivos recorriam apenas à fiscalização e à repressão, com a finalidade de reduzir no mercado a disponibilidade de drogas para uso ilícito. Procurava-se reprimir ou controlar o uso das drogas ilegais, desde a fonte até à sua comercialização e consumo. Assim, se fazia a prevenção usando como meios a repressão ao tráfico e à ação judiciária. Para muitos juristas, a condenação penal era considerada como uma medida preventiva, senão reeducativa...

Diante da grande expansão do uso de drogas no mundo moderno, percebeu-se que os mecanismos repressivos são insuficientes para diminuir este consumo, o que levou os especialistas a reconhecer que verdadeiras medidas preventivas devem ser acionadas, em particular pela **educação**.

Há duas décadas que a educação em matéria de drogas é objetivo de grande interesse. A partir de 1972, a educação destinada a prevenir o abuso de drogas é considerada, pela UNESCO, como necessidade universal e premente.

De início, em diversos países, a educação preventiva utilizou amplas campanhas de esclarecimento à população, através de informações veiculadas pela imprensa, por publicações, cartazes, palestras, filmes, etc. Ademais, tentou-se inserir, em programas curriculares de educação formal, conteúdos relativos à drogas e seus efeitos.

Através dessas medidas, o que se pretendia era a redução do uso indevido de drogas. Para atingir essa finalidade dissuasiva, os programas educativos começaram por propor informações de cunho alarmista sobre drogas e seus efeitos, com a intenção de chocar e amedrontar os jovens. Com o decorrer do tempo, observou-se, contudo, que essas informações apresentaram sérios inconvenientes. Assim, as campanhas as mais gerais não alcançam a população em seu conjunto.

Baseadas no medo, elas não permitem, nas escolas, estabelecer diálogo com os alunos. Estes associam frequentemente com a linha repressiva. Outros, tais informações podem despertar curiosidade e desejo de experimentar drogas, ao invés de afastar delas.

A exortação "não se aproximem das drogas", para ter credibilidade, precisa pois de fundamentação e argumentação pertinentes, principalmente nas sociedades que não impõem nenhuma ou pouca restrição legal ao consumo de álcool, tabaco ou medicamentos.

As avaliações realizadas em muitos países indicam que os programas de educação preventiva não são eficazes, quando baseados em informações tendenciosas e alarmistas, difundidas indiscriminadamente ou acompanhadas de exortações de cunho moralizante. De acordo com novos programas de educação preventiva, já em andamento, constata-se resultados mais favoráveis ao concentrar-se nos perigos e insistir mais no uso racional e responsável de drogas, ou ainda, ao enfatizar as vantagens de um estilo de vida isento de drogas. A referência a práticas esportivas saudáveis, entre outras, merece aqui destaque.

O enfoque meramente informativo está cedendo lugar, hoje, a uma outra estratégia, a saber, a de utilizar a informação não como núcleo central dos programas de educação preventivas e sim como um **dos** seus **componentes**.

É importante, pois, não se confundir educação com informação, visto que esta, só se torna um valioso instrumento, quando devidamente utilizada e integrada na primeira. Isto vale ainda para a educação física e as suas diversas formas de veicular informações sobre drogas.

No entanto, não se trata de descartar a transmissão de conhecimentos. O que a experiência mostra, é que, informar as pessoas dos riscos de certas práticas, não as leva automaticamente a evitá-las; isto ocorre menos ainda quando não se leva em conta as características psico-sociais dos jovens à qual a campanha se dirige.

Mais importante do que a informação, é a atenção a ser dispensada as necessidades de ordem pessoal e social. Entre estas, o uso de drogas apresenta-se como uma manifestação entre outras. Difundir conhecimentos objetivos sobre os malefícios do uso indevido de drogas é, pois, apenas um passo dentro de um processo bem mais amplo de preparação adequada para a vida, física, mental e social.

A PREVENÇÃO INTEGRADA NA EDUCAÇÃO

De maneira geral, de acordo com as novas tendências que apontam entre os responsáveis pedagógicos dos países ocidentais, a educação preventiva deve fornecer elementos para fundamentar as opções individuais em termos do uso (ou não) de drogas. É importante investigar no incentivo à auto-realização, à auto-estima, ao desenvolvimento do senso de responsabilidade com relação à própria vida, ao próprio corpo. Trata-se portanto de **valores**, a serem concretizados por cada um, segundo a sua opção pessoal quanto à conduta considerada adequada e sadia; ao jovem, tanto

no processo educativo geral quanto em educação física, devem ser transmitidas visões pertinentes e abertas, bem como os meios necessários para fazer essas opções, para que possa se responsabilizar por elas em conhecimento de causa.

A prevenção pela educação objetiva é mais **formar** pessoas, do que **informá-las**. Pretende-se mobilizar nos jovens atitudes e valores considerados como positivos, enconrajando o desenvolvimento de sua personalidade, de seu corpo, de sua criatividade e de atitudes profissionais e sociais que se deixam coadunar com estes valores. A "filosofia" dessa nova abordagem consiste em orientar o potencial sócio-afetivo em direção a um estilo saudável de vida, em que o uso de drogas não desperte sequer interesse, ou então um interesse controlado que não prejudique nem a pessoa nem a sociedade.

Neste sentido, a educação na escola, para ter alcance preventivo, deve situar-se num espaço mais amplo: o uso de drogas não pode ser visto como um aspecto isolado da vida social, mas tem que ser inserido no contexto geral da saúde, da convivência social e da questão dos valores. Assim, as informações baseadas essencialmente em conhecimentos científicos e médicos, passam ao segundo plano, em proveito de reflexões sobre o sentido da existência, sobre a significação dos nossos atos, sobre os valores pelos quais cada um pode optar em função de sua liberdade pessoal, mas pelos quais tem que se responsabilizar — em proveito, em suma, de reflexões **éticas**. A própria educação física constitui, sem dúvida, um amplo campo de experimentação no que diz respeito à transmissão desta nova ética.

Para serem eficazes, os procedimentos que visam reduzir o uso indevido de drogas devem portanto basear-se em uma **estratégia integrada**, que harmoniza as diversas medidas e intervenções. Simultaneamente, é essencial que se promovam alternativas positivas ao uso indevido. Para que isso ocorra, é fundamental a participação plena das instituições governamentais, assim como a mobilização de recursos comunitários. Há vários enfoques possíveis; a dificuldade é de chegar-se a uma abordagem que integre o máximo dos fatores intervenientes no uso indevido de drogas. Sem dúvida, a mais pertinente das abordagens - mas também a mais difícil - será aquela que promover melhor esta integração, em prol das qualidades humanas do usuário de drogas. Cabe ao professor de educação física, inteirar-se destes fatores para que possa, graças ao entendimento pleno de sua intrincada interação, propor aos estudantes visões que levam a alternativas ao uso de drogas.

Resumindo, pode-se dizer que cabe um papel importante à informação, nas estratégias de prevenção ao uso indevido de drogas. Contudo, não se deve esque-

cer o objetivo educativo, se contentando com um "discurso sobre...", onde se descreve os fenômenos objetiva ou cientificamente, mas esquecendo-se que uma ação informativa deve incluir-se em uma verdadeira ação educativa, responsabilidade de todos.

Um relatório da UNESCO, elaborado em 1977, conclui:

- 1) A informação sobre o uso não médico de drogas, sobre o abuso de medicamentos, de álcool ou fumo, deve visar muito mais as condições sócio-psicológicas susceptíveis de impedir ou freiar o uso de drogas, que as características químicas e médicas das drogas;
- 2) A informação sobre drogas deveria estar centralizada na qualidade de vida e das relações pessoais;
- 3) Uma atenção particular é necessária sobre a correlação que eventualmente existe entre o uso de drogas e a situação das minorias ou grupos, submetidos a uma segregação qualquer,
- 4) A realização de programas de prevenção deve se efetuar num clima de confiança; a aplicação de legislação muito repressivas perturba e mesmo impede a aplicação de tais programas.

A experiência indica que a abrangência, objetividade e atualização das informações é um ponto fundamental em termos de educação preventiva. Devem ser descartados os enfoques alarmistas, sensacionalistas, moralistas ou emocionais, em proveito de um enfoque construtivo. É fundamental que essa informação aborde o problema em toda a sua complexidade. Analisar os conflitos e motivações individuais e sociais que intervêm no consumo, mencionar a problemática do adolescente, as pressões do grupo (inclusive nas práticas esportivas) ou as dinâmicas intrafamiliares, tem mais valor preventivo do que a simples informação sobre as drogas e seus efeitos.

Para delinear corretamente as premissas da educação preventiva, cabe lembrar **os três níveis de prevenção**, tradicionalmente enfocados na medicina, a saber, **primária, secundária e terciária**.

Como já ressaltamos, o modelo médico tradicional de prevenção, baseado em considerações de ordem epidemiológica e sanitária, exige algumas ressalvas, quando aplicado ao consumo de drogas. Intervêm em sua ocorrência, além dos fatores farmacológicos e biológicos, fatores psicológicos (a questão da personalidade e das motivações para o consumo) e sociais (os valores ligados ao consumo e à pressão que se

exerce sobre os indivíduos), além de outros, econômicos, políticos, geográficos, que de modo nenhum podem ser negligenciados.

Não obstante, tecemos algumas considerações sobre uma aplicação possível deste modelo tradicional, em particular ao trabalho em escolas.

A **prevenção primária** pretende intervir antes que surja algum problema, no sentido de um conjunto de medidas que visam a uma educação para a saúde. Três pontos essenciais se destacam:

- esta prevenção tem que ser precoce, ou seja, tem que se aplicar a crianças, através do oferecimento de atividades prazerosas, criativas e educativas;
- ela deve ser inserida no quadro mais amplo de uma educação para a saúde, de forma a tornar atraentes as regras sadias de vida, tanto fisiológica quanto psicológica;
- ela tem que se apoiar em "educadores naturais", em primeiro lugar os pais e os professores; entre estes, aqueles de educação física ocupam uma posição de destaque, devido à sua grande proximidade dos alunos.

Aplicada aos problemas de drogas, podemos entender a **prevenção secundária** como um prolongamento da prevenção primária, uma vez que esta não alcançou os objetivos pretendidos. Por exemplo, o adolescente está em dificuldades (pessoais, sociais, familiares,...) ou já está consumindo drogas, por simples curiosidade ou de maneira intermitente. Neste caso ele não é toxicômano, mas corre este risco. Novas aproximações devem ser empreendidas, em particular a nível de uma comunicação mais dirigida para o jovem, tentando aprofundar o diálogo baseado na compreensão recíproca.

Para alguns autores a **prevenção terciária** confunde-se com tratamento e/ou reabilitação. Aplicada às drogas, ela tem como objetivo **evitar a recaída**, visando a reintegração do indivíduo na sociedade, possibilitando-lhe novas oportunidades de engajamento na escola, nos grupos de amigos, na família, etc.

No caso de uso de tóxicos, supõe-se que a dependência já esteja instalada; a prevenção terciária atuaria, então, antes, durante e depois do tratamento:

- antes do tratamento, a intervenção visa levar o jovem a formular um pedido de ajuda; visa, ainda, o favorecimento de uma relação terapêutica afetivamente privilegiada;
- durante o tratamento, visa intervir para que

não se rompa um processo terapêutico ou de ajuda já iniciado; ademais, visa desdramatizar a situação, sem contudo minimizá-la;

- após o tratamento, isto é, após o abandono do consumo de drogas, visa uma ação conjugada com uma instituição especializada em reinserção social.

Resumindo: Prevenir o uso indevido de drogas é uma tarefa tão importante quanto complexa, uma vez que toca à educação em seu sentido mais amplo, incluindo a questão dos valores. Entendemos que educar é uma tarefa que implica um relacionamento entre pessoas que têm objetivos em comum, envolvendo sentimentos, interesses e motivações no presente, trocando experiências anteriores e aspirações quanto ao futuro.

MEDIDAS PREVENTIVAS NAS ESCOLAS

Com o aumento crescente do uso de drogas por parte dos jovens, as instituições de ensino e assistência veem-se constantemente solicitadas a intervir. Muitas vezes, porém, elas estão despreparadas e temerosas diante do problema, o que vale também para as escolas de educação física. Procuraremos aqui delinear linhas gerais de planejamento e de condutas a seguir. As ideias apresentadas servem apenas de ponto de partida para as intervenções a serem adotadas, visando proporcionar alguns elementos de reflexão aos professores e educadores. É importante, portanto, que cada um tente adequar as medidas aqui propostas à sua realidade.

Enumeramos em seguida uma série de propostas a serem consideradas quando se planeja intervenções preventivas em escolas de educação física:

- Estimular a participação de todo o corpo de funcionários da instituição, para que possam participar de cursos, seminários e debates sobre a questão das drogas. Para tanto, contar com o apoio de profissionais especializados no assunto, inseridos na comunidade (psicólogos, enfermeiros, médicos, juristas, assistentes sociais, etc).
- Levar em conta a realidade e o estilo de vida dos alunos, tendo em vista que as drogas já fazem parte do seu dia-a-dia, seja como medicamentos, seja como parte de celebrações e rituais.
- Verificar a extensão e as ramificações do problema, identificando alunos ou pessoas de fora que estejam promovendo o uso indevido de drogas, para investigar o seu modo de agir

e os canais que utilizam, a fim de adotar as precauções e contramedidas correspondentes.

- Estabelecer fins realistas e alcançáveis; ter em mente que a questão das drogas não comporta soluções mágicas ou imediatas, para não criar expectativas de que a questão poderia deixar de existir a partir de informações e intervenções.
- Promover, de forma coordenada e integrada, a participação de todos os alunos, de modo a tornar claro que o problema, bem como as soluções adotadas, são de responsabilidade de todos, ao invés de ficar à procura de culpados.
- Utilizar recursos materiais e técnicos da instituição e de seu corpo técnico, e zelar pela capacitação de todo o pessoal envolvido.
- Levar em conta o poder de pressão dos grupos, ídolos, amigos, lembrando-se de que às vezes é difícil ao indivíduo resistir a ela, em particular diante de ídolos esportistas.
- Estimular o papel da instituição no desenvolvimento de atividades de lazer e de criatividade, com vistas a um "culto do corpo" saudável e sem exageros.

Conforme explicitado acima, os três níveis de prevenção se deixam aplicar também às instituições. Cabe lembrar, todavia, que estas distinções são esquemáticas e que todas as intervenções exigem flexibilidade, visto a complexidade da questão.

Como em nossa sociedade as **drogas** são onipresentes, é óbvio que todas as escolas devem se preocupar com esta perspectiva; todos, portanto, devem se interessar em desenvolver estratégias que podemos chamar de prevenção primária.

Em suma, cabe orientar a educação física para o **desenvolvimento social e afetivo** dos jovens, promovendo um estilo equilibrado de vida, através do oferecimento não somente de atividades desportivas, mas de outras variedades (recreativas, culturais, vocacionais, etc). Assim facilita-se o atendimento às necessidades físicas e às demandas sociais, intelectuais e afetivas dos jovens, sobretudo dos mais vulneráveis, de modo que o uso indevido de drogas desperte pouco interesse - e que este, quando surgir, possa ser canalizado ou absorvido sem envolvimento pernicioso. A boa comunicação com o aluno facilitará sempre a troca de informações e a discussão aberta.

Insistimos em particular sobre o seguinte:

- Aproveitar as horas de folga dando apoio, fa-

cidade e orientação para ocupações voluntárias, a fim de tornar possível a escolha de atividades prazerosas e saudáveis, de preferência coletivas;

- Impulsionar e dar apoio às atividades de criação, visando o favorecimento da espontaneidade e da liberdade de escolha e canalizando tensões negativas em direções construtivas, proporcionando maior confiança nas próprias capacidades;
- Insistir sobre sentimentos de valor pessoal, incentivar uma percepção positiva de si mesmo e estimular a auto-estima, transmitindo reconhecimento explícito de aptidões, habilidades e bom desempenho pelos professores e turmas;
- Criar condições de crescimento pessoal e social promovendo o desenvolvimento de habilidades psicossociais, em particular:

- habilidade de comunicação pessoal e de convívio;
- habilidade de identificar as razões das pressões externas que procuram induzir a adoção de modismos;
- habilidade de aliviar construtivamente tensões e ansiedades, facilitando o trato das dificuldades;
- habilidade de enfrentar os problemas, tomado decisões que levem em conta os vários lados da questão;
- habilidade de exercer auto-crítica, de modo a formar uma imagem realista de si mesmo;
- habilidade de escolher metas atingíveis, examinando as situações e comparando as diversas possibilidades;
- habilidade de escolher críticas construtivas, admitindo falhas pessoais, bem como a responsabilidade pela própria conduta;
- habilidade de tolerar presença e interferência de outros, sem se sentir ameaçado ou invalidado.

No caso de surgirem problemas que envolvem consumo de drogas, cabe enfrentar estas situações com serenidade, para que o problema não seja dramatizado nem subestimado. Destacamos uma série de atitudes e abordagens passíveis de serem adotadas em tais ocorrências iniciais:

- Não esperar que "o tempo resolva as coisas", sem pensar na probabilidade de

que as piore.

- Tentar sempre combater as causas, ao invés de se voltar para as reações manifestas, atacando só as consequências.
- Não utilizar ameaças como formas principais de intervenções, exagerando os perigos das drogas e as punições correspondentes, pois agindo assim corre-se o risco de estar abalando a credibilidade de todas as demais informações sobre o assunto.
- Procurar compreender as dificuldades e os conflitos dos alunos usuários, ao invés de tratá-los unicamente como transgressores.
- Não exagerar os aspectos morais cobrando deveres ou gratidão, evitando centralizar tudo em sentimentos de culpa ou em princípios religiosos.
- Facilitar ainda mais a comunicação e o convívio com os usuários, procurando adotar condutas tais como:

- ter em mente que a condição fundamental para a mudança é a consciência e o desejo do usuário;
- mostrar-se interessado no problema e ciente das suas implicações;
- oferecer ajuda concreta ao invés de mostrar-se horrorizado ou ficar a se lastimar;
- não revelar impaciência ou apelar para represálias ou chantagem;
- não adotar condutas violentas, física ou moralmente, ou mesmo a expulsão.

No entanto, às vezes não é possível eliminar ou barrar com eficiência problemas iniciais. Nestes casos, cabe proceder a uma avaliação criteriosa da situação, eventualmente consultando especialistas. Os usuários detectados devem ser incentivados a procurar uma terapia adequada; os traficantes externos, eventualmente detectados devem ser denunciados. Medidas de prevenção "terciária" aplicam-se em particular aos usuários já dependentes de drogas que reconhecem o seu estado, sofrem e desejam livrar-se dele. Eis uma série de medidas que podem ser adotadas:

- Propiciar condições para que o aluno possa formular um pedido de ajuda, sem que seja forçado por instâncias parentais, policiais, jurídicas, médicas ou institucionais.
- Indicar várias alternativas de tratamento, deixando-lhe livre a escolha de um deles.
- Não condenar, nem rejeitar ou moralizar, e nunca humilhar qualquer que seja a circunstância, o aluno usuário.

- Ter sempre em mente que nenhum dependente de drogas é irrecuperável.
- Ajudar na reintegração social, oferecendo alternativas de atividades esportivas, de lazer, culturais, sociais, profissionais, privilegiando aquelas que detêm maior potencial de socialização.
- Atentar para fatores que criam embaraço à reinserção social, a saber:
 - facilidade de acesso à droga;
 - situações de miséria social ou psíquica;
 - exemplos de uso indevido na própria família ou no grupo a que pertence;
 - pressão dos companheiros;
 - falta de ajuda ou rejeição de parentes, responsáveis e amigos;

As atitudes e atividades preventivas enumeradas não são fáceis, mas elas são possíveis e são prementes.

A sua implantação e o seu desenvolvimento em escolas de educação física são de responsabilidade de todos os profissionais da instituição. A primeira tarefa é de se familiarizar com o assunto; a segunda, de transmitir informações afetiva e socialmente integradas, quando solicitadas ou quando surgem problemas decorrentes da presença de drogas; a terceira, de prestar assistência mostrando, simultaneamente, compreensão e firmeza.

Em nenhum caso, a atitude de não-querer-ver é rendosa; estes problemas existem, se alastram nas escolas e na sociedade, atingem a todos e dizem respeito a todos. Somente a conscientização dos educadores poderá contribuir a ações preventivas eficientes, nas próprias escolas desportivas, para diminuir, senão a presença, pelo menos o abuso de drogas entre os alunos.

Estes, além de serem futuramente adultos e profissionais, serão também pais. Por isto, devem se capacitar, através de uma formação ampla, integrada, crítica e consciente, de enfrentar os problemas cruciais da sociedade, tais como as drogas, para que possam, um dia, transmitir ideias e posturas coerentes e "limpas" aos seus próprios filhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCHER, R.: A Toxicomania, Paradigma da Dependência Humana. Humanidades (Universidade de Brasília), 10,60-68; 1986.
: Os Jovens e a Transgressão. Id, 14,16-21; 1987
- CHARBONNEAU, P.E & al. Pais, Filhos e Tóxicos. São Paulo: Ed. Almed, 1982.
- MEDEIROS, E.B.: Prevenção do Uso de Drogas. (5 fascículos). MJ - Ministério do Exército; 1984.
- NOWLIS, H.: A Verdade sobre a Droga - A Droga e a Educação. Paris: UNESCO, 1975. (3 ed. 1982).
- OLIEVENSTEIN, C: A Droga. São Paulo: Ed. Brasihense, 1980(1984).
- SANCHEZ, A.M. I. & al.: Drogas e Drogados. O Indivíduo, a Família, a Sociedade. São Paulo: E.P.U., 1982.

CONCLUSÃO

Lamartine Pereira da Costa
Richard Bucher

A unidade temática dos textos que acabamos de apresentar, é tão ampla como o próprio título da publicação: sequência de três conjuntos de ideias que, cada um, permite interpretações múltiplas e juntos, combinações infundáveis. Daí a diversidade dos diferentes textos, isolando conhecimentos apesar dos seus nexos evidentes, conforme a opinião do cada autor, cuja autonomia se prendia respeitar.

Isto pode ser um inconveniente para a compreensão sistemática das ideias expostas, mas por outro lado, pode ser considerado um enriquecimento, em particular diante da concepção geral da publicação: não apresentar receitas acerca da prevenção, mas fazer pensar sobre o valores humanos implicados no trato que a sociedade aplica ao corpo, seja pelos seus programas oficiais de educação física (e de formação de educadores nesta área), seja nas diversas ações preventivas empreendidas nos meios da educação, saúde e justiça.

Acreditamos que os textos, em toda a sua diversidade, oferecem indicações que se deixam resumir como se segue:

a) Os valores humanos, embora de difícil definição operacional, devem entrar em qualquer consideração sobre o que é saúde física e mental e sobre os meios preventivos colocados à disposição da sociedade no seu conjunto, no sentido não de imposições autoritárias, mas de direitos humanos;

b) A problemática de agressão ao corpo vivido, no que se refere ao uso de substâncias nocivas, está ainda em desenvolvimento, apontando larga margem de contribuições nas diferentes ordens de conhecimento;

c) A variedade de concepções, meios e técnicas de prevenção sugere que este procedimento nada mais é do que um ponto de partida para se chegar à preservação não apenas do corpo, mas do homem e do seu ambiente, enquanto propósito de natureza filosófica, sociológica e educacional;

d) A educação física é uma área de conhecimento que tem oscilado entre a prevenção e a preservação, procurando paradigmas que lhe dê significados simultaneamente científicos e humanistas.

Assim sendo, e considerando controvérsias inerentes à (a), (b), (c) e (d), ao se propor soluções para a problemática do consumo de drogas legais e ilegais, entende-se que professores e alunos universitários podem abordar o tema trabalhando em pequenos grupos (debates, discussões, julgamento simulado, dramatização, etc), segundo livre arbítrio e em qualquer das disciplinas curriculares em vigor. Esta preferência sobre disciplina específica ou treinamento sobre drogas evita a adoção de informações pré-fabricadas, talvez mais adequada a outros tipos de destinatários. Dirigida ao magistério superior e acadêmicos de educação física,

tal sugestão ajusta-se à particularidade de uma ampla reforma curricular, em andamento no presente.

Um exemplo que oferece tipicidade e reforço à autogestão e autoreflexão na abordagem do tema, concerne ao paradoxo, ainda insolúvel, da troca de legalidade, revelando a sua profunda relatividade cultural e histórica: enquanto as drogas legais tendem cada vez mais a serem controladas por disposições normativas, há "proposições jurídicas tecnicamente fundadas que defendem a descriminalização dos farmacodependentes.

Havendo controvérsias e paradoxos, há sempre opções e posições a serem discutidas quando os desti-

nos da coletividade estão em jogo. Dentro desta perspectiva, insere-se a recomendação final dos autores desta publicação. Em concordância com o espírito que norteou a elaboração dos textos, eles dispensam a discussão de metodologias de aplicação das diversas propostas veiculadas, ou de avaliação dos resultados obtidos; para alcançar o objetivo pautado, aquele de contribuir para a fundamentação criteriosa de uma pedagogia humana no ensino superior em particular naquele de educação física, será suficiente que as ideias expostas sejam discutidas e ventiladas. Ademais, qualquer retorno aos autores será para eles gratificante.

SOBRE OS AUTORES

CLÁUDIO CORTES PAIVA: Médico-psiquiatra, formado pela Universidade de Brasília, atuando no CORDATO/UNB desde sua implantação.

DENISE DONEDA: Psicóloga formada pela Universidade de Brasília, técnica do CORDATO/UNB atuando nas áreas clínicas preventivas e de pesquisa.

DENISE VOURAKIS DIAS: Psicóloga formada pela Universidade de Brasília, arteterapeuta e técnica do CORDATO/UNB.

EDUARDO HENRIQUE DE ROSE: Médico, Doutor em Medicina Desportiva, professor adjunto de medicina do esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Presidente da Confederação Panamericana de Medicina Desportiva.

JOSÉ MÁRIO SIMLL CORDEIRO: Psiquiatra. Diretor do NEPASM - Núcleo de Estudos, Pesquisa e

Assistência à Saúde Mental — UNB. Professor Requisitado no MDG - Faculdade de Ciência da Saúde.

LAMARTINE PERED*A DA COSTA: Doutor em Filosofia, livre-docente pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ, licenciado em Educação Física, Membro do Conselho Internacional de Ciências da Educação Física e do Esporte da UNESCO, e professor do Mestrado em Educação Física da Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro.

RICHARD BUCHER: Psicanalista de origem suíça, doutor em psicologia pela Universidade de Louvain (Bélgica), professor do Departamento de Psicologia clínica e coordenador do CORDATO/UNB.

SILVINO SANTIN: Doutor em Filosofia pela Universidade de Paris, professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria-RS.

Capa e Planejamento Gráfico
Cláudio Dallago

Produção e Impressão
Diplomata Gráfica Editora Ltda.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)